

OS TRABALHOS E OS DIAS

ISBN 978-85-89075-13-8

Hesíodo.

Os trabalhos e os dias / Hesíodo ; edição, tradução,
introdução e notas : Alessandro Rolim de Moura. -
Curitiba, PR : Segesta, 2012.

152 p. ; 21 cm. - (Raízes do pensamento econômico ; 2)

Texto em grego com tradução paralela em português.
Inclui bibliografia.

1. Economia – Obras anteriores a 1800. I. Moura,
Alessandro Rolim de. II. Título. III. Série.

CDD (22ª ed.)
330

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Hesíodo

Os trabalhos
e os dias

Edição, tradução, introdução e notas de
ALESSANDRO ROLIM DE MOURA

Curitiba
2012



SEGESTA
EDITORA

Título original: ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

HESÍODO

Título traduzido: OS TRABALHOS E OS DIAS

ALESSANDRO ROLIM DE MOURA

Capa e ilustrações (pastel seco e nanquim): DANIELA VICENTINI

Capa: Ilustração a partir de cerâmica grega ateniense, assinada por Nikosthenes, 550-500 a.C., Berlim, Antikensammlung, Schloss Charlottenburg, F1806.

Página 57: Ilustração a partir de cerâmica grega ateniense, atribuída ao pintor de Antimenes, 550-500 a.C., Museu Britânico, Londres, 1837.6-9.42.

Finalização: BIBIANA HOFFMANN DE SOUSA

Editoração eletrônica: GISELE MARIA SKROCH

Revisão do texto em português: SILVANA SEFFRIN

Revisão do texto em grego: PEDRO IPIRANGA JR.



SEGESTA
EDITORA

Rua Desembargador Westphalen, 15, Conj. 1705

Curitiba / PR

80010-903

Tel.: (41) 3233 8783

www.segestaeditora.com.br

e-mail: segesta@uol.com.br

AGRADECIMENTOS

Muitos colegas e amigos me ajudaram neste projeto.

Agradeço especialmente a Sandra Rocha e Sandra Bianchet, que me enviaram material bibliográfico; a Roosevelt de Araújo Rocha Jr., que leu e fez anotações a um dos primeiros esboços da tradução; a Christos Simelidis, que discutiu comigo passagens específicas do texto grego e questões de editoração; ao Dr. Martin L. West, que viu o trabalho em sua fase final e me enviou importantes sugestões sobre as siglas e o aparato crítico, além de ter me chamado a atenção para o tratamento problemático que eu vinha dando a uma questão gramatical; a Pedro Ipiranga Jr., que revisou minuciosamente o texto grego e a introdução e me salvou de diversos equívocos; finalmente, a toda a equipe da Editora Segesta, pela confiança e paciência, bem como por sucessivas leituras que sempre vinham acompanhadas de sugestões. Quaisquer erros que tenham permanecido serão de minha inteira responsabilidade.

Este livro é dedicado à memória de Marzia Terenzi Vicentini.

A. R. M.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I Proposta deste livro.....	11
II Quem é Hesíodo?	17
III O texto dos <i>Erga</i>	36
IV Siglas dos testemunhos citados no aparato crítico e outras convenções utilizadas	42
V Bibliografia	48
ΗΣΙΟΔΟΥ ΕΠΤΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ	60
ΗΕΣΙΟΔΟ – ΟΣ ΤΡΑΒΑΛΗΟΣ Ε ΟΣ ΔΙΑΣ	61
ΑΠÊNDICE.....	145

INTRODUÇÃO

I PROPOSTA DESTE LIVRO

Esta edição tem como objetivo servir, a um só tempo, a públicos diversos. Como o plano de fazer uma nova tradução de *Os trabalhos e os dias* (*Erga kai hemerai*)¹ de Hesíodo surgiu no contexto da coleção Raízes do Pensamento Econômico, um primeiro horizonte de leitores é o dos economistas e demais pessoas interessadas na história das ideias econômicas. Para estes, fazia-se necessário um texto português completo, numa linguagem que, antes de procurar reproduzir os efeitos poéticos do original, deixasse tão clara quanto possível a visão de mundo de Hesíodo naquilo que ela tem de relevante para a área da economia, sem criar dificuldades excessivas para um público que não está necessariamente habituado à leitura da poesia antiga. Daí uma das razões de termos optado por uma tradução que se aproxima da prosa contemporânea, sem as restrições que a escolha de um metro específico acabaria por impor. Por outro lado, traduzir a poesia de Hesíodo sem atentar em nada para a arte dos versos gregos e para as obscuridades do autor seria impossível, e todo o tempo acompanhou-nos a preocupação de evitar formulações que

1 Em latim, *Opera et dies*, abreviado *Op.*

banalizassem o original. Os *Erga* nunca foram simplesmente um texto técnico de agricultura ou um manual de economia. A obra constitui um desafio para os intérpretes e uma constante fonte de surpresas com seu amálgama de crítica social, sabedoria milenar, narrativa mítica, discurso indignado, religiosidade e observação do cotidiano e da natureza, amálgama este vazado num estilo às vezes enigmático e profundamente marcado pela tradição da poesia oral da Grécia arcaica. Assim, se muitas vezes nosso texto em português soar antiquado e misterioso, ou distante da linguagem de hoje, isso corresponde a um respeito mínimo pela língua hesiódica. Se, além disso, conseguirmos oferecer aos leitores uma tradução que lhes pareça escrita numa prosa razoável, ainda que muita vez áspera, teremos prestado uma pequena homenagem à difícil beleza do poema grego.

Igualmente no sentido de facilitar a consulta da tradução, acrescentamos alguns subtítulos em itálico separando o poema em seções. Que isso não gere, todavia, a impressão de que o texto de Hesíodo progride segundo um plano absolutamente lógico. Muitas vezes alguns temas se repetem em partes diferentes, digressões inesperadas interrompem o argumento e conceitos sem relação aparente entre si se justapõem em conexões desconcertantes. Isso tudo é provavelmente o resultado de uma obra composta, ao menos em parte, segundo princípios de improvisação típicos da poesia oral, que nem sempre obedecem à ordem de uma exposição metódica. Analogias sugeridas pela dimensão imagética ou emotiva de uma determinada passagem vão frequentemente se sobrepor às exigências do didatismo.²

2 O elo que conecta Hesíodo a uma poesia de tradição oral é bem demonstrado por Edwards, 1971 (ver também Pavese e Venti, 2000). Possíveis

O segundo grupo de leitores que temos em mente é bastante diferente do primeiro. Pensamos que a edição poderia ser útil também aos estudantes de grego. Para tanto, resolvemos fornecer também o texto original. Nossa tradução tende ao literal e procura seguir de perto a ordem do grego, de modo que cada linha em português corresponde quase exatamente aos conteúdos do verso grego de mesmo número. Portanto, mais do que se arrogar o *status* de obra literária *per se*, a tradução visa também ajudar a ler o original. Dessa forma, aqueles que têm uma instrução mínima na língua grega, poderão perceber no grego o trabalho artístico de Hesíodo. Com esses dois grupos de leitores em mente concebemos também a introdução, que não se pretende um estudo da obra de Hesíodo, mas uma apresentação para um público menos especializado, ao qual se oferecem também indicações bibliográficas para quem desejar um maior aprofundamento.

Também com o fim de prestar um serviço aos estudantes de Letras Clássicas, fornecemos um aparato crítico resumido, que apresenta aquelas variantes da tradição manuscrita que julgamos mais pertinentes, bem como algumas intervenções de filólogos anteriores. Nenhuma obra antiga está desprovida de problemas textuais (exemplo famoso é o da própria Bíblia, cujo texto é constituído diferentemente por diferentes editores a partir de milhares de manuscritos, dos quais não temos nem sequer dois que coincidem em tudo). Acreditamos que imprimir um texto grego ou latino sem dar indicações básicas sobre isso é privar o público leitor de informações de suma importância, e pode gerar a falsa impressão de que existe um texto único de Hesíodo, Sófocles ou Cícero. Para voltarmos ao

consequências disso para a composição de *Os trabalhos e os dias* são discutidas por West, 1978, p. 41-59.

caso presente, os mais de 260 manuscritos de *Os trabalhos e os dias* apresentam inúmeras diferenças entre si. Traduzir o poema é necessariamente traduzir uma dessas versões, ou uma nova versão que incorpore aspectos diversos dos diferentes testemunhos que conservam a obra. Daí a necessidade de mostrar, de forma explícita e sintética, quais são as variantes, ao menos as mais decisivas. Estas às vezes correspondem à ausência de um determinado verso na maior parte dos testemunhos, à ordenação distinta dos versos em diferentes manuscritos, à troca de uma palavra por outra, a diferenças nos tempos verbais, etc. Se escolhermos uma variante específica para servir de base à tradução, o trabalho fica mais completo se damos ao leitor condições de perceber que o texto grego daquela passagem não é o único possível e de julgar por si mesmo qual variante é a mais satisfatória.

Para esse fim, não é estritamente necessário consultar todos os manuscritos existentes. Esse trabalho já foi feito, em grande parte, por filólogos extremamente competentes e dedicados que colacionaram dezenas de códices medievais, papiros, citações de outros autores gregos, e o resultado dessa investigação está disponível nas grandes edições críticas (e.g. Rzach, Wilamowitz, West, Solmsen). Embora muitos códices, principalmente os mais recentes, ainda não tenham sido analisados a fundo, certamente aqueles mais antigos e que se pôde até o momento identificar como os principais foram objeto de colações relativamente exaustivas. Nosso trabalho, a esta altura da história da filologia, nas nossas condições de pesquisa e numa edição com fins didáticos e de divulgação, é simplesmente apresentar, num livro brasileiro de fácil acesso, os elementos principais dessa tradição textual. Teremos também a oportunidade de levar em conta as lições de

papiros trazidos à luz após as edições de West e Solmsen (como o P. Schøyen MS 5068, provavelmente o mais antigo papiro hesiódico já descoberto): destes, que colacionamos por meio de fotografias, nosso aparato crítico reporta todas as variantes de importância que é possível ler com certeza. Desejamos que esse aparato crítico, complementado pelas notas filológicas em português que acompanham a tradução e por algumas informações que forneceremos no material introdutório e no apêndice, possa ajudar a familiarizar os estudantes com a linguagem da crítica textual e incentivar a produção de edições dos clássicos cada vez mais completas do ponto de vista filológico. Mesmo o público leigo vai se beneficiar de edições com tal preocupação, pois terá ao seu dispor textos mais confiáveis e que retratam mais corretamente as transformações históricas pelas quais esses textos passaram. Embora nosso trabalho não seja propriamente uma edição crítica, mas apenas uma edição bilíngue com notas críticas mínimas, acreditamos que se pode aguçar a consciência dos estudiosos brasileiros para essas questões, e que é perfeitamente possível, mesmo com as limitações de nossas bibliotecas, realizar trabalhos mais conscientes dos problemas de estabelecimento de texto presentes na literatura clássica. O ambiente universitário atual, ademais, permite mais viagens a grandes centros, e as novas tecnologias dão a público cada vez mais imagens digitalizadas de manuscritos. Esse contexto faz pensar que, mesmo a curto prazo, filólogos brasileiros poderão realizar projetos mais ambiciosos nesse campo.

Quando começamos a caminhar com base nesses princípios, o contato com detalhes do texto e com as diferentes interpretações provenientes das variantes textuais torna a tradução de cada passagem um dilema ainda maior do que faria supor a atenção às já

complexas virtualidades artísticas e semânticas de uma frase grega num livro didático de língua ou numa edição que ignorasse de todo os problemas textuais. Por mais modestos que sejam nossos objetivos, é inevitável, vez por outra, que uma certa liberdade de pensamento nos leve a discordar das propostas de filólogos anteriores. Daí o fato de esta edição fornecer um texto grego que não é exatamente igual a nenhuma edição anterior, e de nosso aparato crítico ser redigido também de acordo com determinadas escolhas individuais. Teria sido com certeza mais fácil utilizar o fac-símile de uma edição autorizada. Mas ler os aparatos críticos das edições anteriores nos torna mais críticos. Seria despropositado, é claro, modificar o texto de acordo com a mera pretensão de ser um editor original. Como a edição de West é sem dúvida a mais completa que já foi feita e o seu conhecimento da língua grega e da sua poesia a um só tempo muito vasto e preciso, evitamos (com exceção de pouquíssimos casos) discordar dele em questões menores, como a pontuação e a acentuação, e todas as diferenças entre este texto grego e o de West são listadas no apêndice ao final do volume. Para o estudante médio de nossas universidades, edições críticas tão pormenorizadas como a de West poderão talvez intimidar uma leitura mais profunda, e o aparato ao pé da página parecerá por vezes indecifrável. Nosso aparato é mais simples, a começar, por levar em conta um menor número de testemunhos (unicamente aqueles que consideramos imprescindíveis), e também por usar uma linguagem menos abreviada. Está, todavia, ainda redigido em latim, conforme a melhor tradição. Apenas se acostumando com o aparato em latim o estudante vai se tornar capaz de lidar com as edições mais completas, pois quase todas adotam esse princípio. É uma dificuldade da linguagem desse campo de estudos, a qual

tem suas razões práticas e históricas. Não é recomendável proteger nossos estudantes desse percalço. Por outro lado, os filólogos de vocação aos poucos aprenderão o prazer de interpretar e manusear a língua do seu campo do saber.

Passemos agora a uma apresentação do autor e da obra, bem como a uma explicação concisa da história do texto de Hesíodo, seguida de uma lista didática das siglas e abreviaturas usadas no aparato crítico e dos sinais críticos utilizados nesta edição.

II QUEM É HESÍODO?

Diferentemente do que ocorre com Homero, Hesíodo ainda é tratado pelos estudiosos contemporâneos como figura histórica de existência quase indubitável, alguém de carne e osso, passível inclusive de uma abordagem biográfica. Essa atitude da crítica é estimulada pelo próprio texto hesiódico, que, em diversas oportunidades da *Teogonia* e de *Os trabalhos e os dias*, apresenta uma voz autoral que fala de si mesma explicitamente. Isto é, embora Homero contenha passagens em que o ofício do aedo é descrito, em praticamente nenhuma delas vemos o poeta da *Iliada* e da *Odisseia* (se é que se trata de apenas um poeta) emergir com clareza e falar de si mesmo utilizando a primeira pessoa. Em Hesíodo, não só vemos claramente afirmado o caráter poético do texto que está sendo enunciado, mas também o sujeito por trás desse texto coloca-se orgulhosamente como um profissional nessa arte.³ No texto homérico, a referência ao “eu” narrativo-poético ocorre, quando menos indiretamente, nas invocações e em certos trechos em que a voz que

3 Havelock, 1996 [1963], p. 116-117.

narra compara os heróis da epopeia aos “homens de hoje”.⁴ Essas referências, ainda que nos façam entrever mais concretamente um poeta que um dia compôs aqueles versos, são muito fugidias se comparadas ao que vemos em Hesíodo, o primeiro poeta ocidental a falar em seu próprio nome e dar indicações mais precisas sobre sua vida pessoal.⁵ Na *Teogonia* 22-33, o poeta nos conta como um dia, quando apascentava suas ovelhas no monte Hélicon, as Musas dirigiram-se a ele e o tornaram poeta. Já nos *Trabalhos*, versos 27-41, Hesíodo comenta os desentendimentos sobre a partilha da herança paterna que ele tem com seu irmão Perses. Mais adiante, em 633-640, lemos que o pai do autor costumava apelar a viagens marítimas para escapar à pobreza. Foi fugindo desta última que ele abandonou Cime, na Ásia Menor, e se estabeleceu em Ascra, perto do Hélicon. Alguns versos depois (646-662), continuando o tema da navegação, Hesíodo comenta que ele próprio nunca se aventurou no mar, exceto quando uma vez foi a Eubeia participar dos jogos em honra de Anfidamante, nos quais obteve uma vitória com um hino. Essa foi a sua única experiência com barcos, mas mesmo assim, diz ele, tratará desse assunto, pois as Musas, que o introduziram no caminho da poesia, ensinaram-no a cantar um canto extraordinário.

- 4 Note-se, no entanto, que a visão de um narrador homérico absolutamente “objetivo” tem cada vez menos credibilidade na crítica, principalmente a partir da aplicação mais sistemática da narratologia à análise dos poemas (ver e.g. de Jong, 1987, 1997 e 2004, p. 13, 14-18).
- 5 Barron e Easterling, 1985, p. 92. É pela *Teogonia* 22 que ficamos conhecendo o nome “Hesíodo”, para cuja discutida etimologia (possivelmente “aquele que tem prazer com o caminho” ou “aquele que emite canto”, ou ainda “aquele que percorre a via do canto”) ver Most, 2006, p. xiv-xvi, e Ercolani, 2010, p. 51, n. 1.

Poderíamos talvez ver nessa diferença entre a postura homérica e essa guinada “autobiográfica” de Hesíodo o sinal de uma evolução, da passagem de um estágio em que o poeta se vê como um discreto intermediário das Musas para uma poética em que o artista está mais consciente de seus meios e apresenta uma individualidade mais delimitada.⁶ Mas nada impede que as diferenças apontadas acima sejam imputáveis também à distinção entre os gêneros literários envolvidos. Se pensamos na literatura sapiencial antiga tal como caracterizada por West, veremos que nela é comum que os ensinamentos sejam proferidos pela voz de uma figura que se apresenta como pessoa experiente, cuja existência explica, justifica e dá autoridade a sua opção pelo discurso didático. A vinculação de Hesíodo a esse tipo de literatura é também verificável por outras razões (como o emprego da fábula), o que nos leva a crer que é muito mais a forma literária posta em ação que faz a personalidade do poeta vir à tona.⁷

- 6 Assim apresentam o problema, por exemplo, de Romilly, 1973, p. 158-159; Krausz, 2007, p. 111-115. Note-se a visão do desenvolvimento histórico dos gêneros literários gregos em Snell, 2001 [1955], p. 55-56.
- 7 Ver West, 1978, p. 3-25; Nagy, 1990, p. 48, 54, 71-72. É muito debatida a ligação de Hesíodo com a literatura de outros povos da Antiguidade, principalmente em função dos marcantes paralelos entre, de um lado, a *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, e, de outro, certos textos do Oriente próximo (ver, por exemplo, a semelhança entre o mito das raças em Hesíodo e as quatro eras associadas a quatro diferentes metais em antigos escritos persas, como relata West, 1978, p. 174-175; cf. Barron e Easterling, 1985, p. 101). Sem descartar a possibilidade de que certas histórias e formas literárias circulassem entre povos de diferentes línguas na época de Hesíodo, ou tivessem sido transmitidas à Grécia antes da época deste e conservadas na tradição dos aedos, há que se observar também que muitos aspectos da literatura sapiencial que se repetem em obras de épocas e povos diferentes podem ter se desenvolvido independentemente, dadas certas tendências e sugestões criadas pelo próprio tema e pelo recorte da realidade que este impõe. Por

O quanto da personalidade e dos acontecimentos expostos nos poemas baseia-se na própria vida do poeta é incerto. A tentativa de reconstruir a biografia do autor com base no que ele diz de si mesmo nos poemas⁸ esbarra em basicamente duas dificuldades: em primeiro lugar, o discurso autobiográfico de Hesíodo não é suficientemente claro e livre de contradições; além disso, não sabemos o que ali não é fruto de uma elaboração poético-ficcional que obedece às exigências criativas do gênero literário e de cada obra específica. Negar totalmente, porém, a veracidade do que os poemas expõem sobre a vida de seu autor, com base na ideia de que temos ali pura e simplesmente uma construção literária, não se oferece como uma postura equilibrada.⁹ Por mais que Hesíodo tenha optado por apresentar uma figura ficcional como porta-voz de seus versos, a imagem da existência humana que o leitor encontra ali deve ter se inspirado na observação de uma vida real ou de vidas reais. Sua imagem do mundo camponês, se fosse

outro lado, apesar de os *Trabalhos* serem um obra praticamente única na literatura grega, o poema tem uma estreita ligação com gêneros fortemente estabelecidos em solo helênico, que se manifestam na mesma época ou um pouco depois, nomeadamente o *epos* homérico (tanto a *Iliada* e a *Odisseia* quanto os hinos) e a elegia moralizante de um Teógnis. E por mais que encontremos semelhanças entre Hesíodo e a literatura de outros povos (quer a literatura sapiencial, quer a de outros gêneros), não há que se perder de vista a especificidade da criação do poeta grego (note-se que nenhum mito oriental sobre a sucessão de gerações ou reinos é exatamente igual ao de Hesíodo). Ver também Detienne, 1963, p. 10-12; Walcot, 1966a; Jiménez e Díez, 1978, p. 30-41; Burkert, 1987; Lesky, 1995 [1971], p. 118-120; Pereira, 1993, p. 159-162; West, 1997, p. 276-333; Rutherford, 2009.

- 8 Para a interpretação dos *Erga* como um “poema de ocasião”, que reflete uma disputa judicial verdadeira ocorrida entre Hesíodo e seu irmão Perses, ver a crítica de Jaeger, 1989 [1933], p. 63. Para Snell, 2001 [1955], p. 66, os versos de Hesíodo são “uma arma numa contenda judiciária”. Cf. Walcot, 1966a, p. 106.
- 9 Essa visão já se encontra discretamente em Murray, 1947 [1897], p. 77, e é levada ao extremo, com referência aos *Erga*, por Nisbet, 2004.

totalmente sem relação com o que se via na Grécia arcaica, não teria nenhuma verossimilhança. Que esse fundo empírico da percepção de Hesíodo se fundamente ao menos em parte na visão que ele tinha de sua própria existência, não há razão bastante para duvidar. Daí que a pergunta sobre o estatuto verídico ou não desse “eu” hesiódico não é propriamente a questão mais interessante. Tem maior relevância a constatação de que o poeta se preocupa em apresentar uma individualidade assim definida e a investigação de como essa vida é imaginada e representada poeticamente.

Stoddard faz uma revisão da fortuna crítica de Hesíodo, opondo as leituras biografistas àquelas preocupadas com os poemas enquanto construções literárias, e separa de modo excessivamente simplista aqueles que encontram um fundo verídico nesse elemento biográfico e, segundo a autora, veem Hesíodo como um pastor rude, cuja poesia sem sofisticação traduz essa origem humilde, daqueles que acreditam que a ideia de um Hesíodo camponês é apenas uma ficção poética e tentam interpretá-la em função do “texto em si”.¹⁰ Mas a presença de uma base autobiográfica pode conviver perfeitamente com a escolha de uma forma literária que indique ao poeta uma maneira específica de trabalhar com suas experiências pessoais. A história da literatura está repleta de exemplos de escritores cuja vida conhecemos e que tematizaram sua trajetória existencial sem deixar de observá-la e filtrá-la da perspectiva de uma criação artística que tem leis específicas. O fato de não conhecermos documentos sobre a vida do autor não nos deve obrigar a partir do pressuposto de que é ficcional absolutamente tudo o que ele diz sobre seu “eu”. Pelo contrário, o ônus da

10 Stoddard, 2004, p. 1-33, esp. 14-15.

prova recai sobre aqueles que negam a veracidade das afirmações do poeta. De fato, a análise de Stoddard se enraíza em diversas concepções problemáticas. Uma delas é a categoria de um “texto em si” desvinculado da realidade, como se a nossa capacidade de tornar significativo um texto fosse independente de conhecimentos sobre coisas exteriores ao texto (mesmo as interpretações mais radicalmente antibiografistas citadas pela autora se fundamentam num entendimento da cultura grega que é obtido fora do texto). Outro pressuposto questionável, que Stoddard compartilha com parte da crítica biografista e a impede de vislumbrar uma postura mais flexível, é aquele que vincula a poesia de alguém ligado a um ambiente rural e semiletrado a uma imagem de falta de refinamento e técnica literária, como se um poeta enraizado em tradições populares não pudesse ter consciência de seus meios artísticos e produzir um texto sutil e arquitetonicamente elaborado.

Tido por alguns como mais antigo que a obra de Homero,¹¹ o *corpus* hesiódico congrega, além de *Os trabalhos e os dias* e da *Teogonia*,¹² outros textos de autoria mais duvidosa. Eles incluem o *Escudo de Hércules* (quase com certeza espúrio) e o *Catálogo das mulheres* (mais provavelmente do próprio Hesíodo),¹³ além de diversas outras obras que só chegaram aos dias de hoje por meio de fragmentos pouco extensos. Entre esses poemas perdidos

11 Para a controvérsia antiga sobre a antiguidade de Hesíodo em relação a Homero, ver os testemunhos coletados por Most, 2006, p. 162-175 (esp. T10-14, para a ideia de que os dois poetas eram contemporâneos, e T15-16, para a opinião de que Hesíodo veio antes).

12 A autenticidade da própria *Teogonia* também já foi posta em dúvida (ver Pausânias 9.31.4).

13 O *Catálogo* é considerado obra de Hesíodo por Arrighetti, 2008, p. 26 (contra West, 1985, esp. p. 127-128).

encontravam-se, por exemplo, os *Grandes trabalhos*, obra provavelmente ligada a *Os trabalhos e os dias* pela temática.

Embora Heródoto diga em 2.53.2 que Homero e Hesíodo viveram aproximadamente 400 anos antes dele próprio, data que casa com o *terminus post quem* estabelecido pela coincidência entre os dados astronômicos que se deduzem de Hesíodo e a suposta posição dos astros em 850 a.C.,¹⁴ a obra hesiódica terá sido mais provavelmente composta na segunda metade do século VIII antes da nossa era, quem sabe mais para o final desse período do que no seu início. Isso combina com o que se supõe da história da introdução do alfabeto na Grécia.¹⁵ Além disso, é a partir de meados do século VIII que assistimos ao início da colonização helênica da Itália e da Sicília (processo que condiz com a história da viagem do pai de Hesíodo).¹⁶ Ora, o problema da data nos conduz a uma reflexão importante para a questão da especificidade de Hesíodo na história da economia, e por isso devemos nos deter um pouco mais nesse ponto. Alguns autores¹⁷ chegam a dar como quase certa a datação do último terço do século VIII, com base em achados arqueológicos que situariam a Guerra Lelantina um pouco antes do ano 700 (nessa data, a planície Lelantina, que vinha sendo habitada ininterruptamente desde a Era de Bronze, foi destruída e abandonada). Como Hesíodo relata ter vencido um concurso de poesia num festival em homenagem a Anfidamante (*Op.* 650-659), um

14 Edwards, 1971, p. 7, n. 34; Jiménez e Díez, 1978, p. 11.

15 Nagy, 1990, p. 38; Healey, 1996, p. 281-286. A introdução do alfabeto seria do séc. IX; as primeiras inscrições conservadas, do séc. VIII. Segundo Sarian, 1998/1999, p. 164, é na segunda metade deste último que se dá a “apropriação da escrita pela poesia”.

16 Ver Walcot, 1966a, p. 108-109.

17 Barron e Easterling, 1985, p. 93; Pereira, 1993, p. 155, n. 1.

herói que teria perecido numa batalha naval durante essa guerra, teríamos aí uma indicação da época em que o poeta estava ativo.

Mesmo esses dados, no entanto, são incertos,¹⁸ e é temerário construir um panorama detalhado do momento histórico de Hesíodo em bases tão disputadas. Além de dados arqueológicos sempre passíveis de interpretações diferentes, não possuímos outras fontes de informação sobre o período que não sejam os próprios poemas homéricos e hesiódicos. Assim como em relação à biografia do autor, o contexto socioeconômico da obra será sempre uma reconstrução hipotética.¹⁹ Portanto, a realidade econômica que aparece nos *Trabalhos*, que certamente desejaríamos conhecer com maior precisão, não pode ser relacionada com segurança a nenhum processo político ou transformação social claramente documentados. Mais do que um testemunho de uma época que possamos descrever com solidez, o poema traz reflexões de caráter geral sobre a vida do pequeno agricultor, relações sociais e comerciais, a administração do trabalho agrícola, a maneira como o trabalho se liga ao funcionamento da natureza, entre outros temas afins. Esses pensamentos, ainda que sem dúvida baseados na realidade que Hesíodo terá vivido em Ascra em algum momento de sua existência, têm um interesse que transcende os limites desse passado.

18 Mazon, 1926, p. 78, observa que a identidade do Anfidamante citado por Hesíodo não pode ser conhecida com certeza. Para Most, 2006, p. xxv, n. 8, a data, a duração e mesmo a realidade histórica da Guerra Lelantina são matérias discutíveis. Ver Janko, 1982, p. 94-98, que também discute as possíveis citações de Hesíodo em Semônides de Amorgos (que poderia representar o *terminus ante quem* de Hesíodo). Janko tende a datar Hesíodo entre o final do séc. VIII e meados do VII. Cf. Walcot, 1966a, p. 118-119; Ercolani, 2010, p. 16.

19 Essa cautela é expressa também por Tandy e Neale, 1996, p. 4-5.

Qualquer que fosse a situação exata dos camponeses gregos naquela época, chama a atenção o simples fato de que os protagonistas dos *Erga* são homens que precisam do trabalho diário para viver. Eles vivem da terra (secundariamente, da navegação comercial) e dependem do esforço dos próprios braços para que a terra produza. Não podem contar com a ajuda de muitos escravos ou serviçais (Tandy e Neale estimam que, entre familiares, escravos e trabalhadores assalariados, a propriedade de Hesíodo contava com algo entre 7 e 12 pessoas).²⁰ Esse retrato contrasta profundamente com o que vemos nos poemas homéricos. Lá o foco principal da atenção são nobres guerreiros cuja relação com a dureza do trabalho agrícola está muito mediada. Certamente as comparações épicas trazem por vezes cenas de trabalho no campo, mas isso parece ocorrer numa realidade paralela à da Guerra de Troia e das aventuras de Ulisses. O pai deste, Laertes, aparece no final da *Odisseia* curvado sob o peso do trabalho na terra, mas isso serve ao propósito de mostrar justamente o herói degradado, dando a entender que ele foi reduzido a essa atividade por causa da ausência do filho e dos desmandos dos pretendentes de Penélope. Assim, Jaeger vê em Hesíodo a expressão da mundividência de uma classe social diferente daquela cantada em Homero, mas que, tal como aquela, tem seu valor para a constituição da cultura grega como um todo.²¹ Como coloca Heródoto em 7.102.1, pela voz de Demareto, “[o]s gregos têm sido criados na escola da pobreza, e a virtude a ela se

20 Tandy e Neale, 1996, p. 29. Os mesmos autores chegam a deduzir do poema uma estimativa da quantidade de grãos necessários para alimentar todas essas pessoas, e daí o tamanho da propriedade de Hesíodo (p. 27-31). A conclusão a que chegam é de que ela era de pequena a média, medindo de 15 a 30 acres, aproximadamente.

21 Jaeger, 1989 [1933], p. 59-72; ver também Schüler, 1985, p. 28.

junta, filha da temperança e das leis estáveis, dando-nos armas contra a pobreza e a tirania”.²² Não há em Hesíodo, contudo, uma glorificação do trabalho como atividade que seria por si só enobrecedora.²³ O trabalho é, antes de mais nada, uma necessidade. Os deuses colocaram-no no caminho da prosperidade; ele é o resultado da separação entre deuses e homens narrada no mito de Prometeu e Pandora, e por isso se reveste em parte de uma aura de punição. Trabalhar não é, contudo, vergonhoso. É parte da sabedoria de Hesíodo reconhecer que trabalhar é preciso e que só trabalhando é possível ter uma boa vida. A possível alegria do trabalho é a da percepção de que se está realizando com eficácia a atividade de que depende a nossa sobrevivência (ver 476, 481).

É comum encontrar entre os estudiosos a noção de que Hesíodo é um pessimista.²⁴ Seus conselhos podem dar a entender que convivia com uma impressão de risco iminente, com a ameaça da fome e das dívidas sempre à espreita. É quase desnecessário lembrar que, no mito das raças, Hesíodo coloca a sua época como a pior, representando um imenso declínio em relação aos primeiros tempos da humanidade.²⁵ Podemos relacionar essa leitura com

22 Trad. de J. Brito Broca (*Heródoto, História*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953), com adaptações. Jaeger, 1989 [1933], cita essa mesma passagem (p. 59).

23 Como parecem sugerir Trédé-Boulmer e Saïd, 1992, p. 31. Cf. Verdenius, 1985, ad 289, 303, 311.

24 Por exemplo, Aubreton, 1956, p. 47; Clay, 2003, p. 46-48. Cf. Hamilton, 1989, e.g. p. 72, 75-76; Nagy, 1990, p. 65-67.

25 Vemos com certa desconfiança a ideia de que para Hesíodo essas raças não correspondem propriamente a uma sucessão cronológica linear, mas cíclica, como coloca Vernant, 1983 [1965], p. 24-25. O trecho em que o poeta diz que gostaria de ter morrido antes ou nascido depois da raça de ferro (*Op.* 175) não indica necessariamente que teremos uma repetição dessas mesmas fases, mas pode ser simplesmente uma expressão (aliás, muito eficiente do ponto de vista retórico) de desespero. É certamente possível atribuir ao poeta

alguma hipótese sobre a situação econômica da época? Segundo Tandy e Neale, pode-se deduzir das tabuinhas em linear B que a sociedade micênica estava organizada segundo um sistema em que as pessoas contribuíam com parte de sua produção para um poder central, que em troca proporcionava determinados bens e serviços. Esse esquema provavelmente continuou durante a “Idade das Trevas” (aprox. 1000-800 a.C.), mas numa escala menor, pois nessa época houve um decréscimo populacional e menos trocas entre as cidades. Com a criação de novas rotas comerciais no século VIII, ligando desde o norte da Síria até as colônias gregas do Mediterrâneo ocidental, apenas os chefes comunitários que centralizavam a produção e distribuição dos bens (os “reis” de Hesíodo) teriam tido condições de se beneficiar do incremento das trocas. Pequenos proprietários como Hesíodo teriam pouca infraestrutura para atuar bem nesse cenário ampliado (note-se a desconfiança com que o poeta trata a navegação, que se apresenta praticamente como um último recurso para quem não consegue combater a pobreza trabalhando apenas na terra). Ao

uma concepção da temporalidade que não coincide com uma visão histórica racionalista. Parece-nos mesmo muito convincente a exposição de Torrano, 1992, *passim* (esp. p. 91-92), que mostra, em sua introdução à *Teogonia*, que no “pensamento arcaico” hesiódico a genealogia dos deuses não se dá com um esquema de anterioridades e posterioridades temporais, em que cada estágio anula e substitui os anteriores e os relega a um passado inalcançável. Hesíodo faz que os seres divinos apareçam agindo quase simultaneamente, cada um em sua esfera de poder, ainda que organizados distintamente segundo diferentes fases. Isso não quer dizer, contudo, que o poeta não tivesse a noção de anterioridade e posterioridade no plano humano, e que não pudesse ver sua época como pior que as anteriores. Por mais que os homens da raça de ouro, por exemplo, ainda existam como divindades guardiãs (122-127), o fato é que a terra os encobriu (121), e os homens de hoje vivem num contexto que, segundo Hesíodo, só tende a piorar. Ver Detienne, 1963, p. 18-19.

mesmo tempo, a dependência dos “reis” em relação aos pequenos proprietários diminui à medida que o grande comércio extrapola as trocas locais. Esse contexto levaria à fragilização do trabalho e a uma redução da prosperidade de figuras como a que Hesíodo desenha para si no poema. Daí adviria a insegurança que o texto sugere, o que parece se expressar no conselho de limitar a prole a apenas um filho (376-377). Ao mesmo tempo, Hesíodo parece continuar levando em conta a possibilidade de trocas no âmbito local: note-se como as relações com os vizinhos são enfatizadas nos versos 342-351. E a perspectiva de um excedente (380) a ser vendido em lugares distantes não está excluída, como deixa claro a passagem sobre a navegação.²⁶

Explicações desse tipo devem ser lidas com cuidado. Mas é interessante o exercício intelectual necessário para sua elaboração, que estimula a imaginação do leitor com curiosidade por questões de história econômica. Apesar de todas as dificuldades, o poeta considera plausível a aspiração à riqueza (21-24, 381), chegando mesmo a vislumbrar a chance de comprar mais terra (341). O progresso, no entanto, é sempre colocado na dependência da dedicação ao trabalho (e.g. 495) e do favor dos deuses, que precisam ser propiciados (336-340). O ganho fácil, obtido por meios desonestos, levará ao desastre (352). De qualquer forma, essas e outras partes do poema levam-nos a relativizar a imagem de pessimismo associada a Hesíodo. É sintomático das dificuldades oferecidas pela interpretação da realidade econômica de Hesíodo o fato de que Jiménez e Díez fazem uma leitura que pouco tem em comum com a exposta acima. Para eles, a

26 Ver Tandy e Neale, 1996, p. 15, 22, 35-37.

voz que fala nos poemas hesiódicos representa uma “burguesia” em ascensão, que na verdade se beneficia enormemente do desenvolvimento mercantil trazido pelas colonizações e, ao adquirir maior riqueza, passa a questionar o poder político dos aristocratas.²⁷ Essa interpretação parece-nos menos provável que a de Tandy e Neale, mas tem a virtude de enfatizar um Hesíodo que, longe de ser apenas a vítima de transformações sociais, coloca-se criticamente. Para Detienne, entretanto, o poema de Hesíodo é testemunho de uma crise agrária na qual o empobrecimento dos pequenos proprietários os leva a depender mais dos grandes produtores e para estes perder suas terras.²⁸ O autor adverte para o perigo de projetarmos no poema categorias econômicas desenvolvidas depois do advento do capitalismo, ou ideias características da ideologia burguesa, como a que ele resume com a expressão *enrichissons-nous*.²⁹

Isso nos conduz ao debate sobre a aplicabilidade do termo “camponês” quando se fala de Hesíodo. A. T. Edwards³⁰ critica os vários estudos que assimilam o mundo sugerido pelo poema ao modelo antropológico da sociedade campesina,³¹ que segundo o autor é essencialmente uma comunidade rural subordinada a um

27 Jiménez e Díez, 1978, p. 16-30. Uma interpretação semelhante em Pucci, 1977, p. 128.

28 Detienne, 1963, p. 22-27. Cf. Trever, 1924, p. 160-161, 165.

29 Isto é, “enriqueçamos”. Ver Detienne, 1963, p. 49, 52. Walcot, 1966b, p. 172, porém, pensa que Detienne erra ao negar a atitude de exortação ao enriquecimento em Hesíodo.

30 Edwards, 2004.

31 Entre os autores que se associam à ideia criticada por Edwards, 2004, estão Trever, 1924; Detienne, 1963; Tandy e Neale, 1996.

poder externo, normalmente urbano.³² Nesse modelo, Ascra seria o vilarejo camponês, Téspias a cidade que o domina e onde vivem os “reis”. Edwards, porém, sustenta que os conflitos mais importantes do poema são internos ao vilarejo, e que é em Ascra, que conserva sua autonomia em relação a Téspias, que se desenha a oposição entre o pobre e o próspero, tão central no texto. Haveria um risco de anacronismo na aproximação entre a sociedade hesiódica e o que por vezes se entende por campesinato.

Como observa Vernant, nem mesmo a noção de “trabalho” em Hesíodo pode ser confundida com o que hoje entendemos com esse termo. A palavra grega *erga* designa acima de tudo os trabalhos agrícolas, e não havia nenhum termo na língua antiga que traduzisse a noção abstrata de “trabalho” presente no mundo contemporâneo, em que o vocábulo se aplica indiferentemente às diversas atividades humanas vistas sob a ótica do que produzem para a sociedade, do valor que têm enquanto atividades a serem pagas e da identidade que podem criar para determinados grupos (como “a classe trabalhadora”).³³

A essa discussão se relaciona a polêmica (hoje quem sabe já um pouco ultrapassada) sobre a possibilidade de enxergarmos Hesíodo como um “revolucionário”, a que se oporia o entendimento de sua postura como eminentemente “reacionária”.³⁴ É certo que sua visão negativa da mulher – por exemplo, no mito de Pandora e nos conselhos sobre o casamento em 695-705 –, sua ênfase no cuidado

32 Ver Goldey, 1982, p. 539-546, que trabalha com esta e outras definições de camponês, utilizando dados de diversas culturas.

33 Vernant, 1983 [1965, de um artigo originalmente publicado em 1955], p. 252-274.

34 Ver Detienne, 1963, p. 9 (com n. 1); p. 11, n. 8; p. 28 (com n. 2).

com o que está em casa, em detrimento do que está fora (364-367), assim como seu conselho sobre arranjar um trabalhador sem casa e uma empregada sem filhos (602-603), se por um lado contêm alguns elementos de uma sabedoria impiedosa, traduzem igualmente um espírito conservador e temeroso. Mesmo assim, o camponês de Hesíodo não assume uma postura absolutamente conformista. Sem deixar de reconhecer com humildade o lugar do homem na difícil ordem das coisas, Hesíodo fala contra os “reis devoradores de presentes”, dando vazão portanto a suas insatisfações com uma aristocracia que, concentrando em suas mãos o poder dos tribunais, fazia dele mau uso. Daí vem o tema da justiça, que depois fará muitas outras aparições importantes na literatura grega e constitui uma das principais temáticas dos *Erga*. O trabalho, sugere Hesíodo, só tem sua correta compensação se a justiça é administrada sem distorções.

Também para iluminar o tema da justiça Hesíodo utiliza uma narrativa consagrada: o já referido mito das raças. Nele, como em outras passagens, o poeta revela sua capacidade de contar histórias de forma concisa e poderosa, restringindo-se aos elementos essenciais. É notável a diferença em relação ao estilo homérico. Um exemplo é o emprego do discurso direto. Mais da metade do *corpus* formado pela *Iliada* e pela *Odisseia* corresponde a falas das personagens. Com isso Homero dramatiza ao máximo as situações, e não é sem motivo que Aristóteles dele se lembra ao exemplificar o estilo da poesia em que o poeta mistura a voz do narrador com uma imitação análoga à do teatro, ao assumir as vozes das personagens.³⁵ Hesíodo é muito parcimonioso no uso do discurso direto, e mesmo o discurso indireto não está nele presente com muito destaque. Leclerc mostra,

³⁵ *Poética* 1448a19-24 (cf. 1460a5-11).

no entanto, que os curtos discursos das personagens hesiódicas (quase sempre são os deuses que recebem esse privilégio da fala) são extremamente densos do ponto de vista dos sentidos trabalhados na narrativa, pois normalmente resumem em si ou prefiguram alguns dos mais importantes desenvolvimentos do texto.³⁶

A presença dos deuses nas narrativas sobre Pandora e sobre a sucessão das raças humanas, bem como o papel central das Musas e da figura de Zeus nos *Trabalhos* (e na *Teogonia*) e as frequentes menções à deusa Deméter, entre outros aspectos, mostram a importância da religiosidade no poema. A Justiça é uma deusa, e, tal como ela, são personificadas várias outras ideias presentes na obra (e.g. o Juramento). Não há como tomar os conselhos sobre o trabalho agrícola expressos no texto e entendê-los desvinculados dessa visão religiosa, como se Hesíodo tivesse uma concepção racionalista da vida cotidiana e da natureza e as menções aos deuses fossem meros ornamentos poéticos. A sacralidade do mundo natural pontua constantemente o poema, misturando-se às instruções práticas e às recomendações éticas, como no trecho em que a Justiça denuncia a Zeus as malvadezas praticadas na cidade, ou na passagem em que Hesíodo sugere que se ore a Zeus e Deméter no início da sementeira (versos 465-467), ou ainda num trecho como 483-484, em que, no contexto da discussão sobre o adiamento do trabalho de arar a terra, o sucesso dessa atividade é colocado na dependência da “mente de Zeus porta-égide”. O trecho dos *Dias*, no final do poema (765 et sqq.), tal como o calendário agrícola de 383-617, contém indicações sobre tempos propícios ou não para certas atividades, mas dessa vez o poeta foca

36 Leclerc, 1993, p. 81-107. Uma análise do estilo hesiódico encontra-se em Waltz, 1906, p. 139-207.

sua atenção nos dias do mês. Considerado por alguns como um repertório de superstições que contrastaria com a visada racional do resto da obra, o trecho é mesmo excluído da obra por certos estudiosos (notadamente, Wilamowitz), como se não fosse do próprio Hesíodo.³⁷ Mas a diferença entre os conceitos de religião e superstição dependerá muito da religião em que fomos criados, e o pensamento mágico dos *Dias* poderia estar muito à vontade no contexto da religiosidade da época. Não há que se exigir do poeta o mesmo tipo de racionalidade construído pela ciência moderna. Essas crenças de Hesíodo não impedem, entretanto, que ele tenha também a capacidade, por exemplo, de observar a natureza com uma visada objetiva (como ao perceber a passagem do tempo pelo comportamento dos animais) e reconhecer a importância de usar certos equipamentos feitos pelo homem segundo certas técnicas (como é o caso do arado, cuja feitura é descrita detalhadamente em 427-437, ou das roupas para o inverno, em 536-546). Religiosidade e razão não se excluem mutuamente.³⁸

De fato, os importantes temas do trabalho e da justiça³⁹ ligam-se também por meio da visão religiosa do poema. Hesíodo diz que frequentemente uma cidade inteira sofre por causa dos crimes de um só homem, qualquer que seja (240-241): em resposta às maldades deste, Zeus manda fome e peste, “e o povo perece”

37 Wilamowitz nem sequer imprime 765 et sqq. em sua edição (ver a explicação em Wilamowitz, 1928, p. 8; cf. Fränkel, 1975 [1962], p. 129).

38 Ver Rowe, 1983, p. 126. Para um Hesíodo que é a um só tempo pensador e poeta tradicional, ver Havelock, 1996 [1982], p. 219-232. Para Hesíodo como precursor do pensamento filosófico, ver, por exemplo, Snell, 2001 [1955], p. 46-52. Cf. Detienne, 1981 [1967], p. 18-19, n. 9.

39 O foco nesses dois temas é uma constante na crítica (ver e.g. Nicolai, 1964, p. 161-162).

(243). Mas esse homem que Hesíodo tem em mente, cujos atos afetam a comunidade inteira, parece estar muito mais próximo daqueles que ele chama “reis”. Imediatamente após as imagens dos desastres que acometem a cidade que habita o homem mau, o poeta se dirige aos reis, mencionando mais de uma vez na passagem seus desmandos no exercício do papel de juízes. Os homens que dão sentenças retas, ao contrário, são beneficiados por Zeus e repartem em festins o fruto do seu trabalho (231). Sua cidade prospera (227). Se o poder divino perpassa toda a realidade e é guardião da justiça, isso não implica que em Hesíodo o ser humano seja passivo. Ao homem hesiódico cabem escolhas morais e delas resulta o tipo de relação que terá com os outros homens e com o divino. Assim como à sociedade, ele também observa o mundo natural, repleto de deuses, e nesse panorama sabe reconhecer os sinais que orientam seu trabalho. Em tal contexto, o planejamento e a organização são essenciais (471-472, 502-503).

Hesíodo é tradicionalmente ligado ao que costumamos chamar “poesia didática”. Embora não houvesse, no universo do *epos* grego arcaico, uma distinção clara entre poesia heroica e poesia didática,⁴⁰ a recepção de Hesíodo se encarregou de opô-lo a Homero como representante de um tipo diferente de arte.⁴¹ A

40 Ercolani, 2010, p. 26.

41 Contribuíram para isso diversos momentos dessa recepção. É o caso do *Certame entre Homero e Hesíodo* (como observado por Hunter, 2009, esp. p. 262-268). Note-se também o poeta helenístico Arato, que mostra ter Hesíodo em mente na sua obra *Fenômenos* (a vinculação entre os dois autores é reconhecida por Calímaco *Ep.* 27.1), além, é claro, de Virgílio, que nas *Geórgicas* 2.176 chama seu poema um *Ascraeum [...] carmen*. Parte da crítica moderna (ver e.g. Paley, 1883, ad 28, p. 175; Van Groningen, 1958, p. 257-258; Pucci, 1977, p. 1, 4; Verdenius, 1977, p. 234-235; Bowie, 1993, p. 20-23; Brandão, 2000, p. 8, 19; cf. West, 1966, ad 26-28, p. 161-162), ao

Antiguidade acabou por encontrar até mesmo uma terminologia para expressar esse gênero literário específico em que se situariam *Os trabalhos e os dias*: Proclo (ap. *Scholia uetera* p. 230 Pertusi), citando Plutarco, diz que este rejeitou as linhas 757-759 dos *Erga* “como vis e indignas da Musa da educação” (παιδευτικῆς Μούσης), enquanto o gramático latino Diomedes, num trecho preocupado com classificação literária, refere-se à *species didascalice* (*Grammatici Latini* 1, 483 Keil).

Dada essa conexão com a poesia didática, alguns críticos se perguntaram se *Os trabalhos e os dias* de fato ensinam alguma coisa, já que vários conselhos sobre o cultivo da terra parecem demasiado vagos ou incompletos, ou, ao contrário, óbvios demais, para que o texto funcionasse como real instrução para os agricultores daquela época (ou de qualquer época).⁴² Os fins do poema não seriam outros? Apesar de esse questionamento não deixar de ter seu interesse, é preciso considerar que se Hesíodo descrevesse com todos os detalhes técnicos cada fase do trabalho no campo, seria muito mais difícil sustentar uniformemente a qualidade poética do texto. Que ele é capaz de dar instruções pormenorizadas, os trechos sobre o corte da madeira (420-429) e a ração do trabalhador (442) provam-no sem margem de dúvida. Mas Hesíodo procura alternar

interpretar os versos 27-28 da *Teogonia* como uma crítica do próprio Hesíodo à poesia homérica e uma tentativa de diferenciar-se dela, associa a obra hesíodica ao propósito de transmitir verdades (supostamente em oposição às ficções, mentiras ou concepções incorretas de Homero). A crítica que enfatiza a ligação entre os *Erga* e a poesia sapiencial de outros povos (ver acima) colabora, igualmente, para reforçar essa recepção.

42 Ver e.g. Heath, 1984; Thalmann, 1984, p. 58; Hamilton, 1989, p. 84; Nelson, 1996. Luciano, no *Diálogo com Hesíodo* (esp. na seção 7), já sugere que é questionável a utilidade da obra para os agricultores, que já conheceriam muito bem o que o poema se propõe a ensinar.

passagens assim com indicações mais gerais e com os aspectos éticos, psicológicos e sociais do trabalho. É prazeroso ler uma descrição minuciosa em verso, mas ela se torna mais interessante se introduzida no momento certo, cuidadosamente pensada como o contraponto de uma reflexão moral, de um olhar para os espaços em que se realiza o trabalho e a distribuição deste no tempo, ou uma sugestão sobre os sentimentos dos atores (humanos, divinos e animais) que habitam o universo do trabalho. Mais do que uma instrução técnica, *Os trabalhos* são uma poética e uma filosofia do trabalho. Se assim entendida, a obra conserva seu estatuto didático sem perder seu caráter estético.

Enfim, *Os trabalhos e os dias*, pelas razões expostas acima e ainda outras (que as limitações de espaço desta edição nos impedem de discutir), nos ensinam muito sobre o tempo em que foram escritos, mas mantêm uma enorme atualidade.

III O TEXTO DOS *ERGA*

Um dos maiores responsáveis pelos desenvolvimentos da crítica textual hesiódica no século XX foi Rzach, que estabeleceu a teoria de que os *manuscritos medievais* do poeta podem ser divididos em três famílias, às quais ele se refere com as três maiúsculas gregas Ω, Ψ e Φ,⁴³ que encontramos em praticamente todas as edições posteriores. Em cada uma dessas famílias Rzach encontra um manuscrito mais antigo e de maior importância, que representa de maneira mais fiel as características básicas de sua

43 Ver Rzach, 1913, p. iii-iv; RE 8.1230.56-1231.32 s.v. *Hesiodos*.

família. São os manuscritos C (sigla para o manuscrito grego de Paris número 2771, do final do século X) na família Ω ; D (manuscrito da biblioteca Laurenziana número 31.39, do século XII) na família Ψ ; e finalmente E (datado do final do século XII ou do início do XIII, é o manuscrito 11 do *fondo antico* da Universidade de Messina) na família Φ , que representaria, segundo Rzach, a recensão de um gramático bizantino anônimo. Essas três famílias remontariam a um arquétipo da época de Fócio, isto é, do século IX,⁴⁴ período em que se inicia a passagem da escrita maiúscula grega para a minúscula. É possível que, para cada autor, apenas uns poucos manuscritos em maiúsculas (em alguns casos, quiçá apenas um) tenham servido como exemplares para as primeiras cópias em minúsculas, os demais manuscritos antigos ou tardo-antigos tendo sido descartados. Isso fez que a tradição passasse por uma espécie de “funil” nessa época (os últimos manuscritos em maiúsculas datam em geral do final do século X): é o que deve ter acontecido também com Hesíodo e justifica a teoria do arquétipo do século IX. Solmsen, entretanto, expressa (com razão) suas dúvidas em relação à tese de que nas mãos dos bizantinos dos séculos IX-X teria havido apenas um códice já com lições diversas, pois às vezes encontramos um consenso entre os papiros e parte dos códices na transmissão de um determinado erro, o que pode sugerir que os manuscritos medievais que o contêm obtiveram-no de uma tradição mais ou menos homogênea que remonta à Antiguidade e é independente do arquétipo de Ω , Ψ e Φ .⁴⁵

A partir das primeiras cópias em minúsculas, a que se ligam mais diretamente C, D e E, foram produzidos os outros manuscritos

44 Colonna, 1959, p. 13; Edwards, 1971, p. 11.

45 Solmsen, 1990, p. xiii-xiv. Ver também West, 1974, p. 182.

pertencentes às famílias citadas acima. Eles são referidos por West com as minúsculas gregas ω , ψ e ϕ seguidas de números que identificam cada um dos códices específicos, como, por exemplo, ω_2 (manuscrito grego do Vaticano número 904, de cerca de 1250-1275), ψ_4 (= S em Solmsen; é o *Laurentianus* 32.16, do ano de 1280) e ϕ_3 (*Vaticanus Graecus* 2383, H em Solmsen, de 1287).

Por aí já se vê que os mais antigos documentos que preservam os *Erga* na íntegra, como costuma acontecer com a literatura antiga em geral, foram escritos muito tempo depois da obra: no nosso caso, os manuscritos mais completos são mais de um milênio e meio mais recentes do que o poema. Mesmo o arquétipo, ou seja, o manuscrito reconstruído hipoteticamente que teria sido a fonte direta ou indireta de todas as cópias posteriores, estaria mais próximo de nós do que de Hesíodo.

Quando recorremos aos *fragmentos em papiros*, restos de livros que chegaram até nós diretamente da Antiguidade, o mais antigo é do século II antes da nossa era, o que quer dizer algo em torno de 500 anos depois do poeta. Mas os papiros constituem uma fonte independente com a qual podemos checar a validade dos manuscritos medievais: muito mais antigos, eles correspondem a um outro estágio da transmissão, um momento em que provavelmente ainda não tinham se firmado as tendências que se configuram nas famílias de códices medievais. De fato, às vezes os papiros conservam lições únicas, que continuam a vir à luz conforme novos papiros são descobertos, identificados e editados. No caso que nos ocupa, há alguns papiros que foram incorporados ao nosso repertório há pouco tempo, depois dos trabalhos de West e Solmsen. São eles: os Papiros de Oxirrinco 4648 (séc. III, texto astronômico que cita *Op.* 383-384, 567), 4651 (séc. III, um texto em prosa citando *Op.* 219-

223), 4659 (séc. II, contendo *Op.* 8, 17-27), 4660 (séc. I a.C. ou I d.C., preservando *Op.* 57-63(?), 91-106), 4661 (séc. III, contendo *Op.* 563-567), 4662 (final do séc. II, atestado para *Op.* 771(?)-776) e 4663 (séc. II, trazendo o título do poema); o Papiro da Coleção Schøyen 1.7, número de inventário MS 5068, do séc. II ou I a.C. (conserva *Op.* 360-366, 378-384); o Papiro de Antinoópolis 3.118 (séc. III, com *Op.* 484-492, 524-532) e um papiro da Bodleian Library, o MS Gr. Class. c. 237 (P) fr. B + C (datado do final do séc. VI, início do VII, contém *Op.* 765-767, 769/70(?)-774, 803-806, 808-812). Esses novos testemunhos reforçam algumas variantes já identificadas, por exemplo, nos códices medievais, além de trazerem lições antes desconhecidas.

Não se pode desprezar, contudo, um outro campo de investigação textual, aquele representado pela chamada *tradição indireta*: podemos utilizar as citações de Hesíodo em outros autores gregos e latinos. Essas citações, como estão inseridas numa tradição manuscrita diferente, podem vir a conservar uma lição que, na tradição específica de Hesíodo, deixou de ser copiada. No interior dessa tradição indireta, podemos identificar um ramo mais específico representado pelos comentadores antigos (por exemplo, Plutarco e Proclo, o pensador neoplatônico do século V da nossa era) e bizantinos (como Tzetzes e Moscopulo), que preservamos com diferentes graus de fidelidade nos escólios (as anotações marginais dos manuscritos da Idade Média). Trata-se aí não de autores que citam Hesíodo ocasionalmente, mas de filósofos ou críticos que se debruçaram sobre a obra e tentaram esmiuçar também questões de estabelecimento de texto. Os escólios, seja nos *lemmata* (os trechos do poema escritos à margem para introduzir a nota), seja nos comentários propriamente ditos, preservam e dissertam sobre leituras divergentes que são frequentemente valiosas. Um outro conjunto de testemunhos a ser considerado à parte, segundo West, é o

das citações de Hesíodo presentes nos manuscritos dos *Etymologica* bizantinos, que preservam, entre outras coisas, excertos dos *Erga*. Não menos que 150 versos citados nos *Etymologica* remontariam a um manuscrito de Hesíodo do século X ou mesmo anterior, independente do arquétipo que teria dado origem a C, D e E.⁴⁶

Para West, E e H ainda têm a primazia entre os manuscritos φ como representantes de duas tendências divergentes que ele identifica nesse grupo (Φ a e Φ b). Na família que Rzach chamou Ψ , West separa D dos demais como o único desse grupo que remonta linearmente ao mesmo exemplar de que provém Ω , família em que C é sem dúvida o mais confiável, não só por ser o mais antigo mas também por possuir sinais de ter sido copiado cuidadosamente, num contexto de estudo mais aprofundado: o manuscrito distingue entre os escólios antigos anônimos (Σ) e os comentários de Proclo (que aparecem misturados em quase todos os outros casos), utiliza uma ortografia mais criteriosa e traz uma série de sinais críticos nas margens. As famílias Ω e Φ , mais o manuscrito D, viriam da mesma linhagem, à qual se liga também o texto que teria sido usado por Proclo. Aí teria havido um arquétipo, que West chama X. Os outros manuscritos da família Ψ , junto com as lições dos *Etymologica*, sugerem uma outra tradição.⁴⁷

Como é possível perceber, construir uma genealogia dessas diferentes fontes não é simples (ver a complicada tentativa de *stemma codicum* na p. 85 da edição de West), principalmente porque as diferentes famílias não oferecem um retrato puro e inalterado de suas características, devido ao fato de muitos manuscritos terem sido copiados não de um só exemplar, repetindo automaticamente

46 West, 1974, p. 162-163; 1978, p. 79.

47 West, 1974, p. 164-165, 170, 178, 181-182.

todas as suas lições, mas terem levado em conta outros testemunhos de que o copista dispunha no momento de seu trabalho. Isso levava o escriba a colacionar versões distintas e a frequentemente incorporar à sua cópia leituras provenientes de manuscritos ligados a famílias diferentes daquela a que pertencia o seu exemplar de referência. Essa mistura entre linhas diferentes da transmissão é o que os filólogos chamam *contaminatio*.⁴⁸

Esse universo de dados – quer pela enorme quantidade de informações textuais que abarca, quer pelo tempo e espaço que separam o autor das diversas cópias que se produziram de seu trabalho, e essas mesmas cópias entre si – é justamente o que impõe que tomemos uma postura crítica. Uma edição não deve, contudo, necessariamente visar à reconstrução do texto original do autor, haja vista que a própria existência desse original pode ser questionada: nada nos garante que um texto antigo não contivesse uma certa instabilidade já na época de sua composição. De fato, muitas variantes textuais podem remontar a diferentes versões produzidas pelo mesmo autor ou mesmo a erros que ele tenha cometido. No caso de um poema como os *Erga*, que está ligado a uma tradição oral, é possível que muitas variantes tenham origem em versões diferentes recitadas em ocasiões diferentes, por Hesíodo ou outros aedos e rapsodos. Se essa possibilidade põe em xeque a noção de uma autoria única e, em consequência, as tentativas de separar trechos autênticos de passagens espúrias, temos aí, por outro lado, uma razão a mais para registrar as variantes, já que aquelas que por acaso remontarem ao período de transmissão oral terão todas igual direito de pertencer a um texto que era visto como sempre

48 Ver e.g. West, 1974, p. 166.

aberto a reelaborações e de autoria, por assim dizer, coletiva.⁴⁹ O que uma edição crítica objetiva é mostrar a existência das variantes e atestá-las em documentos, dentro do possível, historicamente localizados. Essas variantes serão, na pior das hipóteses, erros; na melhor, vestígios de diferentes momentos do processo de criação da obra ou indícios das diferentes interpretações pelas quais o texto passou. O ideal a que aspira uma edição desse tipo é fornecer a base para quaisquer interpretações do texto que levem em conta essas variantes e seu significado. Como dissemos anteriormente, nossa edição não pretende ser completa. Para uma visão mais profunda das variantes existentes e dos testemunhos em que estão atestadas, é indispensável a consulta às edições críticas que arrolamos na bibliografia.

IV SIGLAS DOS TESTEMUNHOS CITADOS NO APARATO CRÍTICO E OUTRAS CONVENÇÕES UTILIZADAS

Para não sobrecarregar o aparato crítico e reduzi-lo ao mínimo essencial, resolvemos, no que concerne aos manuscritos medievais, atestar as variantes que decidimos relatar apenas com os principais representantes da tradição tal como escolhidos por Solmsen, isto é, C para a família Ω , D para a família Ψ e E e H para a família Φ . Os outros códices são citados apenas eventualmente, quando conservam alguma lição particular de relevância. Isso não contradiz os resultados da investigação de West.

49 Para aprofundar essa discussão sobre tradição oral e estabelecimento do texto, ver e.g. Van Groningen, 1958, p. 269-270, 275, 279; Kirk, 1962, *passim*, esp. p. 68; Edwards, 1971, p. 197-199; Nagy, 1990, p. 38-42, 78-80; Pellizer, 1996, p. 236-238.

Os códices são citados com as siglas de Solmsen, reservando-se as de West àqueles que aparecem apenas na edição do filólogo inglês (em alguns casos raríssimos, quando nenhuma dessas edições definiu uma sigla específica para um manuscrito pouco citado, ele é referido com o nome que aparece no catálogo da biblioteca em que está conservado).

Quando envolvidos nos trechos das variantes relatadas, os papiros são sempre citados, utilizando as mesmas siglas que em West e Solmsen (Π_8 , Π_{38} , etc.), exceto para aqueles que apareceram depois dessas edições, que são citados com siglas que nós lhes atribuímos, seguindo os princípios das edições anteriores (e.g. Π_{53}).

Fomos bastante econômicos na citação das fontes indiretas e dos filólogos modernos, frequentemente contentando-nos com a referência a apenas um, seguida às vezes de “al.” (“e outros”). São especialmente significativas as lições de Proclo, dos escólios antigos e dos *Etymologica*.

Embora fosse possível, nesta seção, dar ao iniciante orientações mais extensas sobre como interpretar o latim do aparato, isso tomaria muito espaço. Damos apenas algumas breves indicações e sugerimos a leitura de West, M. L. *Crítica textual e técnica editorial aplicável a textos gregos e latinos*. Trad. A. M. R. Rebelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SIGLA

C	Parisinus Gr. 2771 (final do séc. X)
ω_2	Vaticanus Gr. 904 (aprox. 1250-1275)
D	Laurentianus 31.39 (séc. XII)
S	Laurentianus 32.16 (1280) = ψ_4 na edição de West

INTRODUÇÃO

- Ψ_3 Vaticanus Barb. Gr. 4 (segunda metade do séc. XIII)
 Ψ_6 Ambrosianus C 222 inf. (séc. XIII-XIV)
 Ψ_7 Vaticanus Gr. 915 (anterior a 1311)
 Ψ_9 Athous Iviron 209 (aprox. 1300)
 Ψ_{10} Parisinus Gr. 2707 (1301)
 Ψ_{12} Laurentianus 32.2 (aprox. 1310)
 Ψ_{13} Vaticanus Gr. 57 (primeira metade do séc. XIV)
 Ψ_{15} Laurentianus conv. soppr. 158 (séc. XIV)
 E Messanae bibl. Univ. F.A. 11 (final do séc. XII)
 H Vaticanus Gr. 2383 (1287) = φ_3 na edição de West
 N Ambrosianus J 15 sup. (séc. XIV)
 φ_4 Cantabrigiensis Coll. Trin. O. 9.27 (final do séc. XIII)
 φ_5 Yale 254 (Phillipps 3875) (1301)
 φ_9 Vaticanus Gr. 44 (meados dos séc. XIV)
 φ_{11} Vaticanus Gr. 1332 (séc. XIV)
 o consenso entre C, D, E e H (exceto quando falta algum deles no passo em questão)
 t conjunto dos autores antigos que citam Hes. no passo em questão
 Σ escólios antigos
 e manuscrito hipotético de que proviriam as citações dos *Etymologica*
 Π_5 P. Vindob. G 19815 (séc. IV)
 Π_8 P. Genav. 94 (início do séc. V)
 Π_9 P. Berol. 7784 (séc. V-VI)
 Π_{10} P. Oxy. 1090 (final do séc. I)
 Π_{11} P. Oxy. 2091 (séc. III)
 Π_{19} P. Michigan 6828 (séc. I)
 Π_{33} P. Michigan 5138 (séc. I-II)

- Π_{38} P. Berol. 21107 (séc. I-II)
 Π_{39} P. Oxy. 3220 (séc. II)
 Π_{40} P. Strasb. 2684 (início do séc. II)
 Π_{41} P. Oxy. 3221 (séc. II-III)
 Π_{43} P. Oxy. 3223 (início do séc. II)
 Π_{45} P. Oxy. 3225 (meados do séc. II)
 Π_{48} P. Oxy. 3228 (séc. I-II)
 Π_{49} P. Oxy. 3229 (séc. II)
 Π_{52} P. Oxy. 3231 (séc. II-III)
 Π_{53} P. Oxy. 4659 (séc. II)
 Π_{54} P. Oxy. 4660 (séc. I a.C.-I d.C.)
 Π_{55} P. Oxy. 4651 (séc. III)
 Π_{56} P. Schøyen 1.7 (séc. II-I a.C.)
 Π_{57} P. Oxy. 4648 (séc. III)
 Π_{58} P. Ant. 3.118 (séc. III)
 Π_{59} P. Oxy. 4661 (séc. III)
 Π_{60} Bodl. MS Gr. Class. c. 237 (P) frr. B + C
 (final do séc. VI-início do VII)
 Π_{61} P. Oxy. 4662 (final do séc. II)

OBSERVEM-SE TAMBÉM OS SEGUINTE SINAIS CRÍTICOS:

- { } indicam texto que se considera suspeito
 < > indicam texto não atestado em manuscritos, mas acrescentado pelo editor
 [] indicam texto perdido no manuscrito; é reconstrução hipotética todo texto que estiver entre colchetes ou na direção do qual se abrir um colchete
 [] indicam letras perdidas num papiro mas conservadas num outro manuscrito que contém a mesma passagem

INTRODUÇÃO

†	indica trecho que se considera corrompido e que não foi possível corrigir por conjectura
	separa passagens diferentes no mesmo verso discutidas no aparato
:	separa lições diferentes para uma mesma passagem
μ	o ponto subscripto indica que a letra é de leitura incerta
Stobaeus _{SM}	letras subscriptas apostas a uma fonte indicam que a lição encontra-se apenas nos manuscritos dessa fonte designados com essas siglas

NOTE-SE O USO DE SINAIS ELEVADOS APOSTOS ÀS SIGLAS:

C ¹ , C ² , etc.	indicam “primeira mão”, “segunda mão”, etc., quando um manuscrito contém lições produzidas por diferentes copistas
ac	antes da correção
pc	depois da correção
γρ	indica que a variante é descrita como tal na fonte em questão por meio da expressão γράφεται (pl. γράφονται), “está escrito” (sc. numa outra fonte consultada)
λ	lição encontrada nos <i>lemmata</i> dos escólios
mg	na margem
ras	correção escrita sobre algo apagado
rec	indica uma mão mais recente do que a primeira
sl	variante ou correção escrita sobre a linha
uv	“ao que parece”
vl	indica que a fonte citada traz a lição em questão como uma variante, isto é, junto com outra(s) leitura(s)

ALGUMAS OUTRAS EXPRESSÕES LATINAS DO APARATO:

ath.	“atetizou” / “atetizaram” (refere-se à prática de marcar passagens suspeitas)
ci.	“conjecturou”
corr.	“corrigiu”
deest / desunt	“falta” / “faltam”
del.	“apagou” / “apagaram” (expressão usada para rejeição de passagens por parte de editores)
hab.	“possui” / “possuem”
om.	“omite” / “omitem”
suppl.	“completou”

A sintaxe básica normalmente utilizada num aparato crítico é bastante simples. Um padrão típico é o seguinte: primeiro vêm o número do verso em questão e a variante, seguida da(s) fonte(s) em que está atestada, frequentemente sem espaço entre as siglas (e.g. EH, Tzetzes, etc.), ou de um verbo (muitas vezes abreviado) que tem como objeto essa variante (e.g. del.) e do sujeito desse verbo (e.g. Rzach). Os dois pontos (:) podem vir em seguida para introduzir outra variante. Quando logo após o número do verso não está citada nenhuma palavra grega, as informações que se seguem dizem respeito ao verso como um todo. Naturalmente há variações em relação a esse padrão, mas a prática faz que em pouco tempo a linguagem elíptica do aparato se torne transparente.

V BIBLIOGRAFIA

Longe de ser exaustiva, esta lista contém apenas os livros, capítulo de livros e artigos que mais utilizamos e trazem as informações básicas que nos ajudaram a compor este trabalho. Demos certa ênfase a títulos disponíveis em português. Outras referências podem ser facilmente obtidas nas obras que citamos aqui, em particular nas mais recentes.

V.1 Edições críticas

Colonna, A. *Hesiodi Opera et dies*. Milano; Varese: Istituto Editoriale Cisalpino, 1959.

Mazon, P. *Hésiode: Théogonie – Les Travaux et les jours – Le Bouclier*. Paris: Les Belles Lettres, 1928 (aparato crítico muito reduzido; hoje bastante desatualizada; com tradução).

Rzach, A. *Hesiodus, Carmina*. 3. ed. Leipzig: Teubner, 1913 (a última fase do trabalho do autor).

Sinclair, T.A. *Hesiod, Works and Days*. London: Macmillan, 1932 (com comentário).

Solmsen, F.; Merkelbach, R.; West, M. L. *Hesiodi Theogonia, Opera et dies, Scutum, Fragmenta selecta*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1990.

von Wilamowitz-Moellendorff, U. *Hesiodos, Erga*. Berlin: Weidmann, 1928 (com comentário).

West, M. L. *Hesiod, Theogony*. Oxford: Oxford University Press, 1966 (com comentário).

West, M. L. *Hesiod, Works & Days*. Oxford: Oxford University Press, 1978 (com comentário).

V.2 Comentários e edições de escólios

Cassanmagnano, C. *Esiodo, Tutte le opere e i frammenti con la prima traduzione degli scolii*. Milano: Bompiani, 2009.

Ercolani, A. *Esiodo, Opere e giorni: introduzione, traduzione e commento*. Roma: Carocci, 2010.

Gaisford, T. *Poetae minores Graeci*, vol. 2 (*Scholiam ad Hesiodum*). Leipzig: Kuehn, 1823.

Mazon, P. *Hésiode, Les Travaux et les jours*. Paris: Hachette, 1914.

Paley, F. A. *The Epics of Hesiod*. 2. ed. rev. London: Whitaker and Co.; George Bell and Sons, 1883.

Pertusi, A. *Scholiam uetera in Hesiodi Opera et dies*. Milano: Vita e Pensiero, 1955.

Tandy, D. W.; Neale, W. C. *Hesiod's Works and Days. A Translation and Commentary for the Social Sciences*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1996.

Verdenius, W. J. *A Commentary on Hesiod, Works and Days, vv. 1-382*. Leiden: E. J. Brill, 1985.

West, 1966: vide supra V.1.

West, 1978: vide supra V.1.

Wilamowitz, 1928: vide supra V.1.

V.3 Traduções

Amzalak, M. B. *Hesíodo e o seu poema “Os trabalhos e os dias”*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1947 (contém introdução que aborda questões de economia).

Cerqueira, A. L. S.; Lyra, M. T. A. *Teogonia, Hesíodo*. Niterói: Editora Universitária UFF, 1986.

Evelyn-White, H. G. *Hesiod, The Homeric Hymns and Homeric*, with an English translation. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann, 1914.

INTRODUÇÃO

- Eyth, E. Hesiods Werke. In: *Langenscheidtsche Bibliothek sämtlicher griechischen und römischen Klassiker*. Berlin; Stuttgart: Langenscheidtsche Verlagsbuchhandlung, 1855-1906, 2. Band (*Äsop. Hesiod. Quintus*), p. i-96.
- Jiménez, A. P.; Díez, A. M. *Hesíodo, Obras y fragmentos*. Madrid: Gredos, 1978 (com boas notas).
- Lafer, M. de C. N. *Hesíodo, Os trabalhos e os dias (primeira parte)*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- Mantovaneli, L. O. *Os trabalhos e os dias, Hesíodo*. São Paulo: Odysseus, 2011.
- Most, G. W. *Hesiod: The Shield, Catalogue of Women, Other Fragments*. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 2007.
- Most, G. W. *Hesiod: Theogony, Works and Days, Testimonia*. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 2006 (tradução precisa com algumas notas críticas).
- Pereira, J. F. *As obras e os dias: apreciação d'este poema de Hesíodo, como livro de agricultura, com a trad. dos versos que se referem a esta sciencia*. Lisboa: Typ. do jornal "O Paiz", 1876.
- Pinheiro, A. E.; Ferreira, J. R. *Hesíodo, Teogonia; Trabalhos e dias*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005 (com apêndices e notas úteis e prefácio de M. H. da R. Pereira, p. 7-17).
- Regino, S. M. de. *Teogonia; Trabalhos e dias / Hesíodo*. São Paulo: Martin Claret, 2010 (não recomendável).
- Σκαρτσής, Σ. *Ἡσίοδος, Θεογονία, Ἔργα καὶ ἡμέραι, Ἀσπὶς Ἡρακλέους, Ἀποσπάσματα*. Αθήνα: Κάκτος, 1993.
- Torrano, J. *Hesíodo, Teogonia: a origem dos Deuses*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- Wender, D. *Hesiod, Theogony and Works and Days; Theognis, Elegies*. Middlesex: Penguin, 1973.
- West, M. L. *Hesiod, Theogony and Works and Days*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

V.4 Estudos (livros, artigos, capítulos de livros)

- Arrighetti, G. Il *Catalogo* esiodeo: un genere letterario? In: Bastianini, G.; Casanova, A. (ed.). *Esiodo, cent'anni di papiri: Atti del convegno internazionale di studi (Firenze, 7-8 giugno 2007)*. Firenze: Istituto Papirologico “G. Vitelli”, 2008, p. 11-27.
- Aubreton, R. *Introdução a Hesíodo*. São Paulo: [s.n.], 1956.
- Barron, J. P.; Easterling, P. E. Hesiod. In: Easterling, P. E.; Knox, B. (ed.). *The Cambridge History of Classical Literature I: Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 92-105.
- Beall, E. F. Notes on Hesiod's *Works and Days*, 383-828. *American Journal of Philology* 122 (2001), p. 155-171.
- Bowie, E. L. Lies, Fiction and Slander in Early Greek Poetry. In: Gill, C.; Wiseman, T. P. (ed.). *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin: University of Texas Press, 1993, p. 1-37.
- Brandão, J. L. As musas ensinam a mentir (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28). *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 2 (2000), p. 7-20.
- Burkert, W. Oriental and Greek Mythology: The Meeting of Parallels. In: Bremmer, J. (ed.). *Interpretations of Greek Mythology*. London; Sidney: Croom Helm, 1987, p. 10-40.
- Clay, J. S. *Hesiod's Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- de Jong, I. Homer and Narratology. In: Morris, I.; Powell, B. (ed.). *A New Companion to Homer*. Leiden; New York; Köln: Brill, 1997, p. 305-325.
- de Jong, I. *Narrators and Focalizers: The Presentation of the Story in the Iliad*. 2. ed. London: Duckworth, 2004 [primeira edição 1987].
- de Romilly, J. Gorgias et le pouvoir de la poésie. *The Journal of Hellenic Studies* 93 (1973), p. 155-162.
- Detienne, M. *Crise agraire et attitude religieuse chez Hésiode*. Bruxelles-Berchem: Collection Latomus LXVIII, 1963.
- Detienne, M. *Los maestros de verdad en la Grecia arcaica*. Trad. J. J. Herrera. Madrid: Taurus, 1981 [1967].

INTRODUÇÃO

- Edwards, A. T. *Hesiod's Askra*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2004.
- Edwards, G. P. *The Language of Hesiod in its Traditional Context*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.
- Fränkel, H. *Early Greek Poetry and Philosophy*. Trad. M. Hadas; J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975 [1962].
- Goldey, P. Emigrantes e camponeses: uma análise da literatura sociológica. *Análise Social* 18 (1982), p. 533-553.
- Hamilton, R. *The Architecture of Hesiodic Poetry*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- Havelock, E. Hesíodo pensador. In: _____. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Trad. O. J. Serra. São Paulo: Editora da Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 [1982], p. 219-232.
- Havelock, E. A poesia em Hesíodo. In: _____. *Prefácio a Platão*. Trad. E. A. Dobránszky. Campinas: Papirus, 1996 [1963], p. 115-131.
- Healey, J. F. O primeiro alfabeto. In: Hooker, J. T. (ed.). *Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga*. Trad. S. Medeiros et al. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Melhoramentos, 1996 [1990], p. 245-315.
- Heath, M. Hesiod's Didactic Poetry. *The Classical Quarterly*, N.S., 35 (1985), p. 245-263.
- Hoekstra, A. Hésiode. Les Travaux et les jours, 405-407, 317-319, 21-24. L'élément proverbial et son adaptation. *Mnemosyne*, Fourth Series, 3 (1950), p. 89-114.
- Hunter, R. Hesiod's Style: Towards an Ancient Analysis. In: Montanari, F.; Rengakos, A.; Tsagalis, C. (ed.). *Brill's Companion to Hesiod*. Leiden; Boston: Brill, 2009, p. 253-269.
- Jaeger, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. A. M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989 [1933], p. 59-72 (cap. "Hesíodo e a vida do campo").
- Janko, R. *Homer, Hesiod and the Hymns: Diachronic Development in Epic Diction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Kirk, G. S. The Structure and Aim of the Theogony. In: von Fritz, K. et al. (ed.). *Hésiode et son influence: six exposés et discussions*. Genève: Fondation Hardt, 1962, p. 61-95 (considerar a discussão que vem em seguida).

- Krausz, L. S. O pastor e as deusas: a iniciação de Hesíodo. In: _____. *As Musas: poesia e divindade na Grécia arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, p. 95-122.
- Leclerc, M.-C. *La Parole chez Hésiode: à la recherche de l'harmonie perdue*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- Lesky, A. *História da literatura grega*. Trad. M. Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995 [1971], p. 115-131.
- Livrea, E. I versi “vaganti” nel logos esiodeo delle razze (*Erga* 173 a-e West). In: Bastianini, G.; Casanova, A. (ed.). *Esiodo, cent'anni di papiri: Atti del convegno internazionale di studi (Firenze, 7-8 giugno 2007)*. Firenze: Istituto Papirologico “G. Vitelli”, 2008, p. 43-53.
- Luiselli, R. Papiri greci riutilizzati per la manifattura di un cartonnage di legatura. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 142 (2003), p. 147-162 (p. 157-159 sobre o MS Gr. Class. c. 237 (P) da Bodleian Library, fr. B + C).
- Maehler, H. Neue Fragmente eines Hesiodpapyrus in West-Berlin. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 15 (1974), p. 195-207 (sobre P. Berol. 21107; para foto do fragmento que contém *Op.* 173a-c, ver *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 4 (1969), Tafel Vb).
- Meliadò, C. *Pant* III 118: un nuovo testimone esiodeo. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 142 (2003), p. 19-20.
- Murray, G. *Historia de la literatura clásica griega*. Trad. E. S. y Castelin. Buenos Aires: Albatros, 1947 [1897], p. 76-85 (cap. “Hesíodo”).
- Nagy, G. *Greek Mythology and Poetics*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1990.
- Nelson, S. The Drama of Hesiod’s Farm. *Classical Philology* 91 (1996), p. 45-53.
- Nicolai, W. *Hesiods Erga: Beobachtungen zum Aufbau*, Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag, 1964.
- Nicole, J. Fragments d’Hésiode sur papyrus d’Égypte. *Revue de Philologie* 12 (1888), p. 113-117 (sobre P. Genav. 94; para foto parcial, ver *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 6 (1970), Tafel IVb).
- Nisbet, G. “Works and Days”: A Didaxis of Deconstruction? *Greece & Rome* 51 (2004), p. 147-163.

INTRODUÇÃO

- Obbink, D. P. Oxy. 4648. Prose on Star-Signs Quoting Homer, Hesiod, and Others. *The Oxyrhynchus Papyri* 68 (2003), p. 52-63.
- Obbink, D. P. Oxy. 4651. Prose Quoting Hesiod, *Opera et dies* 219-23. *The Oxyrhynchus Papyri* 68 (2003), p. 68-69.
- Obbink, D. et al. P. Oxy. 4653-4666. Hesiod, *Theogonia, Opera et dies, Scutum*. *The Oxyrhynchus Papyri* 68 (2003), p. 73-102.
- Pavese, C. O.; Venti, P. *A Complete Formular Analysis of the Hesiodic Poems: Introduction and Formular Edition*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 2000.
- Pellizer, E. Réflexions sur les combats de la *Theogonie*. In: Blaise, F.; La Combe, P. J. de; Rousseau, P. (ed.). *Le Métier du mythe. Lectures d'Hésiode*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 1996, p. 235-249.
- Pereira, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica, vol. I: cultura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 155-168.
- Pintaudi, R. Il più antico testimone degli *Erga* di Esiodo. In: Accorintini, D.; Chuvin, P. (ed.). *Des Géants à Dionysos. Mélanges de poésie grecque offerts à Francis Vian*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2003, p. 163-166.
- Pucci, P. *Hesiod and the Language of Poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1977.
- Rowe, C. J. 'Archaic Thought' in Hesiod. *Journal of Hellenic Studies* 103 (1983), p. 124-135.
- Rutherford, I. Hesiod and the Literary Traditions of the Near East. In: Montanari, F.; Rengakos, A.; Tsagalis, C. (ed.). *Brill's Companion to Hesiod*. Leiden; Boston: Brill, 2009, p. 9-35.
- Sarian, H. A escrita alfabética grega: uma invenção da *pólis*? A contribuição da arqueologia. *Classica* 11/12 (1998/1999), p. 159-177.
- Schüler, D. *Literatura grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1985, p. 25-32.
- Snell, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Trad. P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001 [1955].
- Stoddard, K. *The Narrative Voice in the Theogony of Hesiod*. Leiden; Boston: Brill, 2004.
- Thalman, W. G. *Conventions of Form and Thought in Early Greek Epic Poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1984.

- Trédé-Boulmer, M.; Saïd, S. *A literatura grega de Homero a Aristóteles*. Trad. M. C. Frexes. Mem Martins: Europa-América, 1992 [1990], p. 28-32.
- Trever, A. A. The Age of Hesiod: A Study in Economic History. *Classical Philology* 19 (1924), p. 157-168.
- Van Groningen, B. A. *La Composition littéraire archaïque grecque: procédés et réalisations*. Amsterdam: Noord-Hollandsche Uitg. Mij., 1958.
- Verdenius, W. J. Notes on the proem of Hesiod's *Theogony*. *Mnemosyne*, Fourth Series, 25 (1972), p. 225-260.
- Vernant, J.-P. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Trad. M. Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992 [1974].
- Vernant, J.-P. *Mito y pensamiento en la Grecia antigua*. Trad. J. D. L. Bonillo. Barcelona: Ariel, 1983 [1965].
- Walcot, P. *Hesiod and the Near East*. Cardiff: University of Wales Press, 1966a.
- Walcot, P. Resenha de Detienne, M. *Crise agraire et attitude religieuse chez Hésiode*. *The Journal of Hellenic Studies* 86 (1966b), p. 172-173.
- Waltz, P. *Hésiode et son poème moral*. Bordeaux: Feret & Fils, 1906.
- West, M. L. *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- West, M. L. *The Hesiodic Catalogue of Women*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- West, M. L. The Medieval Manuscripts of the Works and Days. *The Classical Quarterly*, N.S., 24 (1974), p. 161-185.
- West, M. L. Three Papyri of Hesiod. *Bulletin of the American Society of Papyrologists* 3 (1966), p. 65-78.



ΗΣΙΟΔΟΥ
ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

HESÍODO
OS TRABALHOS E OS DIAS

ΗΣΙΟΔΟΥ
ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

Μοῦσαι Πιερίθην, ἀοιδῆσι κλείουσαι,
δεῦτε, Δί' ἐννέπετε σφέτερον πατέρ' ὑμνείουσαι,
ὄν τε διὰ βροτοὶ ἄνδρες ὁμῶς ἄφατοί τε φατοί τε
ῥητοί τ' ἄρρητοί τε Διὸς μεγάλοιο ἔκητι.
ῥέα μὲν γὰρ βριάει, ῥέα δὲ βριάοντα χαλέπτει, 5
ῥεῖα δ' ἀρίζηλον μινύθει καὶ ἄδηλον ἀέξει,
ῥεῖα δέ τ' ἰθύνει σκολιὸν καὶ ἀγήνορα κάρφει
Ζεὺς ὑψιβρεμέτης ὃς ὑπέρτατα δώματα ναίει.
κλῶθι ἰδὼν αἰὼν τε, δίκη δ' ἴθυνε θέμιστας
τύνη· ἐγὼ δέ κε Πέρση ἐτήτυμα μυθησαίμην. 10

Οὐκ ἄρα μοῦνον ἔην Ἐρίδων γένος, ἀλλ' ἐπὶ γαῖαν
εἰσὶ δύο· τὴν μὲν κεν ἐπαινῆσαιε νοήσας,
ἢ δ' ἐπιωμητή· διὰ δ' ἄνδιχα θυμὸν ἔχουσιν.
ἢ μὲν γὰρ πόλεμόν τε κακὸν καὶ δῆριν ὀφέλλει,
σχετλίη· οὐ τις τὴν γε φιλεῖ βροτός, ἀλλ' ὑπ' ἀνάγκης 15
ἀθανάτων βουλῆσιν Ἔριν τιμῶσι βαρεῖαν.
τὴν δ' ἐτέρην προτέρην μὲν ἐγείνατο Νηὲς ἐρεβεννή,
θῆκε δέ μιν Κρονίδης ὑψίζυγος αἰθέρι ναίων
γαίης τ' ἐν ρίζησι καὶ ἀνδράσι πολλὸν ἀμείνω·

1-10 ath. Aristarchus al.

19 τ' om. Par. 2763, del. Guyet (habet Π₅₃)

HESÍODO

OS TRABALHOS E OS DIAS

PROÊMIO

Musas da Piéria, que dais glória com canções,
vinde; em hinos cantai Zeus, vosso pai.
Através dele os homens mortais ficam igualmente sem fama e famosos;
deles se fala ou se silencia por meio de Zeus grande.
Ele facilmente fortalece, facilmente os fortes esmaga; (5)
facilmente diminui o ilustre e exalta o obscuro,
endireita o torto e o arrogante enfraquece,
Zeus altitonante que habita excelsos palácios.
Escuta, Zeus, vendo e ouvindo, e com justiça endireita as sentenças!¹
Quanto a mim, gostaria de dizer a Perses² verdades. (10)

AS DUAS LUTAS

Ora, não houve apenas um nascimento de Lutas, mas sobre a terra
existem duas.³ Quando alguém observa uma delas, considera louvável;
a outra é digna de censura: elas têm ânimos diversos.
Pois uma promove a guerra má e a disputa,
é a cruel. Nenhum mortal a ama, mas por necessidade, (15)
pela vontade dos deuses, têm de honrar a Luta pesada.
A outra, a primeira, gerou-a a Noite escura,
e o filho de Crono, Zeus sentado em alto trono,
habitante do éter, colocou-a
nas raízes da terra; é bem melhor para os homens:

- 1 Possivelmente já uma referência aos julgamentos injustos dos “reis devoradores de presentes” que serão mencionados em 38-39.
- 2 Irmão de Hesíodo, com o qual este tem desavenças quanto à divisão da herança paterna (ver 27 et sqq.).
- 3 Aqui Hesíodo corrige a própria *Teogonia* 225, onde apenas uma Luta (Ἔρις) é mencionada.

ἢ τε καὶ ἀπάλαμόν περ ὄμως ἐπὶ ἔργον ἔγειρεν. 20
 εἰς ἕτερον γάρ τις τε ἰδὼν ἔργοιο χατίζει
 πλούσιον, ὃς σπεύδει μὲν ἀρώμεναι ἠδὲ φυτεύειν
 οἶκόν τ' εὖ θέσθαι, ζηλοῖ δέ τε γείτονα γείτων
 εἰς ἄφενος σπεύδοντ'· ἀγαθὴ δ' Ἔρις ἦδε βροτοῖσιν.
 καὶ κεραμεὺς κεραμεῖ κοτέει καὶ τέκτονι τέκτων, 25
 καὶ πτωχὸς πτωχῷ φθονέει καὶ ἀοιδὸς ἀοιδῷ.
 ὦ Πέρση, σὺ δὲ ταῦτα τεῷ ἐνικάτθεο θυμῷ,
 μηδέ σ' Ἔρις κακόχαρτος ἀπ' ἔργου θυμὸν ἐρύκοι
 νεῖκε' ὀπιπεύοντ' ἀγορῆς ἐπακουδὸν ἐόντα.
 ὄρη γάρ τ' ὀλίγη πέλεται νεικέων τ' ἀγορέων τε, 30
 ᾧτινι μὴ βίος ἔνδον ἐπηετανὸς κατάκειται
 ὠραῖος, τὸν γαῖα φέρει, Δημήτερος ἀκτὴν.
 τοῦ κε κορεσσάμενος νείκεα καὶ δῆριν ὀφέλλοις
 κτήμασ' ἐπ' ἀλλοτρίοις, σοὶ δ' οὐκέτι δεύτερον ἔσται
 ᾧδ' ἔρδειν, ἀλλ' αὐθι διακρινώμεθα νεῖκος 35
 ἰθείησι δίκης, αἶ τ' ἐκ Διός εἰσιν ἄρισταί.
 ἦδη μὲν γὰρ κλῆρον ἐδασσάμεθ', ἄλλά τε πολλὰ
 ἀρπάζων ἐφόρεις, μέγα κυδαίνων βασιλῆας
 δωροφάγους, οἳ τήνδε δίκην ἐθέλουσι δικάσσαι,
 νήπιοι, οὐδὲ ἴσασιν ὅσῳ πλέον ἤμισυ παντός, 40
 οὐδ' ὅσον ἐν μαλάχῃ τε καὶ ἀσφοδέλῳ μέγ' ὄνειαρ.

20 ἔγειρεν CE^{ac}H : ἐγείρει DE^{pc} Tzetzes

21 χατίζει C Stobaeus^{vl} : χατίζων ΣDEH Galenus al.

24 ἄφενος Π₅₃^e C^{ac} Plutarchus : -ον C^{pc}DEH sch. in Oppianum al. : uariant codd. Σ

25 κεραμεὺς| κεραμεῖ et Π₅₃^{uv} : κεραμεῖ κεραμεὺς Aristoteles^{vl}

ela leva ao trabalho mesmo a pessoa sem meios. (20)

Pois um homem sente falta de trabalho ao olhar para outro
que, rico, apressa-se a arar, plantar
e administrar bem sua casa, e um vizinho procura igualar o outro
que se apressa em alcançar a fartura. Essa Luta é boa para os mortais.
O oleiro irrita-se com o oleiro, o carpinteiro com o carpinteiro; (25)
o mendigo inveja ao mendigo, o poeta ao poeta.

Ó Perses, coloca essas coisas no teu espírito,
e que a Luta que se compraz no mal não te afaste do trabalho
para assistir a litígios, atento aos discursos da praça pública.
Na verdade, litígios e discursos pouco importam (30)

a quem não possui em estoque sustento abundante
colhido no tempo certo, os frutos de Deméter, que a terra traz.
Estando deles saciado, poderias promover litígios e disputas
sobre bens alheios. Não te será possível, contudo, uma segunda vez
assim agir, mas, sem mais, decidamos nosso litígio (35)
com julgamentos justos, que vêm de Zeus, os melhores.

Pois de fato já tínhamos dividido a herança, e tu muitas outras coisas
agarravas e levavas, prestando grandes honras aos reis⁴
devoradores de presentes, que se dispõem a dar esse veredicto.
Tolos! Não sabem quanto a metade é maior do que o todo,⁵ (40)
nem quão grande proveito existe na malva e no asfódelo.⁶

4 Os “reis” são provavelmente membros da nobreza encarregados da administração da justiça.

5 A justiça reside no meio-termo.

6 Dieta frugal. Ver outra interpretação em Clay, 2003, p. 36-37.

Κρύψαντες γὰρ ἔχουσι θεοὶ βίον ἀνθρώποισιν·
 ῥηιδίως γάρ κεν καὶ ἐπ' ἡματι ἐργάσσαιο
 ὥστε σε κείς ἐνιαυτὸν ἔχειν καὶ ἀεργὸν ἔοντα·
 αἰψά κε πηδάλιον μὲν ὑπὲρ καπνοῦ καταθεῖο, 45
 ἔργα βοῶν δ' ἀπόλοιτο καὶ ἡμιόνων ταλαεργῶν.
 ἀλλὰ Ζεὺς ἔκρυψε, χολωσάμενος φρεσὶν ἧσιν,
 ὅττι μιν ἐξαπάτησε Προμηθεὺς ἀγκυλομήτης.
 τούνεκ' ἄρ' ἀνθρώποισιν ἐμήσατο κήδεα λυγρὰ·
 κρύψε δὲ πῦρ· τὸ μὲν αὖτις ἐὺς πάις Ἴαπετοῖο 50
 ἔκλεψ' ἀνθρώποισι Διὸς παρὰ μητιόεντος
 ἐν κοίλῳ νάρθηκι, λαθὼν Δία τερπικέρανον.
 τὸν δὲ χολωσάμενος προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς·
 “Ἴαπετιονίδη, πάντων πέρι μήδεα εἰδῶς,
 χαίρεις πῦρ κλέψας καὶ ἐμὰς φρένας ἠπεροπεύσας, 55
 σοί τ' αὐτῷ μέγα πῆμα καὶ ἀνδράσιν ἐσσομένοισιν.
 τοῖς δ' ἐγὼ ἀντὶ πυρὸς δώσω κακόν, ᾧ κεν ἅπαντες
 τέρπωνται κατὰ θυμόν, ἐὸν κακὸν ἀμφαγαπῶντες.”
 Ὡς ἔφατ', ἐκ δ' ἐγέλασσε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε.
 Ἐφαιστον δ' ἐκέλευσε περικλυτὸν ὅττι τάχιστα 60
 γαῖαν ὕδει φύρειν, ἐν δ' ἀνθρώπου θέμεν αὐδὴν
 καὶ σθένος, ἀθανάτης δὲ θεῆς εἰς ὧπα εἰσκειν,
 παρθενικῆς καλὸν εἶδος ἐπήρατον· αὐτὰρ Ἀθήνην
 ἔργα διδασκῆσαι, πολυδαίδαλον ἰστὸν ὑφαίνειν·

PROMETEU E PANDORA

É que os deuses mantêm escondido dos humanos o sustento.
 Pois senão trabalharias fácil, e só um dia,
 e, mesmo ocioso, terias o bastante para o ano.
 Logo colocarias o timão sobre a lareira,⁷ (45)

os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam.
 Mas Zeus escondeu-o, encolerizado em seu coração,
 porque o enganara Prometeu de curvo pensar.⁸
 Por isso maquinou amargos cuidados para os humanos,
 e escondeu o fogo. Por sua vez, o bom filho de Jápeto (50)

roubou-o do sábio Zeus para dá-lo aos humanos
 numa fêrula oca, passando despercebido a Zeus a quem alegre o trovão.
 Encolerizado, disse-lhe Zeus que ajunta nuvens:

“Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos,
 alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência, (55)
 o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens futuros.
 Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos
 se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente
 seu próprio mal.”

Assim falou, e riu alto o pai de homens e deuses.
 Então ordenou ao ilustre Hefesto que o mais rápido possível (60)
 misturasse terra com água e ali infundisse fala e força humanas,
 e que moldasse, de face semelhante à das deusas imortais,
 uma forma bela e amável de donzela; depois ordenou a Atena
 que lhe ensinasse trabalhos, a tecer uma urdidura cheia de arte;

7 Cessando os trabalhos da navegação, o timão é assim guardado para que não apodreça.

8 Na divisão do boi sacrificado em uma reunião entre os deuses e os homens, conforme a *Teogonia* 535-564. Vernant, 1992 [1974], p.154-170, é um estudo clássico do mito prometeico em Hesíodo, comparando a versão da *Teogonia* com a dos *Trabalhos*.

καὶ χάριν ἀμφιχέαι κεφαλῇ χρυσῆν Ἀφροδίτην, 65
καὶ πόθον ἀργαλέον καὶ γυιοκόρους μελεδῶνας·
ἐν δὲ θέμεν κύνεόν τε νόον καὶ ἐπίκλοπον ἦθος
Ἑρμείην ἦνωγε διάκτορον Ἀργεῖφόντην.
Ἦς ἔφαθ', οἱ δ' ἐπίθοντο Διὶ Κρονίῳ ἀνακτι.
αὐτίκα δ' ἐκ γαίης πλάσσε κλυτὸς Ἀμφιγυήεις 70
παρθένῳ αἰδοίῃ ἵκελον Κρονίδεω διὰ βουλᾶς·
ζῶσε δὲ καὶ κόσμησε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·
ἀμφὶ δὲ οἱ Χάριτές τε θεαὶ καὶ πότνια Πειθῶ
ὄρμους χρυσεῖους ἔθεσαν χροῖί, ἀμφὶ δὲ τήν γε
Ἔρραι καλλίκομοι στέφον ἄνθεσιν εἰαρινοῖσιν· 75
πάντα δὲ οἱ χροῖὸν κόσμον ἐφήρμοσε Παλλὰς Ἀθήνη.
ἐν δ' ἄρα οἱ στήθεσσι διάκτορος Ἀργεῖφόντης
ψεύδεά θ' αἰμυλίους τε λόγους καὶ ἐπίκλοπον ἦθος
τεῦξε Διὸς βουλῆσι βαρυκτύπου· ἐν δ' ἄρα φωνήν

66 γυ(ι)οκόρους *ot* : γυιοβόρους S² Iulianus

69-82 del. Kirchhoff Wilamowitz al.

a Afrodite dourada, que lhe espargisse a cabeça com graça, (65)
penoso desejo e inquietação que devora os membros.

Que nela colocasse uma mente desavergonhada e um caráter fingido,
ordenou a Hermes mensageiro, o matador do monstro Argos.

Assim falou, e eles obedeceram a Zeus soberano, filho de Crono.

Logo o célebre deus coxo moldou-a da terra, (70)

à semelhança de uma virgem respeitável, seguindo a vontade

do filho de Crono;

deu-lhe um cinto e enfeitou-a a deusa Atena de olhos brilhantes;

as deusas Graças e augusta Persuasão

envolveram seu corpo com joias douradas;

as Horas de belas cabeleiras coroaram-na com flores primaveris; (75)

Palas Atena ajeitou no seu corpo todo o ornamento.

Então, o mensageiro matador de Argos fez em seu peito

mentiras, palavras sedutoras e um caráter fingido,

por vontade de Zeus que grave troveja;

θήκε θεῶν κῆρυξ, ὀνόμηνε δὲ τήνδε γυναῖκα 80
Πανδώραν, ὅτι πάντες Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες
δῶρον ἐδώρησαν, πῆμ' ἀνδράσιν ἀλφηστῆσιν.
 Αὐτὰρ ἐπεὶ δόλον αἰπὺν ἀμήχανον ἐξετέλεσσεν,
εἰς Ἐπιμηθεά πέμπε πατῆρ κλυτὸν Ἀργεῖφόντην
δῶρον ἄγοντα, θεῶν ταχὺν ἄγγελον· οὐδ' Ἐπιμηθεὺς 85
ἐφράσαθ', ὥς οἱ ἔειπε Προμηθεὺς μή ποτε δῶρον
δέξασθαι παρ Ζηνὸς Ὀλυμπίου, ἀλλ' ἀποπέμπειν
ἐξοπίσω, μή πού τι κακὸν θνητοῖσι γένηται.
αὐτὰρ ὁ δεξάμενος ὅτε δὴ κακὸν εἶχ' ἐνόησεν.

assim o arauto dos deuses nela colocou linguagem,⁹ (80)
e chamou essa mulher

Pandora, porque todos os que têm moradas olímpias
deram essa dádiva, desgraça para os homens que vivem de pão.

Depois, quando completou o irresistível profundo engano,
o Pai enviou a Epimeteu o célebre matador de Argos,
o rápido emissário dos deuses, levando o presente. E Epimeteu não (85)
pensou no que lhe dissera Prometeu:¹⁰ nunca um presente
aceitar de Zeus olímpio, mas mandar
de volta, para que não venha a ser um mal para os mortais.
Mas ele, depois de o receber, bem quando tinha o mal, compreendeu.

9 Seguindo Mazon, 1914, p. 56, “linguagem” é minha proposta de tradução para φωνήν (79), com o fim de distinguir essa palavra de αὐδήν (61), que verti como “fala”, embora os dois vocábulos gregos admitam a mesma tradução, “voz”. Desde a Antiguidade chama a atenção dos comentadores o fato de Zeus ter ordenado a Hefesto que colocasse em Pandora uma “voz” humana (ἐν δ' ἀνθρώπου θέμεν αὐδήν), ao passo que, na cena que descreve como as ordens de Zeus foram colocadas em prática, o deus coxo aparentemente não o faz, e é Hermes quem coloca nela uma “voz” (ἐν δ' ἄρα φωνήν / θήκε). A autenticidade do verso 79, conseqüentemente, foi colocada em dúvida (por exemplo, por Bentley e Rzsch). Não fica claro se Hesíodo via alguma diferença de sentido entre as duas palavras, e qual seria essa diferença. Os antigos dão explicações contraditórias: nos escólios, por vezes φωνή é tida como a faculdade da fala articulada, e ela aparece assim, ou com sentidos análogos (“língua”, “dialeto”), em Ésquilo, Sófocles, Heródoto e Platão (ver Sinclair, 1932, ad 79); mas outros comentadores antigos dão esse significado a αὐδή (veja-se o contraste entre os escólios 77-78 e 77a, p. 40 Pertusi). De fato, o testemunho de Homero aduzido por West, 1978, ad 79 (*Il.* 19.407), sugere o significado de fala articulada para essa palavra. Tampouco os modernos estão de acordo em suas diversas interpretações (cf. Verdenius, 1985, ad 61, 79). Para reproduzir o uso de duas palavras diferentes no original, pretendo sugerir com “fala” e “linguagem” dois níveis de articulação diferentes para a voz de Pandora. Note-se que a *Teogonia* 39 traz as duas palavras juntas num contexto que trata do canto das Musas.

10 Epimeteu (“o que pensa depois”) é irmão de Prometeu (“o que pensa antes”).

Antes, de fato, as tribos dos humanos viviam sobre a terra (90)
sem contato com males, com o difícil trabalho
ou com penosas doenças que aos homens dão mortes.
{Rapidamente em meio à maldade envelhecem os mortais.}¹¹
Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de um jarro,
espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos. (95)
Sozinha ali ficava a Antecipação, na indestrutível morada,
dentro, abaixo da boca do jarro, e para fora não
voou. Pois antes baixou¹² a tampa do jarro
por vontade de Zeus que ajunta nuvens, o detentor da égide.
Mas outras incontáveis tristezas vagam entre os homens. (100)
Na verdade, a terra está cheia de males, cheio o mar;
doenças para os humanos, algumas de dia, outras à noite,
por conta própria vêm e vão sem cessar, males aos mortais levando
em silêncio, já que privou-as de voz Zeus sábio.
Assim, de modo algum pode-se escapar à inteligência de Zeus. (105)

11 Este verso (93) falta em diversos testemunhos manuscritos e é idêntico a Hom. *Od.* 19.360. É pouco adequado ao contexto e normalmente considerado espúrio.

12 Supostamente, o sujeito subentendido é “a mulher”, mencionada pela última vez, todavia, em 94.

Εἰ δ' ἐθέλεις, ἕτερόν τοι ἐγὼ λόγον ἐκκορυφώσω,
εὖ καὶ ἐπισταμένως, σὺ δ' ἐνὶ φρεσὶ βάλλευο σῆσιν,
ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοὶ τ' ἄνθρωποι.

Χρῦσεον μὲν πρότιστα γένος μερόπων ἀνθρώπων
ἀθάνατοι ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες. 110

οἱ μὲν ἐπὶ Κρόνου ἦσαν, ὅτ' οὐρανῷ ἐμβασίλευεν·
ὥστε θεοὶ δ' ἔζων, ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες,
νόσφιν ἄτερ τε πόνου καὶ οἰζύος· οὐδέ τι δειλὸν
γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι

τέρποντ' ἐν θαλίησι κακῶν ἔκτοσθεν ἀπάντων· 115

θνήσκον δ' ὥσθ' ὕπνῳ δεδμημένοι· ἐσθλὰ δὲ πάντα
τοῖσιν ἔην· καρπὸν δ' ἔφερε ζεῖδωρος ἄρουρα
αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον· οἱ δ' ἐθελημοὶ
ἦσυχον ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν.

113-113a νόσφιν ἄτερ τε κακῶν καὶ ἄτερ χαλεποῦ πόνου | νόσων τ' ἀργαλέων
καὶ ἀπήμονες, οὐδὲ μέλεσσι Diodorus

O MITO DAS CINCO RAÇAS

Mas se queres te farei em resumo¹³ outro relato,
bem e habilmente narrado, e tu coloca-o no teu espírito:
como nasceram da mesma fonte os deuses e os humanos perecíveis.¹⁴

Primeira de todas entre os humanos de fala articulada,
fizeram os imortais que têm moradas olímpias uma raça de ouro. (110)

Eles existiram no tempo de Crono, quando este reinava no céu;
como deuses viviam, o coração sem cuidados,
sem contato com sofrimento e miséria. Em nada a débil
velhice estava presente, mas, sempre iguais quanto aos pés e às mãos,
alegravam-se em festins, fora de todos os males, (115)

e morriam como que vencidos pelo sono. Tudo o que é bom
possuíam: a terra fecunda produzia seu fruto
espontaneamente, muito e de bom grado. Eles, voluntária
e tranquilamente repartiam os trabalhos,¹⁵ tendo bens abundantes.

13 O sentido do verbo ἐκκορυφώσω é controverso: discussão em Wilamowitz, 1928, West, 1978, e Verdenius, 1985, ad loc.

14 Considerado suspeito por Solmsen, 1990, entre outros, esse verso não está necessariamente em contradição com o fato de os deuses terem criado os homens. O que o texto dá a entender é que no início havia proximidade entre os mortais e os imortais (ver 112), mesmo porque esses dois tipos de seres têm uma origem comum na Terra (563 e Píndaro *Nemeias* 6.1-2) e muitos heróis são filhos de deuses (ὁμόθεν indica parentesco, mas também proximidade no espaço: ver *LSJ* s.v.). Os humanos posteriores à raça de ouro, mostra Hesíodo, têm se afastado paulatinamente dos deuses, o que culminará, no fim da raça de ferro, com a partida de Reverência e Indignação (197-200).

15 Pode-se traduzir ἔργα como “trabalhos”, mas também como “frutos do trabalho”, e daí os sentidos “terras cultivadas”, “riquezas”, “propriedades”. O verbo véμω, usado aqui na voz média, pode ser “distribuir entre si” (de um grupo), “gozar de”, “possuir”, “pastar, alimentar-se, comer”. Mazon, 1914, p. 63, propõe “viviam de seus campos”. Lê-se paráfrase análoga em West, 1978, ad loc., embora ele reconheça que a conotação de “trabalhos” para ἔργα não está ausente do verso, o que o faz considerar a escolha da palavra um tanto inadequada (em sua tradução de 1988, West traz “harvested their fields”). Ver também as traduções em Pinheiro e Ferreira, 2005, Jiménez e Díez, 1978, e Eyth, 1855-1906. Já Verdenius, 1985, ad 119, p. 83, afirma que ἔργα “pode ter o sentido de ‘comida’ sem a implicação

{ἀφνειοὶ μήλοισι, φίλοι μακάρεσσι θεοῖσιν.} 120
 αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν,
 τοὶ μὲν δαίμονές εἰσι Διὸς μεγάλου διὰ βουλὰς
 ἐσθλοί, ἐπιχθόνιοι, φύλακες θνητῶν ἀνθρώπων,
 {οἷ ῥα φυλάσσουσίν τε δίκας καὶ σχέτλια ἔργα
 ἡέρα ἐσσάμενοι, πάντα φοιτῶντες ἐπ' αἶαν,} 125
 πλουτοδοῦται· καὶ τοῦτο γέρας βασιλήιον ἔσχον.

Δεύτερον αὐτε γένος πολὺ χειρότερον μετόπισθεν
 ἀργύρεον ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες,
 χρυσῆφ οὔτε φυὴν ἐναλίγκιον οὔτε νόημα.
 ἀλλ' ἑκατὸν μὲν παῖς ἔτεα παρὰ μητέρι κεδνῇ 130
 ἐτρέφετ' ἀτάλλων μέγα νήπιος ᾧ ἐνὶ οἴκῳ·
 ἀλλ' ὅτ' ἄρ' ἠβήσαι τε καὶ ἠβης μέτρον ἵκοιτο,
 παυρίδιον ζώεσκον ἐπὶ χρόνον, ἄλγε' ἔχοντες
 ἀφραδίης· ὕβριν γὰρ ἀτάσθαλον οὐκ ἐδύναντο
 ἀλλήλων ἀπέχειν, οὐδ' ἀθανάτους θεραπεύειν 135
 ἤθελον οὐδ' ἔρδειν μακάρων ἱεροῖς ἐπὶ βωμοῖς,
 ἢ θέμις ἀνθρώποισι κατ' ἤθεα. τοὺς μὲν ἔπειτα
 Ζεὺς Κρονίδης ἔκρυσε χολούμενος, οὔνεκα τιμάς
 οὐκ ἔδιδον μακάρεσσι θεοῖς οἷ Ὀλυμπον ἔχουσιν.

120 solus praebebat Diodorus (non in omnibus codd.)

122 εἰσι Διὸς μεγάλου διὰ βουλὰς ο Proclus Lactantius : ἀγνοὶ ὑποχθόνιοι καλέονται Plato *Cratylus* (ἐπιχθόνιοι cod. W) Aristides : ἀγνοὶ ἐπιχθόνιοι τελέθουσιν Plato *Respublica*

123 ἐσθλοὶ οτ Proclus : ἀγνοὶ Plutarchus || ἐπιχθόνιοι Σο Plutarchus Lactantius Macrobius : ἀλεξίκακοι Plato Proclus al. || θνητῶν et Plato *Cratylus* : μερόπων Plato *Respublica*

124-125 (= 254-255) om. Π₃₈^{uv}Π₄₀Σ (excepto cod. C) Proclus Plutarchus Macrobius, del. Rzach al.

137 ἀνθρώποισι κατ' ο : ἀνθρώποις κατὰ Bentley

{ Ricos em rebanhos, eram queridos dos deuses
bem-aventurados. }¹⁶ (120)

Mas desde que a terra encobriu essa raça,
eles são divindades pela vontade de Zeus grande,
nobres, terrestres, guardiões dos humanos perecíveis;
{ eles vigiam as sentenças e as cruéis ações,
vestidos de bruma, vagando por toda a terra, }¹⁷ (125)
distribuidores de riquezas: obtiveram esse privilégio de reis.

Então uma segunda raça, e muito pior, depois
fizeram os que têm moradas olímpias, a de prata,
que não se assemelhava à de ouro nem em corpo nem em pensamento.
Mas o filho junto à mãe querida por cem anos (130)
era nutrido, um grande tolo brincando em sua casa.
Mas quando tornavam-se adolescentes e alcançavam a flor da idade,
viviam por pouco tempo, padecendo dores
com sua insensatez, pois não podiam conter uma presunçosa insolência
uns para com os outros, nem queriam servir aos imortais (135)
nem sacrificar nos santos altares dos bem-aventurados,
como é justo para os humanos, conforme os costumes. Depois
Zeus filho de Crono, encolerizado, escondeu-os, porque não honravam
os deuses bem-aventurados que habitam o Olimpo.

de que era necessário trabalho para produzi-la”, o que não parece muito convincente, ainda menos com o exemplo da *Odisseia* 4.318 citado em apoio a essa interpretação.

16 O verso 120 está ausente dos manuscritos de Hesíodo que possuímos, aparecendo somente em uma citação de Diodoro Sículo (5.66.6), e por isso é tido como acréscimo posterior. Menor consideração ainda merece o verso 113a (ver aparato crítico e Livrea, 2008, p. 52-53).

17 Estes versos (124-125) são idênticos a 254-255. Omitidos em diversos testemunhos antigos (ver aparato crítico), são rejeitados pela maioria dos editores.

αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν, 140
 τοὶ μὲν ὑποχθόνιοι μάκαρες θνητοὶ καλέονται,
 δεύτεροι, ἀλλ' ἔμπης τιμὴ καὶ τοῖσιν ὀπηδεῖ.

Ζεὺς δὲ πατὴρ τρίτον ἄλλο γένος μερόπων ἀνθρώπων
 χάλκειον ποίησ', οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὁμοῖον,
 ἐκ μελιᾶν, δεινόν τε καὶ ὄβριμον, οἷσιν Ἔρως 145
 ἔργ' ἔμελε στονόεντα καὶ ὕβριες· οὐδέ τι σῖτον
 ἦσθιον, ἀλλ' ἀδάμαντος ἔχον κρατερόφρονα θυμόν·
 ἄπλαστοι· μεγάλη δὲ βίη καὶ χεῖρες ἄαπτοι
 ἐξ ὧμων ἐπέφυκον ἐπὶ στιβαροῖσι μέλεσσιν.

τῶν δ' ἦν χάλκεα μὲν τεύχεα, χάλκεοι δέ τε οἴκοι, 150
 χαλκῶ δ' εἰργάζοντο· μέλας δ' οὐκ ἔσκε σίδηρος,
 καὶ τοὶ μὲν χεῖρεσσιν ὑπὸ σφετέρησι δαμέντες
 βῆσαν ἐς εὐρώεντα δόμον κρυεροῦ Ἀίδαο
 νόνυμνοι· θάνατος δὲ καὶ ἐκπάγλους περ ἑόντας
 εἶλε μέλας, λαμπρὸν δ' ἔλιπον φάος ἠελίοιο. 155

Αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν,
 αὐτίς ἔτ' ἄλλο τέταρτον ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ
 Ζεὺς Κρονίδης ποίησε, δικαιοτέρον καὶ ἄρειον,
 ἀνδρῶν ἠρώων θεῖον γένος, οἷ καλέονται

141 ὑποχθόνιοι C^pD Proclus, reicit Tzetzes : τοὶ χθόνιοι EH : ἐπιχθόνιοι ΣS
 Tzetzes || μάκαρες Σο : φύλακες Proclus || θνητοὶ C Proclus : θνητοὶ EH :
 θεοὶ D^{ras} : θνητοῖς Peppmüller

144 ἀργυρῶ ο (-αι C) : corr. Spohn

148 ἄπλαστοι Σ³DEH : ἄπλατοι C Proclus

Mas desde que a terra encobriu também essa raça, (140)
eles são chamados bem-aventurados mortais subterrâneos,
secundários, mas de qualquer modo também acompanhados de honra.

E Zeus pai uma outra raça de humanos de fala articulada,
a terceira,
de bronze fez, em nada igual à de prata,
mas nascida de freixos, terrível e vigorosa; (145)
eles se ocupavam dos funestos trabalhos de Ares

e de violências, e trigo não
comiam, mas tinham um coração impetuoso, de aço.
Eram toscos; grande força física e braços invencíveis
cresciam de seus ombros sobre um corpo robusto.
Suas armas eram de bronze, de bronze suas casas, (150)
trabalhavam com bronze: negro ferro não existia.

Vencidos por suas próprias mãos,
desceram à mansão bolorenta do gélido Hades,
anônimos: também a eles, embora espantosos, a morte
negra os conquistou, e deixaram a esplendente luz do sol. (155)

Mas quando a terra encobriu também essa raça,
de novo ainda outra, a quarta sobre a terra que muitos nutre,
Zeus filho de Crono fez, mais justa e valorosa,
a raça divina dos homens heróis, que são chamados

ἡμίθεοι, προτέρη γενεὴ κατ' ἀπίρονα γαῖαν.	160
καὶ τοὺς μὲν πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ	
τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπύλῳ Θήβη, Καδμηίδι γαίῃ,	
ᾠλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,	
τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης	
ἐς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο.	165
ἔνθ' ἦ τοι τοὺς μὲν θανάτου τέλος ἀμφεκάλυψεν,	
τοῖς δὲ δίχ' ἀνθρώπων βίον καὶ ἦθε' ὀπάσσας	
Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατὴρ ἐν πείρασι γαίης,	168
καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες	170
ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὠκεανὸν βαθυδίνην·	
ὄλβιοι ἥρωες, τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν	
τρὶς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.	

168 ἐν πείρασι West : ενπειρασ[ι Π₃₈ : ἐς πείρατα ο

semideuses, a geração anterior à nossa na terra imensurável. (160)
 Esses, destruíram-nos a guerra má e o combate medonho,
 uns sob as muralhas de Tebas de sete portas, terra de Cadmo,
 quando lutavam pelos rebanhos de Édipo;
 outros, levando-os em naus sobre o grande abismo do mar,
 para Troia, por causa de Helena de coma adorável. (165)
 Lá o termo da morte envolveu, sim, alguns deles;
 a outros, conferindo-lhes vida e moradia à parte dos humanos,
 Zeus pai, filho de Crono, estabeleceu-os nos limites da terra. (168)
 E eles, o coração sem cuidados, habitam (170)
 as ilhas dos bem-aventurados, junto ao Oceano
 de fundos redemoinhos,
 afortunados heróis, para quem um fruto doce como o mel,
 que floresce três vezes ao ano, a terra fecunda traz.¹⁸

18 Num ponto do poema que estaria entre esta passagem e o verso 174, dois papiros nos fornecem os restos de versos ausentes da tradição medieval. Um dos papiros em questão (P. Berol. 21107) posiciona o antigo verso 169 depois de 173, razão pela qual aquele passou a ser chamado 173a. Os fragmentos de versos preservados apenas nos papiros, por sua vez, geraram a sequência 173b-e. Para edições desses papiros, ver Nicole, 1888, e Maehler, 1974. A tradução acima é em grande parte conjectural, feita com base em reconstituições propostas por diferentes filólogos, para as quais remeto o leitor ao original e ao aparato crítico (os colchetes da tradução tentam dar uma ideia do estado fragmentário dos versos, mas só com o texto grego é possível compreender com exatidão o que realmente está preservado). A autenticidade do trecho é questionada por vários especialistas, principalmente pelo fato de a *Teogonia* (717-721, 729-735 e 851) dizer que Crono foi aprisionado no Tártaro por Zeus, embora Hesíodo possa muito bem ter assumido uma postura diferente nos *Trabalhos*, a exemplo do que fez com as Lutas (ver acima n. aos versos 11-12; cf. Livrea, 2008, p. 45-46). Já a crítica antiga expressava dúvidas em relação a 173a e um verso (ou versos) na sequência (ver *Scholium uetera* ad 160^a, p. 64 Pertusi), o que terá ocasionado o quase total desaparecimento da passagem. Como parece sugerir West, 1978, p. 194, a expressão *τηλοῦ ἀπ' ἀθανάτων* do verso 173a soa mal como continuação da frase de 173 (a não ser que seja pensada, com outra pontuação, como uma referência à situação de Crono – ainda longe dos deuses do Olimpo, mas já livre). O foco em Crono, porém, fica estranho na conclusão do trecho sobre os heróis. Colocar a passagem toda depois de 168 ocasionaria, é

τηλοῦ ἀπ' ἀθανάτων τοῖσιν Κρόνος ἐμβασιλεύει.	173a
{αὐτὸς γάρ μ]ιν ἔλυσε πατ[ῆρ ἀνδρῶ]ν τε θε[ῶν τε·	b
νῦν δ' ἤδη] μετὰ τοῖς τιμῆ[ν ἔ]χει ὡς ἐ[πιεικές.	c
Ζεὺς δ' αὖτ' ἄλλο γένος θῆκ[εν μερόπων ἀνθρώπων,	d
τῶν οἱ νῶ]γ γεγάσιν ἐπὶ [χθονὶ πουλυβοτείρη.}	e
Μηκέτ' ἔπειτ' ὄφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι	
ἀνδράσιν, ἀλλ' ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι.	175
νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον· οὐδέ ποτ' ἡμαρ	
παύσσονται καμάτου καὶ οἰζύος οὐδέ τι νύκτωρ	
τειρόμενοι· χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας.	
ἀλλ' ἔμπης καὶ τοῖσι μεμερίζεται ἐσθλὰ κακοῖσιν.	
Ζεὺς δ' ὀλέσει καὶ τοῦτο γένος μερόπων ἀνθρώπων,	180
εὔτ' ἂν γεινόμενοι πολιοκρόταφοι τελέθωσιν.	
οὐδὲ πατὴρ παίδεσσιν ὁμοῖος οὐδέ τι παῖδες,	
οὐδὲ ξεῖνος ξεινοδόκῳ καὶ ἐταῖρος ἐταίρῳ,	
οὐδὲ κασίγνητος φίλος ἔσσεται, ὡς τὸ πάρος περ.	

173a (olim 169)-c post 173 habet Π₃₈ (post 168 fort. transponendi), **173b-e** ante 174 Π₈ : desunt in Π₄₃o, praeter quod 173a post 160 memorat Σ, post 173 receperunt ψ₁₅ Bod. Barocc. 60^{mg}, post 168 ψ₉, ante 167 in mg. sup. N^{rec}; uersum nou. Zenobius Marcellus Sidetes

173a ἐμβασιλεύει ψ₁₅ : ἐμβασίλευε(v) Nψ₁₅² : ἐβασίλευε Σψ₉^{sl} : ἐβασίλευει ψ₉^{ac}

173b αὐτὸς γάρ μ] dubitanter West : καὶ τότε δὴ μ] Livrea : ὡς γὰρ δὴ μ] Wilamowitz, fin. suppl. Weil

173c init. suppl. West, τιμῆ[ν Weil, cetera Maehler || τοῖσι Π₈ : corr. Weil

173d Ζεὺς δ' αὖτ' ἄ] West : πέμπτον ἔτ' ἄ] Livrea, fin. suppl. Wilamowitz

173e init. suppl. Kuiper, [χθονὶ πουλυβοτείρη Weil : [χθονὶ μητίετα Ζεὺς Livrea

178 τ]ειρόμενοι e Π₃₈ West : φθειρόμενοι o : στεινόμενοι Eusebius : γινόμενοι Clementis cod.

Longe dos imortais sobre eles reina Crono. (173a)
 {Pois o próprio} pai de deuses e [homens] libertou[-o, b
 e agora, já] com eles, tem honra, como [convém. c
 Então Zeus] fez outra raça [de humanos de fala articulada, d
 a daqueles que hoje] têm nascido sobre [a terra que muitos nutre.} e

Que eu não mais fizesse parte então da quinta raça
 de homens, mas tivesse morrido antes ou nascido depois. (175)

Pois a raça agora é bem a de ferro. Nem de dia
 terão pausa da fadiga e da miséria, nem à noite deixarão
 de se consumir: os deuses lhes darão duras preocupações.
 Mas mesmo para tais homens hão de se misturar bens aos males.
 Zeus destruirá também essa raça de humanos de fala articulada, (180)
 quando acabarem nascendo já com as têmeoras grisalhas.
 Nem o pai será concorde com os filhos, nem os filhos com o pai,
 nem hóspede com anfitrião, nem companheiro com companheiro;
 nem um irmão será querido, tal como era antes.

claro, uma confusão ainda maior. Uma conjectura possível seria a transposição para lá apenas de 173a-c, mantendo 173d-e onde estão. Note-se, no entanto, que os dois papiros mencionados acima não coincidem em nem sequer uma letra nos fragmentos que hoje compõem 173b-e, o que torna as reconstruções ainda mais incertas e nos leva a manter o trecho entre chaves, muito embora Livrea, 2008, defenda a autenticidade da passagem como um todo.

- αἶψα δὲ γηράσκοντας ἀτιμήσουσι τοκῆας· 185
 μέμψονται δ' ἄρα τοὺς χαλεποῖς βάζοντες ἔπεσσιν,
 σχέτλιοι, οὐδὲ θεῶν ὄπιν εἰδότες· οὐδὲ μὲν οἷ γε
 γηράντεσσι τοκεῦσιν ἀπὸ θρεπτήρια δοῖεν.
 χειροδίκαι· ἕτερος δ' ἑτέρου πόλιν ἐξαλαπάξει·
 οὐδέ τις εὐόρκου χάρις ἔσσεται οὐδὲ δικαίου 190
 οὔτ' ἀγαθοῦ, μᾶλλον δὲ κακῶν ῥεκτῆρα καὶ ὕβριν
 ἀνέρα τιμήσουσι· δίκη δ' ἐν χερσὶ· καὶ αἰδῶς
 οὐκ ἔσται· βλάβει δ' ὁ κακὸς τὸν ἀρείονα φῶτα
 μῦθοισι σκολιοῖς ἐνέπων, ἐπὶ δ' ὄρκον ὁμεῖται.
 ζῆλος δ' ἀνθρώποισιν οἰζυροῖσιν ἅπασιν 195
 δυσκέλαδος κακόχαρτος ὁμαρτήσει, στυγερώπης.
 καὶ τότε δὴ πρὸς Ὀλυμπον ἀπὸ χθονὸς εὐρυοδείης
 λευκοῖσιν φάρεσσι καλυψαμένῳ χροῖα καλόν
 ἀθανάτων μετὰ φύλον ἴτον προλιπόντ' ἀνθρώπους
 Αἰδῶς καὶ Νέμεσις· τὰ δὲ λείγεται ἄλγεα λυγρὰ 200
 θνητοῖς ἀνθρώποισι, κακοῦ δ' οὐκ ἔσσεται ἀλκή.
 Νῦν δ' αἶνον βασιλεῦσ' ἐρέω, φρονέουσι καὶ αὐτοῖς.
 ᾧ δ' ἴρηξ προσέειπεν ἀηδόνα ποικιλόδειρον,
 ὕψι μάλ' ἐν νεφέεσσι φέρων, ὀνύχεσσι μεμαρπῶς·
 ἢ δ' ἐλεόν, γναμπτοῖσι πεπαρμένη ἀμφ' ὀνύχεσσιν, 205
 μύρετο· τὴν δ' ὄ γ' ἐπικρατέως πρὸς μῦθον ἔειπεν·
 “Δαιμονίη, τί λέληκας; ἔχει νύ σε πολλὸν ἀρείων·
 τῆ δ' εἰς ἧ σ' ἂν ἐγὼ περ ἄγω καὶ ἀοιδὸν ἐοῦσαν·
 δεῖπνον δ' αἶ κ' ἐθέλω ποιήσομαι ἠὲ μεθήσω.

Desprezarão os pais logo que envelheçam, (185)
 e vão repreendê-los proferindo duras palavras,
 os cruéis, ignorando a vingança divina; e nem mesmo
 dariam aos velhos pais retorno pelo alimento que tiveram na infância.
 O direito da força: um saqueará do outro a cidade.
 Nenhum apreço haverá por quem é fiel aos juramentos, pelo justo (190)
 ou pelo bom: antes o malfeitor e o homem-violência¹⁹
 honrarão. A sentença estará na força; reverência
 não existirá. O covarde fará mal ao homem de maior valor
 com discursos tortuosos, e a seguir dirá “juro”.
 A inveja todos os humanos miseráveis (195)
 acompanhará, voz dissonante, face odiosa, comprazendo-se no mal.
 Será então que, da terra de largos caminhos, partindo para o Olimpo,
 a bela tez a cobrir com véus brancos,
 irão ter com a tribo dos imortais, deixando os humanos,
 Reverência e Indignação. E ficarão para trás dores amargas (200)
 para os humanos percíveis: não haverá defesa contra o mal.

A JUSTIÇA

Agora uma fábula narrarei para os reis, sábios que sejam.²⁰
 Assim disse um falcão a um rouxinol de colo pintalgado
 que arrebatara com suas garras e levava bem no alto entre as nuvens,
 e que, trespassado pelas garras recurvas, pateticamente (205)
 chorava; o falcão lhe disse, com ar superior:

“Ó desgraçado, por que gritas? Alguém muito superior
 agora te domina.

Irás aonde eu te levar, embora sejas poeta:
 farei de ti meu jantar, ou, se quiser, te libertarei.

19 Aqui Hesíodo utiliza um substantivo, ὄβρις, como atributo de outro substantivo, ἀνέρας.

20 Esta fábula (no sentido consagrado sob o nome de Esopo) é a primeira manifestação do gênero na literatura ocidental que conhecemos.

ἄφρων δ' ὅς κ' ἐθέλη πρὸς κρείσσονας ἀντιφερίζειν· 210
 νίκης τε στέρεται πρὸς τ' αἴσχεσιν ἄλγεα πάσχει.”

ᾠ Ως ἔφατ' ὠκυπέτης Ἴριξ, τανυσίπτερος ὄρνις.
 ᾠ Πέρση, σὺ δ' ἄκουε Δίκης, μηδ' ὕβριν ὄφελλε·
 ὕβρις γάρ τε κακὴ δειλῶ βροτῶ· οὐδὲ μὲν ἐσθλός
 ῥηιδίως φερέμεν δύναται, βαρύθει δέ θ' ὑπ' αὐτῆς 215

ἐγκύρσας Ἄτησιν· ὁδὸς δ' ἐτέρηφι παρελθεῖν
 κρείσσων ἐς τὰ δίκαια· δίκη δ' ὑπὲρ ὕβριος ἴσχει
 ἐς τέλος ἐξελθοῦσα· παθὼν δέ τε νήπιος ἔγνω·
 αὐτίκα γὰρ τρέχει Ὅρκος ἅμα σκολιῆσι δίκησιν,
 τῆς δὲ Δίκης ῥόθος ἐλκομένης ἦ κ' ἄνδρες ἄγωσιν 220
 δωροφάγοι, σκολιῆς δὲ δίκης κρίνωσι θέμιστας.

ἦ δ' ἔπεται κλαίουσα πόλιν καὶ ἦθεα λαῶν,
 ἠέρα ἐσσαμένη, κακὸν ἀνθρώποισι φέρουσα
 οἷ τέ μιν ἐξελάσουσι καὶ οὐκ ἰθεῖαν ἔνειμαν.

Οἷ δὲ δίκας ξείνοισι καὶ ἐνδήμοισι διδοῦσιν 225
 ἰθείας καὶ μὴ τι παρεκβαίνουσι δικαίου,
 τοῖσι τέθηλε πόλις, λαοὶ δ' ἀνθεῦσιν ἐν αὐτῇ·
 Εἰρήνη δ' ἀνὰ γῆν κουροτρόφος, οὐδέ ποτ' αὐτοῖς
 ἀργαλέον πόλεμον τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς·

210-211 ath. Aristarchus

216 παρελθεῖν et Π_ge Proclus al. : μετελθεῖν C sch. in Homerum_G

222 καὶ et Π₅₅^{uv} : τε καὶ Triclinius

223 damn. Hetzel Mazon : habet Π₅₅

Insensato é quem quer medir-se com os mais fortes. (210)

É privado da vitória e, além da vergonha, dores padece.”

Assim falou o falcão de rápido voo, pássaro de longas asas.

Ó Perses, ouve a Justiça e não aumentes a desmedida.²¹

A desmedida é um mal para um mortal pobre, e nem o nobre
pode carregá-la com facilidade, mas é abatido por seu peso (215)

ao deparar-se com Desvarios. O outro caminho, para chegar
ao justo, é melhor; a justiça sobrepuja a desmedida
quando chega ao fim: sofrendo, o tolo o compreende.

Pois o Juramento, a correr, segue de perto as sentenças distorcidas.

Ouve-se o clamor da Justiça arrastada por onde a (220)

conduzem os homens

devoradores de presentes, e julgam com sentenças distorcidas.

Ela os acompanha deplorando a cidade e os costumes do povo,

vestida de bruma, levando o mal aos humanos

que a repelem e não a distribuem retamente.

Os que para estrangeiros e conterrâneos dão sentenças (225)

retas, e em nada se desviam do justo,

para esses a cidade prospera e nela o povo floresce;

na terra vigora a Paz nutriz de jovens, e jamais para eles

Zeus que vê longe reserva a penosa guerra;

21 A palavra ὑβρις, termo de amplo significado em grego, e que traduzi anteriormente por “insolência” (134) e “violência” (146 e 191), será vertida a partir de agora com “desmedida”, vocábulo relativamente novo no português, mas que já foi utilizado por outros tradutores e helenistas. Como assinala Verdenius, 1985, ad 213, ὑβρις implica “[o]verstopping one’s limits’, especially by encroaching upon the domain of others”.

οὐδέ ποτ' ἰθυδίκησι μετ' ἀνδράσι Λιμὸς ὄπηδεῖ 230

οὐδ' Ἄτη, θαλίης δὲ μεμηλότα ἔργα νέμονται.

τοῖσι φέρει μὲν γαῖα πολὺν βίον, οὔρεσι δὲ δρυῖ

ἄκρη μὲν τε φέρει βαλάνους, μέσση δὲ μελίσσας·

εἰροπόκοι δ' ὄιες μαλλοῖς καταβεβρίθασιν·

τίκτουσιν δὲ γυναῖκες ἐοικότα τέκνα γονεῦσιν· 235

θάλλουσιν δ' ἀγαθοῖσι διαμπερές· οὐδ' ἐπὶ νηῶν

νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.

Οἷς δ' ὕβρις τε μέμηλε κακὴ καὶ σχέτλια ἔργα,

τοῖς δὲ δίκην Κρονίδης τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς,

πολλάκι καὶ ξύμπασα πόλις κακοῦ ἀνδρὸς ἀπηύρα, 240

ὅστις ἀλιτραίνει καὶ ἀτάσθαλα μηχανάται.

τοῖσιν δ' οὐρανόθεν μέγ' ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων,

λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμόν· ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί·

οὐδὲ γυναῖκες τίκτουσιν, μινύθουσι δὲ οἴκοι

Ζηνὸς φραδμοσύνησιν Ὀλυμπίου· ἄλλοτε δ' αὐτε 245

ἢ τῶν γε στρατὸν εὐρὺν ἀπώλεσεν ἢ ὅ γε τεῖχος

ἢ νέας ἐν πόντῳ Κρονίδης ἀποτείνυται αὐτῶν.

ᾠ βασιλῆς, ὑμεῖς δὲ καταφράζεσθε καὶ αὐτοί

τήνδε δίκην· ἐγγὺς γὰρ ἐν ἀνθρώποισιν ἔόντες

230 λοιμὸς ω₂

244-245 habent Π₅Π₉Π₄₃Π₃₂ο : deerant in libris nonnullis a Plutarcho uisis, damn. Proclus, om. Aeschines

jamais aos homens de retas sentenças acompanham a Fome (230)
e o Desvario; em festins eles repartem os frutos de seus trabalhos.

Para eles a terra produz meios de vida abundantes;

nas montanhas o carvalho

produz, no alto, a glande, e, no meio, abelhas;

as ovelhas de espesso tosão ficam carregadas de lã.

As mulheres geram filhos semelhantes aos pais; (235)

prosperam continuamente com bens; e em naus não

partem: a terra fecunda produz seu fruto.

Mas os que se ocupam da perversa desmedida e de cruéis ações,
o filho de Crono, Zeus que vê longe, lhes reserva uma pena.

Frequentemente até mesmo toda a cidade (240)

sofre com um homem mau,

quem quer que seja, que peca e maquina iniquidades.

O filho de Crono lhes traz do céu grande desgraça,

fome e ao mesmo tempo peste, e o povo perece;

as mulheres não dão à luz e as casas mingam

pela prudência de Zeus olímpio. Mas outras vezes (245)

ele lhes destrói o vasto exército ou mesmo a muralha,

ou o filho de Crono os faz pagar com as naus no mar.

Ó reis, refleti também vós mesmos sobre essa lei:
perto, entre os humanos, em verdade, estão

ἀθάνατοι φράζονται, ὅσοι σκολιῆσι δίκησιν 250
 ἀλλήλους τρίβουσι θεῶν ὅπιν οὐκ ἀλέγοντες.
 τρις γὰρ μυριοί εἰσὶν ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρη
 ἀθάνατοι Ζηνὸς φύλακες θνητῶν ἀνθρώπων,
 οἳ ῥα φυλάσσουσίν τε δίκας καὶ σχέτλια ἔργα,
 ἤερα ἐσσάμενοι, πάντα φοιτῶντες ἐπ' αἶαν. 255
 ἢ δέ τε παρθένος ἐστὶ Δίκη, Διὸς ἐκγεγαυῖα,
 κυδρὴ τ' αἰδοίη τε θεοῖς οἳ Ὀλυμπον ἔχουσιν·
 καὶ ῥ' ὀπότ' ἄν τις μιν βλάβη σκολιῶς ὀνοτάζων,
 αὐτίκα παρ Διὶ πατρὶ καθεζομένη Κρονίωνι
 γηρύετ' ἀνθρώπων ἄδικον νόον, ὅφρ' ἀποτείση 260
 δῆμος ἀτασθαλίας βασιλέων, οἳ λυγρὰ νοέοντες
 ἄλλη παρκλίνωσι δίκας σκολιῶς ἐνέποντες.
 ταῦτα φυλασσόμενοι, βασιλῆς, ἰθύνετε μύθους,
 δωροφάγοι, σκολιῶν δὲ δικέων ἐπὶ πάγχυ λάθεσθε.
 οἳ τ' αὐτῶ κακὰ τεύχει ἀνὴρ ἄλλω κακὰ τεύχων, 265
 ἢ δὲ κακὴ βουλή τῶ βουλευσάντι κακίστη.
 πάντα ἰδὼν Διὸς ὀφθαλμὸς καὶ πάντα νοήσας
 καί νυ τάδ' αἴ κ' ἐθέλησ' ἐπιδέρκεται, οὐδέ ἐ λήθει
 οἴην δὴ καὶ τήνδε δίκην πόλις ἐντὸς ἔέργει.

os imortais, e observam quantos com sentenças distorcidas (250)
 prejudicam uns aos outros, sem se importar com o olhar dos deuses.
 Pois sobre a terra que muitos nutre são trinta mil
 imortais a serviço de Zeus, guardiões dos humanos perecíveis.
 Eles vigiam as sentenças e as cruéis ações,
 vestidos de bruma, vagando por toda a terra.²² (255)
 Justiça é virgem nascida de Zeus,
 nobre e venerável para os deuses que habitam o Olimpo;
 e toda vez que alguém a fere, acusando tortamente,
 imediatamente ela senta-se ao lado de Zeus pai, filho de Crono,
 e canta²³ os intentos injustos dos homens, para que pague (260)
 o povo pela arrogância dos reis que, tramando ruínas,
 desviam a justiça de seu caminho, a falar tortamente.
 Observando tais coisas, reis, endireitai vossas palavras,
 ó devoradores de presentes, e esquecei de todo as sentenças distorcidas.
 Para si próprio faz mal o homem que faz mal a outrem, (265)
 e um mau intento é o pior para quem por ele se decidiu.
 O olho de Zeus, tudo vendo e tudo compreendendo,
 também agora isto, se quiser, observa, e não lhe escapa
 qual de fato é esta justiça que a cidade pratica internamente.

22 No grego, estes versos são idênticos a 124-125.

23 A analogia entre a atividade da Justiça (γῆρυετ' ἀνθρώπων ἄδικον νόον) e a das Musas na *Teogonia* 28 (ἀληθέα γῆρύσασθαι) é menosprezada por Verdenius, 1985. West, 1978, por sua vez, não acredita que o verbo γῆρύω tenha aqui alguma conotação ligada ao canto. Poderíamos, no entanto, fundar nesse paralelo a ideia de que a Justiça, enquanto tema de importância central no poema, “canta” a denúncia dos homens maus. Hesíodo, poeta inspirado pelas Musas tanto aqui quanto na *Teogonia*, é o instrumento desses cantos de verdade e justiça.

νῦν δὴ ἐγὼ μῆτ' αὐτὸς ἐν ἀνθρώποισι δίκαιος 270
 εἶην μῆτ' ἐμὸς υἱός, ἐπεὶ κακὸν ἄνδρα δίκαιον
 ἔμμεναι, εἰ μείζω γε δίκην ἀδικώτερος ἔξει·
 ἀλλὰ τὰ γ' οὐ πῶ ἔολπα τελεῖν Δία μητιόεντα.

ᾠ Πέρση, σὺ δὲ ταῦτα μετὰ φρεσὶ βάλλοε σῆσιν,
 καί νυ Δίκης ἐπάκουε, βίης δ' ἐπιλήθεο πάμπαν. 275
 τόνδε γὰρ ἀνθρώποισι νόμον διέταξε Κρονίων,
 ἰχθύσι μὲν καὶ θηρσὶ καὶ οἰωνοῖς πετεηνοῖς
 ἔσθειν ἀλλήλους, ἐπεὶ οὐ δίκη ἐστὶ μετ' αὐτοῖς·
 ἀνθρώποισι δ' ἔδωκε δίκην, ἣ πολλὸν ἀρίστη
 γίνεται· εἰ γὰρ τίς κ' ἐθέλη τὰ δίκαι' ἀγορευσαί 280
 γινώσκων, τῷ μὲν τ' ὄλβον διδοῖ εὐρύοπα Ζεὺς·
 ὃς δέ κε μαρτυρήσιν ἐκὼν ἐπίορκον ὁμόσσας
 ψεύσεται, ἐν δὲ Δίκην βλάψας νήκεστον ἀάσθη,
 τοῦ δέ τ' ἀμαυροτέρη γενεὴ μετόπισθε λέλλειπται·
 ἀνδρὸς δ' εὐόρκου γενεὴ μετόπισθεν ἀμείνων. 285

Σοὶ δ' ἐγὼ ἐσθλὰ νοέων ἐρέω, μέγα νήπιε Πέρση.
 τὴν μὲν τοι κακότητα καὶ ἰλαδὸν ἐστὶν ἐλέσθαι
 ῥηιδίως· λείη μὲν ὁδός, μάλα δ' ἐγγύθι ναίει·
 τῆς δ' ἀρετῆς ἰδρῶτα θεοὶ προπάροιθεν ἔθηκαν

273 μητιόεντα Π₁₀Π₄₅CEH Proclus : τερπικέραυνον D Tzetzes : incertum
 utrum Π₅

288 λείη ψ₃^{sl} Xenophon Plato Aristides-Quintilianus : ὀλίγη Π₃₈or Proclus

Agora, eu próprio não quero mais entre os humanos ser justo, (270)
nem meu filho, já que é mau ser um homem justo
se quem é mais injusto obtiver maior vantagem da justiça:
mas de modo algum penso que Zeus prudente dará às coisas tal conclusão.

Ó Perses, coloca essas coisas no teu coração,
e agora dá ouvidos à Justiça, e esquece de todo a força. (275)

Pois o filho de Crono fixou para os humanos esta lei:
que peixes, feras e pássaros alados
devorem-se uns aos outros, já que justiça não há entre eles;
mas para os humanos deu a justiça, que é de longe o melhor,
pois se alguém quiser dizer coisas justas (280)
consciente disso, Zeus que vê longe lhe dá prosperidade.

Mas quem em testemunho deliberadamente fizer um juramento
e mentir, ferindo a justiça, erra por cegueira incurável,
e depois deixa uma descendência mais fraca;
a descendência de um homem fiel aos juramentos será melhor. (285)

UMA ÉTICA DO TRABALHO

Eu falarei com a melhor das intenções, ó Perses, grande tolo:
miséria aos montes te é possível tomar
facilmente: plano é o caminho, e ela mora bem perto.
Mas na frente da prosperidade colocaram o suor os deuses

ἀθάνατοι· μακρὸς δὲ καὶ ὄρθιος οἶμος ἐς αὐτήν 290
καὶ τρηχὺς τὸ πρῶτον· ἐπὴν δ' εἰς ἄκρον ἵκηται,
ῥηιδίη δῆπειτα πέλει, χαλεπή περ ἐοῦσα.

Οὗτος μὲν πανάριστος, ὃς αὐτὸς πάντα νοήσει,
φρασσάμενος τά κ' ἔπειτα καὶ ἐς τέλος ἦσιν ἀμείνω·
ἐσθλὸς δ' αὖ καὶ κείνος, ὃς εὖ εἰπόντι πίθηται· 295

ὃς δέ κε μήτ' αὐτὸς νοεῖ μήτ' ἄλλου ἀκούων
ἐν θυμῷ βάλληται, ὃ δ' αὖτ' ἀχρήσιος ἀνήρ.
ἀλλὰ σὺ γ' ἡμετέρης μεμνημένος αἰὲν ἐφετμῆς
ἐργάζευ, Πέρση, δῖον γένος, ὄφρα σε Λιμὸς
ἐχθαίρη, φιλέη δέ σ' ἐυστέφανος Δημήτηρ 300
αἰδοίη, βιότου δὲ τεὴν πιμπλήσι καλιήν·

Λιμὸς γάρ τοι πάμπαν ἀεργῷ σύμφορος ἀνδρί·
τῷ δὲ θεοὶ νεμεσῶσι καὶ ἀνέρες, ὅς κεν ἀεργὸς
ζῶη, κηφήνεσσι κοθούροις εἵκελος ὀργήν,
οἳ τε μελισσάων κάματον τρύχουσιν ἀεργοὶ 305

ἔσθοντες· σοὶ δ' ἔργα φίλ' ἔστω μέτρια κοσμεῖν,
ὥς κέ τοι ὠραίου βιότου πλήθωσι καλιαί.
ἐξ ἔργων δ' ἄνδρες πολύμηλοί τ' ἀφνειοὶ τε·
καὶ τ' ἐργαζόμενος πολὺ φίλτερος ἀθανάτοισιν

304 ὀργήν Π₃₃e C^{ac}D^{ac} sch. in Platonem al. : ὀρμήν C^{pc}D^{pc}EH sch. in Aristophanem al. : ἀλκίην φ₉φ₁₁ψ₁₅

imortais, e longa e íngreme é a estrada para ela, (290)
e espinhosa no início; quando chega-se ao alto,
em seguida já é fácil, por difícil que seja.

Este é o homem de todo excelente: quem tudo compreende por si só,
pensando no futuro e nas coisas que levam a um fim melhor.
Também é nobre quem é convencido por quem diz boas coisas; (295)
mas quem nem compreende por si só nem, ouvindo a outro,
coloca no espírito seus conselhos, esse é um homem inútil.

Mas tu, sempre lembrado do meu conselho,
trabalha, Perses, ó divina prole, para que a Fome te
odeie, e te ame Deméter de bela coroa, (300)
a venerável, e encha o teu celeiro de alimento.

A Fome é em tudo a companheira do homem ocioso;
deuses e homens se indignam com quem ocioso
vive, semelhante em caráter aos zangões sem ferrão,
que consomem o esforço das abelhas, ociosos (305)

a comer; para ti seja caro organizar os trabalhos regrados,
de modo que os teus celeiros se encham de alimento no tempo certo.
Com trabalho os homens tornam-se ricos em rebanhos e opulentos,
e trabalhando serás muito mais querido dos imortais

ἔσσειαι ἠδὲ βροτοῖς· μάλα γὰρ στυγέουσιν ἀεργούς. 310
 ἔργον δ' οὐδὲν ὄνειδος, ἀεργίη δέ τ' ὄνειδος·
 εἰ δέ κεν ἐργάζη, τάχα σε ζηλώσει ἀεργός
 πλουτεῦντα· πλούτῳ δ' ἀρετὴ καὶ κῦδος ὀπηδεῖ·
 δαίμονι δ' οἶος ἔησθα, τὸ ἐργάζεσθαι ἄμεινον,
 εἴ κεν ἀπ' ἀλλοτριῶν κτεάνων ἀεσίφρονα θυμόν 315
 εἰς ἔργον τρέψας μελετᾶς βίου, ὥς σε κελεύω.
 αἰδῶς δ' οὐκ ἀγαθὴ κεχρημένον ἄνδρα κομίζειν,
 αἰδῶς, ἢ τ' ἄνδρας μέγα σίνεται ἠδ' ὀνίνησιν·
 αἰδῶς τοι πρὸς ἀνολβίη, θάρσος δὲ πρὸς ὄλβῳ.

310 deest in Π₅Π₁₁Π₃₃Π₃₈Π₃₉^{uv}Dt: nou. Tzetzes ut uidetur : hab. C (m. rec. in mg.)
 EH : post 312 locabat ω₂^{ac}

inter **313** et **317** octo uersus ignotos habuit Π₁₉

317 κομίζειν Π₁₁Π₁₉Π₃₃ Stobaeus_A¹ : κομίζει Σ^{uv}ot

317-318 ath. Plutarchus : 318 post 319 transp. Peppmüller : 317 et 319 inuicem
 transp. Mazon

318 om. D, mg. rest. m. al., secl. Göttling (cf. Hom. *Il.* 24.45)

e dos mortais: muito eles odeiam os ociosos.²⁴ (310)

O trabalho não é nenhuma desonra; desonra é não trabalhar.

E se trabalhares, logo o ocioso procurará igualar
tua riqueza: ao rico acompanham mérito e prestígio.²⁵

Qualquer que seja tua fortuna, trabalhar é preferível,
se o teu louco espírito dos bens alheios (315)

desvias para o trabalho e atentas para a subsistência, como te ordeno.

A vergonha não é boa para cuidar de um homem necessitado,
a vergonha, que aos homens muito prejudica e beneficia:²⁶

a vergonha liga-se à pobreza tal como a audácia à prosperidade.²⁷

24 O verso 310 falta em todos os papiros que contêm a passagem e nos dois manuscritos medievais mais antigos (embora uma mão mais recente tenha-o acrescentado à margem em C). Rejeitam-no, por exemplo, Rzach, 1913, Wilamowitz, 1928, Sinclair, 1932, Colonna, 1959, e West, 1978, seguido por Verdenius, 1985 (que não oferece nenhum argumento adicional). A presença da linha em E e H, contudo, pode indicar que se trata de uma lição herdada da Antiguidade, e a suposta frase sem verbo de ligação em 309 seria corriqueira no grego, o que torna forçada a ideia de que 310 teria surgido em resposta à “sintaxe elíptica” daquele (West, 1978, ad loc., seguindo Wilamowitz, 1928, p. 78: “Veranlassung der Interpolation war wohl das Fehlen der Kopula”). Por outro lado, as razões semânticas apresentadas por West são um tanto vagas e sugerem hesitação: “If it [sc. 310] were in all manuscripts, one would hardly venture to question its authenticity; ‘gods and men’ echoes 303, and connects well with what follows. But ‘rich in flocks’ goes with ‘dear to the gods’, not with ‘dear to gods and men’, and the φιλεῖν/στυγεῖν axis is not appropriate to men’s attitude towards the industrious and the idle”. Paley, 1883, e Most, 2006, aceitam o verso.

25 A construção de 312-313, σε ζηλώσει ἀεργός / πλουτεῖντα, é paralela à de 23-24, ζηλοῖ δέ τε γείτονα γείτων / εἰς ἄφενος σπεύδοντ’.

26 Este verso, por faltar na primeira mão de um dos manuscritos e ser quase idêntico a uma linha homérica (*Il.* 24.45), é por alguns (e.g. Mazon, 1928, ad loc.) considerado produto de um interpolador. Mas, como observa West, 1978, ad loc., a frase se encaixa melhor aqui do que lá, e, se houve interpolação, é mais provável que tenha ocorrido nos manuscritos de Homero. Pode tratar-se, contudo, de provérbio anterior aos dois poetas.

27 Assim como a arrogância pode surgir como um vício típico dos ricos, a vergonha pode ser um vício para o homem necessitado, se a ideia de que o trabalho não é ocupação honrosa impede que se busque nele uma saída para a pobreza (ver 299 e 311).

Χρήματα δ' οὐχ ἄρπακτά· θεόσδοτα πολλὸν ἀμείνω. 320
 εἰ γάρ τις καὶ χερσὶ βίη μέγαν ὄλβον ἔλῃται,
 ἢ ὅ γ' ἀπὸ γλώσσης ληίσσεται, οἶά τε πολλά
 γίνεται, εὖτ' ἂν δὴ κέρδος νόον ἐξαπατήσῃ
 ἀνθρώπων, Αἰδῶ δέ τ' Ἀναιδείῃ κατοπάσῃ,
 ῥεῖα δέ μιν μαυροῦσι θεοί, μινύθουσι δὲ οἶκον 325
 ἀνέρι τῷ, παῦρον δέ τ' ἐπὶ χρόνον ὄλβος ὀπηδεῖ.
 ἴσον δ' ὅς θ' ἰκέτην ὅς τε ξεῖνον κακὸν ἔρξει,
 ὅς τε κασιγνήτιο ἐοῦ ἀνὰ δέμνια βαίνη
 κρυπταδίης εὐνῆς ἀλόχου, παρακαίρια ῥέζων,
 ὅς τέ τευ ἀφραδίης ἀλιτήνεται ὀρφανὰ τέκνα, 330
 ὅς τε γονῆα γέροντα κακῶ ἐπὶ γήραος οὐδῶ
 νεικεῖη χαλεποῖσι καθαπτόμενος ἐπέεσσιν·
 τῷ δ' ἦτοι Ζεὺς αὐτὸς ἀγαίεται, ἐς δὲ τελευτὴν
 ἔργων ἀντ' ἀδίκων χαλεπὴν ἐπέθηκεν ἀμοιβήν.
 ἀλλὰ σὺ τῶν μὲν πάμπαν ἔεργ' ἀεσίφρονα θυμόν, 335
 καδ δύναμιν δ' ἔρδειν ἰέρ' ἀθανάτοισι θεοῖσιν
 ἀγνώως καὶ καθαρῶς, ἐπὶ δ' ἀγλαὰ μηρία καίειν·
 ἄλλοτε δὲ σπονδῆσι θύεσσί τε ἰλάσκεσθαι,
 ἤμὲν ὅτ' εὐνάσῃ καὶ ὅτ' ἂν φάος ἱερὸν ἔλθῃ,
 ὡς κέ τοι ἴλαον κραδίην καὶ θυμὸν ἔχωσιν, 340
 ὄφρ' ἄλλων ὦνῃ κλῆρον, μὴ τὸν τεδὸν ἄλλος.
 τὸν φιλέοντ' ἐπὶ δαῖτα καλεῖν, τὸν δ' ἐχθρὸν ἐᾶσαι·
 τὸν δὲ μάλιστα καλεῖν, ὅστις σέθεν ἐγγύθι ναίει·
 εἰ γάρ τοι καὶ χρῆμ' ἐγχώριον ἄλλο γένηται,

330 αλι]τηνεται Π₃₃ : ἀλιταίνεται Π₁₁ eo : ἀλιταίνητ' Rzach

344 ἐγχώριον eo : ἐ]γκώμιον Π₁₉ Σ Proclus t

Bens não são para roubar: os presentes dos deuses (320)
são bem melhores.

Pois se alguém pela força do braço grande fortuna conquista,
ou a arrebatada pela língua, coisas que muitas vezes
acontecem, toda vez que a cobiça engana a inteligência
dos humanos, e a Impudência expulsa a Reverência,
facilmente os deuses enfraquecem tal homem (325)
e rebaixam sua casa,

e a prosperidade o acompanha por pouco tempo.
O mesmo acontece a quem maltratar um suplicante ou um hóspede,
ou subir à cama de seu próprio irmão
para os abraços clandestinos da esposa deste, ato sem cabimento,
ou quem impensadamente ofender teus filhos órfãos, (330)
ou quem ao pai idoso no malvado limiar da velhice
injuriar, dirigindo-se a ele com palavras duras.

Contra eles indigna-se o próprio Zeus, e no fim
dá uma dura resposta às ações injustas.
Tu, porém, delas afasta por completo o louco espírito. (335)

De acordo com tua capacidade faz sacrifícios aos deuses imortais
de modo limpo e puro, e queima brilhantes coxas;
outras vezes torna-os favoráveis com libações e incenso,
tanto ao te deitares como quando a sagrada luz do dia chegar,
de forma que eles tenham coração e espírito para ti favoráveis, (340)
e tu compres a gleba dos outros, não os outros a tua.

RELAÇÕES SOCIAIS; A FAMÍLIA

Aquele que é amigável, chama-o para o banquete; quem é hostil, deixa-o;
sobretudo chama aquele que mora perto de ti.
Pois se te acontece alguma coisa na tua terra,

γείτονες ἄζωστοι ἔκιον, ζώσαντο δὲ πηοί. 345
 πῆμα κακὸς γείτων, ὅσπον τ' ἀγαθὸς μέγ' ὄνειαρ·
 ἔμμορέ τοι τιμῆς, ὅς τ' ἔμμορε γείτονος ἐσθλοῦ·
 οὐδ' ἂν βοῦς ἀπόλοιτ', εἰ μὴ γείτων κακὸς εἴη.
 εὖ μὲν μετρεῖσθαι παρὰ γείτονος, εὖ δ' ἀποδοῦναι,
 αὐτῷ τῷ μέτρῳ, καὶ λῳίων, αἴ κε δύνηαι, 350
 ὡς ἂν χρηίζων καὶ ἐς ὕστερον ἄρκιον εὔρης.
 μὴ κακὰ κερδαίνειν· κακὰ κέρδεα ἴσ' ἄτησιν.
 τὸν φιλέοντα φιλεῖν καὶ τῷ προσίοντι προσεῖναι,
 καὶ δόμεν ὅς κεν δῶ, καὶ μὴ δόμεν ὅς κεν μὴ δῶ·
 δώτη μὲν τις ἔδωκεν, ἀδώτη δ' οὐ τις ἔδωκεν· 355
 Δῶς ἀγαθή, Ἄρπαξ δὲ κακή, θανάτοιο δότεира.
 ὃς μὲν γάρ κεν ἀνὴρ ἐθέλων ὅ γε καὶ μέγα δῶη,
 χαίρει τῷ δῶρῳ καὶ τέρπεται ὃν κατὰ θυμόν·
 ὃς δὲ κεν αὐτὸς ἔλῃται ἀναιδείῃφι πιθήσας,
 καὶ τε σμικρὸν ἐόν, τό γ' ἐπάχνωσεν φίλον ἦτορ. 360
 εἰ γάρ κεν καὶ σμικρὸν ἐπὶ σμικρῷ καταθεῖο,
 καὶ θαμὰ τοῦτ' ἔρδοις, τάχα κεν μέγα καὶ τὸ γένοιτο.
 ὃς δ' ἐπ' ἐόντι φέρει, ὃ δ' ἀλέξεται αἴθοπα λιμόν·
 οὐδὲ τό γ' εἶν οἴκῳ κατακαίμενον ἀνέρα κήδει·

353(?)-355 proscr. Plutarchus

363 ὃ δ' ἀλέξεται *eo* (ἀλύξεται schol. in Lycophrontem) : κ]αι αεξεται Π₅₆

os vizinhos vêm sem atar o cinto, enquanto parentes se preparam.²⁸ (345)
 O mau vizinho é penoso, tanto quanto o bom é grande proveito:
 tem sua parte de honra quem tem por sorte um vizinho nobre,
 nem um boi se perderia se não fosse um mau vizinho.
 Deves medir bem o que emprestas do vizinho, retribuir corretamente
 com a mesma medida e, se puderes, mais, (350)
 para que tenhas com quem contar caso mais tarde necessites.
 Não ganhes desonestamente: ganhos desonestos são iguais a desastres.
 Ama a quem te ama, liga-te a quem te procura.
 Doa a quem doar, e não does a quem não doar.
 Doa-se a um doador, a um não-doador ninguém doa.²⁹ (355)
 A Doação é boa, a Rapina, má, e doadora de morte.
 O homem que, voluntariamente, doar, mesmo algo grande,
 alegra-se com o presente e compraz-se em seu espírito.
 Mas quem toma algo por conta própria, confiando na impudência,
 mesmo que tome algo pequeno, isso gela o coração. (360)
 Pois se colocares pequeno sobre pequeno
 e o fizeres com frequência, rapidamente pode tornar-se grande.
 Quem acrescenta ao que tem afasta a fome ardente;
 coisa guardada em casa não preocupa o homem:

28 Em caso de emergência, os que moram perto acorrem tal como estão. O parentesco em que Hesíodo pensa é aquele constituído por casamento.

29 Diz Proclo (*Scholía uetera* ad 353-354, p. 119 Pertusi): “Plutarco rejeita esses versos [aparentemente, 354-355]. Pois estando o poeta prestes a dizer que doar é próprio dos bons e como se alegram ao doar, seria absurdo dizer que se doe ao doador e que não se doe ao que não doa. Pois dessa forma teria tornado as doações forçadas, e erradicado as que influenciam as boas ações”. Mas, como a própria sequência dos escólios explica, Hesíodo não quer dizer que damos apenas àqueles de que recebemos algo, mas sim que damos àqueles que são generosos, que, mesmo não possuindo nada, são inclinados a doar. Tzetzes (ad 351, p. 228 Gaisford), por outro lado, dizendo também que Plutarco não aceita “esses versos”, tenta defender a autenticidade do trecho com uma explicação que se refere a 353 (segundo o autor bizantino, Hesíodo quer dizer “ama a quem tem uma inclinação amigável e sabe amar”). Ou seja, talvez Plutarco tenha rejeitado (sem razão suficiente) os três versos (353-355).

οἴκοι βέλτερον εἶναι, ἐπεὶ βλαβερὸν τὸ θύρηφιν. 365
 ἐσθλὸν μὲν παρεόντος ἐλέσθαι, πῆμα δὲ θυμῷ
 χριζεῖν ἀπεόντος· ἅ σε φράζεσθαι ἄνωγα.
 ἀρχομένου δὲ πίθου καὶ λήγοντος κορέσασθαι,
 μεσσόθι φείδεσθαι· δειλὴ δ' ἐν πυθμένι φειδώ.
 {μισθὸς δ' ἀνδρὶ φίλῳ εἰρημένος ἄρκιος ἔστω· 370
 καὶ τε κασιγνήτῳ γελάσας ἐπὶ μάρτυρα θέσθαι·
 πίστεις †δ' ἄρ' ὁμῶς καὶ ἀπιστίαι ὄλεσαν ἄνδρας.}
 μηδὲ γυνή σε νόον πυγοστόλος ἐξαπατάτω
 αἰμύλα κωτίλλουσα, τεὴν διφῶσα καλιήν·
 ὃς δὲ γυναικὶ πέποιθε, πέποιθ' ὅ γε φιλήτησιν. 375
 μουνογενῆς δὲ πάις εἴη πατρώιον οἴκον
 φερβέμεν· ὣς γὰρ πλοῦτος ἀέξεται ἐν μεγάροισιν·
 γηραιὸς δὲ θάνοις ἕτερον παῖδ' ἐγκαταλείπων.
 ῥεῖα δέ κεν πλεόνεσσι πόροι Ζεὺς ἄσπετον ὄλβον·

370 Pittheo tribuit Aristoteles, Hesiodo Plutarchus al.

370-372 desunt in Π₁₁Π₃₃ (et fort. Π₁₉Π₃₈) CDE : hab. C^{4mg}H : nouit Plutarchus sed incertum ubi

372 δ' ἄρ' Procli codd. recc. : δ' ἄρα C⁴H, δ' ἄρα N : γάρ τοι Bentley : δὴ ῥα Reiz : γάρ ῥα Allen

378 ath. Σ (habent Π₁₁Π₁₉Π₃₃Π₅₆)

πλείων μὲν πλεόνων μελέτη, μείζων δ' ἐπιθήκη.	380
σοὶ δ' εἰ πλούτου θυμὸς ἐέλδεται ἐν φρεσὶν ἦσιν, ὦδ' ἔρδειν, καὶ ἔργον ἐπ' ἔργῳ ἐργάζεσθαι.	
Πληιάδων Ἀτλαγενέων ἐπιτελλομενάων ἄρχεσθ' ἀμήτου, ἀρότοιο δὲ δυσομενάων·	
αἰ δὴ τοι νύκτας τε καὶ ἡμέματα τεσσαράκοντα	385
κεκρύφαται, αὐτίς δὲ περιπλομένου ἐνιαυτοῦ φαίνονται τὰ πρῶτα χαρασσομένοιο σιδήρου. οὗτός τοι πεδίων πέλεται νόμος, οἷ τε θαλάσσης ἐγγύθι ναιετάουσ' οἷ τ' ἄγκεα βησσήεντα	
πόντου κυμαίνοντος ἀπόπροθι, πίονα χῶρον,	390
ναίουσιν· γυμνὸν σπείρειν, γυμνὸν δὲ βοωτεῖν, γυμνὸν δ' ἀμάειν, εἴ χ' ὄρια πάντ' ἐθέλησθα ἔργα κομίζεσθαι Δημήτερος, ὥς τοι ἕκαστα ὄρι' ἀέξεται, μὴ πως τὰ μέταζε χατίζων	
πτώσσης ἀλλοτρίουσ οἴκουσ καὶ μηδὲν ἀνύσσεισ.	395
ὡσ καὶ νῦν ἐπ' ἔμ' ἦλθεσ· ἐγὼ δὲ τοι οὐκ ἐπιδώσω οὐδ' ἐπιμετρήσω· ἐργάζεω, νήπιε Πέρση, ἔργα, τὰ τ' ἀνθρώποισι θεοὶ διετεκμήραντο, μὴ ποτε σὺν παίδεσσι γυναικί τε θυμὸν ἀχεύων	

380 πλειων δε Π₅₆

381 σοὶ et Π₅₆ : εοι Π₁₉

383 ἀτλαγενέων (uel -γεν(ν)άων) ot : ἀτλαιγενέων Π₁₉, Π₅₇ Dio Chrysostomus_v
Athenaeus_A : ἀτληγενέων sch. in Homerum

384 δυσομ- et sch. in Aratum : δυομ- Π₅₇ Dio Chrysostomus Maximus Tyrius,
-νάων Dio Chrysostomus_v Maximus Tyrius^{v1} : -νων Π₅₇, -νων uel -vai sch.
in Aratum

395 ἀνύσσεισ West : ἀνύσεισ N : ἀνύσσης o

com mais gente maior é o cuidado com o trabalho, (380)
e maior o excedente.

Se em teu peito o espírito aspira à riqueza,
assim faz, e trabalha em trabalho sobre trabalho.

COMO TRABALHAR A TERRA;
ENSINAMENTOS PARA AS DIVERSAS ESTAÇÕES

Quando as Plêiades filhas de Atlas se levantam no céu,
começa a colheita; quando se põem, a lavra;
por quarenta noites e dias elas (385)
estão escondidas; e, passando o ano, de novo
aparecem pela primeira vez na época de se afiar o ferro.³³

Existe esta norma para as terras cultiváveis,
para as que perto do mar se estendem e para os vales cheios de ravinas,
terreno fértil longe do mar encapelado: (390)

semearás nu, nu ararás
e nu colherás, se quiseres na estação certa
cuidar de todos os trabalhos de Deméter, para que cada
fruto cresça na estação própria, para de forma alguma depois necessitado
mendigares nas casas alheias e nada conseguires. (395)

Foi assim que agora vieste a mim; mas eu não te darei nada,
nem emprestarei a mais. Trabalha, tolo Perses,
nos trabalhos que os deuses marcaram para os humanos,
para nunca, sofrendo no espírito, com as crianças e a mulher

33 Para a colheita (ver *Scholia uetera* ad 387a, p. 134 Pertusi).

ζητεῦης βίοντον κατὰ γείτονας, οἱ δ' ἀμελῶσιν. 400
 δις μὲν γὰρ καὶ τρὶς τάχα τεύξεαι· ἦν δ' ἔτι λυπῆς,
 χρῆμα μὲν οὐ πρήξεις, σὺ δ' ἐτώσια πόλλ' ἀγορεύσεις,
 ἀχρεῖος δ' ἔσται ἐπέων νομός, ἀλλά σ' ἄνωγα
 φράζεσθαι χρεῖων τε λύσιν λιμοῦ τ' ἀλεωρήν·
 οἶκον μὲν πρότιστα γυναῖκά τε βοῦν τ' ἀροτῆρα, 405
 κτητὴν, οὐ γαμετὴν, ἥτις καὶ βουσὶν ἔπιτο.
 χρήματα δ' εἶν οἴκῳ πάντ' ἄρμενα ποιήσασθαι,
 μὴ σὺ μὲν αἰτῆς ἄλλον, ὃ δ' ἀρνήται, σὺ δὲ τητᾶ,
 ἢ δ' ὄρη παραμείβηται, μινύθη δέ τοι ἔργον.
 μηδ' ἀναβάλλεσθαι ἔς τ' αὔριον ἔς τε ἔνηφιν· 410
 οὐ γὰρ ἐτώσιοεργὸς ἀνὴρ πίμπλησι καλιήν
 οὐδ' ἀναβαλλόμενος· μελέτη δέ τοι ἔργον ὀφέλλει·
 αἰεὶ δ' ἀμβολιεργὸς ἀνὴρ Ἴατῆσι παλαίει.
 Ἦμος δὴ λήγει μένος ὀξέος ἡελίοιο
 καύματος εἰδαλίμου, μετοπωρινὸν ὀμβρήσαντος 415
 Ζηνὸς ἐρισθενέος, μετὰ δὲ τρέπεται βρότεος χρώς
 πολλὸν ἐλαφρότερος· δὴ γὰρ τότε Σείριος ἀστήρ
 βαῖον ὑπὲρ κεφαλῆς κηριτρεφέων ἀνθρώπων
 ἔρχεται ἡμάτιος, πλεῖον δέ τε νυκτὸς ἐπαυρεῖ·
 τῆμος ἀδηκτοτάτη πέλεται τμηθεῖσα σιδήρῳ 420
 ὕλη, φύλλα δ' ἔραζε χεεὶ πτόρθοιό τε λήγει·
 τῆμος ἄρ' ὕλοτομεῖν μεμνημένος, ὄριον ἔργον.
 ὄλμον μὲν τριπόδην τάμνειν, ὕπερον δὲ τρίπηχου,
 ἄξονα δ' ἑπταπόδην· μάλα γάρ νύ τοι ἄρμενον οὔτω·

406 non hab. Π₃₈, negl. Aristoteles : nou. Timaeus Philodemus Proclus

415 ἰδαλίμου *eot* : εἰδαλίμου dubitanter Wackernagel : corr. West

buscares sustento junto aos vizinhos, que não se importarão. (400)

Duas ou três vezes poderás talvez fazê-lo; mas se além disso incomodares, coisa alguma alcançarás, e terás dito muitas coisas vãs:

inútil será tua pastagem de palavras. Mas te aconselho

a pensar no pagamento das dívidas e na defesa contra a fome.

Tem, em primeiro lugar, uma casa, uma mulher e um boi para arar (405)

(a mulher, não uma esposa, mas uma escrava que possa seguir os bois).³⁴

Faz as coisas em casa, todos os equipamentos,

para que não peças a um outro e ele recuse, tu daquilo tenhas falta,

o tempo passe e teu trabalho se perca.

Não adies para amanhã nem depois de amanhã, (410)

pois não enche o celeiro o homem negligente,

nem aquele que adia: a atenção faz o trabalho prosperar.

O homem que adia o trabalho está sempre a lutar com Desastres.

Quando arrefece a intensidade do sol brilhante,

seu ardor que faz suar, quando chove no outono (415)

Zeus poderosíssimo, e muda a tez dos mortais,

agora bem mais aliviada (pois é então que a estrela Sírius

sobre as cabeças dos humanos que comem e morrem passa

apenas por curto período do dia, e tem maior parcela da noite),

então a madeira cortada pelo ferro fica mais livre de caruncho, (420)

as folhas derramam-se pela terra, cessam os brotos.

Então, lembra-te, corta árvores, trabalho da estação.

Pilão de três pés corta, pisão de três braças,

eixo de sete pés: assim com certeza é adequado.

34 O verso 406 é omitido por um papiro e parece ter sido ignorado por Aristóteles. Wilamowitz, 1928, e Solmsen, 1990, consideram-no inautêntico. Mas vários autores, desde a Antiguidade, aceitam o texto como de Hesíodo: ver Hoekstra, 1950, p. 91-98. A construção da passagem é incerta. Mazon, 1914, p. 99, entende que “uma casa, uma mulher e um boi para arar” são objeto de ἄρμενα ποιήσασθαι. West, 1978, ad 405, discorda.

- εἰ δέ κεν ὀκταπόδην, ἀπὸ καὶ σφῦράν κε τάμοιο. 425
 τρισπίθαμον δ' ἄσιν τάμνειν δεκαδώρῳ ἀμάξῃ,
 πόλλ' ἐπικαμπύλα κᾶλα· φέρειν δὲ γύην ὅτ' ἂν εὗρης
 εἰς οἶκον, κατ' ὄρος διζήμενος ἢ κατ' ἄρουραν,
 πρίνινον· ὃς γὰρ βουσὶν ἀροῦν ὀχυρώτατός ἐστιν,
 εὖτ' ἂν Ἀθηναίης δμῶδες ἐν ἐλύματι πήξας 430
 γόμοφισιν πελάσας προσαρήρεται ἰστοβοῆϊ.
 δοιὰ δὲ θέσθαι ἄροτρα πονησάμενος κατὰ οἶκον,
 αὐτόγυον καὶ πηκτόν, ἐπεὶ πολὺ λώιον οὔτω·
 εἴ γ' ἕτερον {γ'} ἄξαις, ἕτερόν κ' ἐπὶ βουσὶ βάλαιο.
 δάφνης ἢ πτελέης ἀκιώτατοι ἰστοβοῆες, 435
 δρυὸς <δ> ἔλυμα, πρίνου δὲ γύης. βόε δ' ἐνναετήρῳ
 ἄρσενε κεκτῆσθαι, τῶν γὰρ σθένος οὐκ ἀλαπαδνόν,
 ἥβης μέτρον ἔχοντε· τὼ ἐργάζεσθαι ἀρίστω.
 οὐκ ἂν τὼ γ' ἐρίσαντε ἐν αὐλάκι καμ μὲν ἄροτρον
 ἄξειαν, τὸ δὲ ἔργον ἐτώσιον αὐθι λίποιεν. 440
 τοῖς δ' ἅμα τεσσαρακονταετῆς αἰζηδὸς ἔποιτο,
 ἄρτον δειπνήσας τετράτρυφον ὀκτάβλωμον,
 ὅς κ' ἔργου μελετῶν ἰθειῖάν κ' αὐλάκ' ἐλαύνει,
 μηκέτι παπταίνων μεθ' ὀμήλικας, ἀλλ' ἐπὶ ἔργῳ

434 γ' ἄξαις eo : γ' om. ω₂^{ac} Par. 2708, del. Bentley

436 δ' add. West δρυὸς una syllaba legens

Se cortares um madeiro de oito pés, dele farás também um martelo. (425)

Corta uma roda de três palmos para uma carroça de dez,
e muitos pedaços curvados; se encontrares um em formato de teiró,³⁵ leva
para casa – procura-o na colina ou no campo,
de azinheira, que na verdade é a mais forte para arar com os bois,
quando um servo de Atena³⁶ a fixa no dente (430)
com pregos e, ajustando, acopla ao timão.

Faz dois arados, trabalhando em casa,
um com teiró de formato natural e outro montado — assim é bem melhor:
se quebrares um deles, atrelarás aos bois o outro.

De loureiro ou olmo são os timões mais resistentes ao caruncho, (435)
de carvalho o dente, de azinheira a teiró. Dois bois de nove anos³⁷
adquire, pois sua força não é fácil de abater,
estando na flor da idade: são os melhores para trabalhar.

Eles não vão lutar no sulco, o arado
quebrar e deixar o trabalho para trás, inútil. (440)

Que os conduza um homem robusto de quarenta anos
alimentado com um pão de quatro pedaços em oito porções,
alguém que, cuidando do trabalho, faça um sulco reto,
não mais buscando, com o olhar inquieto, outros da sua idade, mas no trabalho

35 Aqui se inicia a descrição da feitura do arado, de que são mencionadas três partes: a teiró, o dente e o timão. Mais adiante (467), Hesíodo cita também a rabiça. Ver Pinheiro e Ferreira, 2005, p. 131-134.

36 O carpinteiro está ligado a Atena, que preside a diversos trabalhos manuais.

37 West, 1978, ad loc., comenta que talvez Hesíodo não quisesse ser tão estrito quanto à idade dos bois, mas possivelmente foi levado a se expressar assim pela existência de fórmulas para “de cinco anos” e “de nove anos” na linguagem tradicional da épica (cf. Hom. *Il.* 2.403, 7.314-315, *Od.* 10.19, 14.419).

θυμὸν ἔχων· τοῦ δ' οὐ τι νεώτερος ἄλλος ἀμείνων 445
 σπέρματα δάσσασθαι καὶ ἐπισπορίην ἀλέασθαι·
 κουρότερος γὰρ ἀνὴρ μεθ' ὀμήλικας ἐπτοίηται.

Φράζεσθαι δ' εὖτ' ἂν γεράνου φωνὴν ἐπακούσης
 ὑπόθεν ἐκ νεφέων ἐνιαύσια κεκληγυίης,
 ἢ τ' ἀρότοιό τε σῆμα φέρει καὶ χειμάτος ὄρην 450
 δεικνύει ὀμβρηροῦ· κραδίην δ' ἔδακ' ἀνδρὸς ἀβούτεω·
 δὴ τότε χορτάζειν ἔλικας βόας ἔνδον ἔοντας.
 ῥηίδιον γὰρ ἔπος εἰπεῖν· “βόε δὸς καὶ ἄμαξαν”·
 ῥηίδιον δ' ἀπανήνασθαι· “πάρα δ' ἔργα βόεσσιν”·
 φησὶ δ' ἀνὴρ φρένας ἀφνειὸς πῆξασθαι ἄμαξαν· 455
 νήπιος, οὐδὲ τὸ οἶδ'· ἑκατὸν δέ τε δούρατ' ἀμάξης.
 τῶν πρόσθεν μελέτην ἐχέμεν οἰκία θέσθαι.

Εὖτ' ἂν δὲ πρότιστ' ἄροτος θνητοῖσι φανήη,
 δὴ τότε' ἐφορμηθῆναι, ὁμῶς δμῶές τε καὶ αὐτός,
 αὔην καὶ διερὴν ἀρώων ἀρότσιο καθ' ὄρην, 460
 πρὸτ' μάλα σπεύδων, ἵνα τοι πλήθωσιν ἄρουραι.
 ἔαρι πολεῖν· θέρεος δὲ νεωμένη οὐ σ' ἀπατήσει·
 νεῖον δὲ σπεῖρειν ἔτι κουφίζουσιν ἄρουραν.
 νεῖος ἀλεξιάρη παίδων εὐκλήτεια.

εὐχεσθαι δὲ Διὶ χθονίῳ Δημήτερί θ' ἀγνῆ 465
 ἐκτελέα βρίθειν Δημήτερος ἱερὸν ἀκτὴν
 ἀρχόμενος τὰ πρῶτ' ἀρότου, ὅτ' ἂν ἄκρον ἐχέτλης
 χειρὶ λαβῶν ὄρηκι βοῶν ἐπὶ νῶτον ἵκηαι
 ἔνδρυον ἐλκόντων μεσάβῳ· ὁ δὲ τυτθὸν ὀπισθεν

458 φα]νη[Π₃₈, φανήη Heine : φανείη ot

469 τυτθὸς Σο : corr. Schaefer

mantendo o espírito; um outro, nada mais jovem, é melhor (445)
para espalhar as sementes e evitar sementeira excessiva,
pois o homem mais novo voa atrás dos da sua idade.

Observa quando ouvires a voz do corvo
que grasna todo ano do alto das nuvens;
ela traz o sinal para arar e para o tempo do inverno (450)
chuvoso aponta, e morde o coração do homem sem bois.

Já então engorda no curral os bois de chifres recurvos.
Pois é fácil dizer: “dá-me dois bois e um carro”,
mas fácil recusar: “mas os bois têm trabalho a fazer”.
O homem rico em ideias pensa em construir um carro: (455)
tolo! Não sabe que um carro se faz com cem tábuas,
e que antes vem o cuidado de juntá-las em casa.

Quando a estação da sementeira aparece
pela primeira vez aos mortais,
lançai-vos ao trabalho, tu mesmo e os servos,
arando a terra seca ou úmida no tempo da sementeira, (460)
muito esforçando-te logo de manhã, para que
teus campos fiquem abundantes.

Ara na primavera, mas a terra arada de novo no verão não te decepcionará.
Semeia a terra de pousio quando o solo ainda está solto:
a terra de pousio protege contra a morte e tranquiliza as crianças.³⁸

Ora a Zeus ctônio e a Deméter pura: (465)
que o trigo santo de Deméter amadureça pesado;
ora logo no início da sementeira, quando, o cabo da rabiça
tomando na mão, deres com a vara nas costas dos bois
que puxam a cavilha do jugo com a correia. Um pouco atrás,

38 West, 1978, ad loc., diz que o grego do verso 464 faz pouco sentido e propõe uma conjectura engenhosa (ver apêndice), que não é todavia aceita por Solmsen, 1990, ou Most, 2006. Mantivemos o texto dos manuscritos.

δμῶδες ἔχων μακέλην πόνον ὀρνίθεσσι τιθείη 470
 σπέρμα κατακρύπτων· εὐθημοσύνη γὰρ ἀρίστη
 θνητοῖς ἀνθρώποις, κακοθημοσύνη δὲ κακίστη.
 ὦδέ κεν ἀδροσύνη στάχυνες νεύοιεν ἔραζε,
 εἰ τέλος αὐτὸς ὄπισθεν Ὀλύμπιος ἐσθλὸν ὀπάξει,
 ἐκ δ' ἀγγέων ἐλάσειας ἀράχνια· καί σε ἔολπα 475
 γηθήσειν βιότου αἰρεύμενον ἔνδον ἐόντος·
 εὐοχθέων δ' ἴζεαι πολὺν ἔαρ, οὐδὲ πρὸς ἄλλους
 αὐγάσαι, σέο δ' ἄλλος ἀνὴρ κεχρημένος ἔσται.
 εἰ δέ κεν ἠελίοιο τροπῆς ἀρόφς χθόνα διᾶν,
 ἦμενος ἀμήσεις, ὀλίγον περὶ χειρὸς ἐέργων, 480
 ἀντία δεσμεύων, κεκονιμένος, οὐ μάλα χαίρων,
 οἴσεις δ' ἐν φορμῶ· παῦροι δέ σε θηήσονται.
 ἄλλοτε δ' ἀλλοῖος Ζηνὸς νόος αἰγιόχοιο,
 ἀργαλέος δ' ἄνδρεςσι καταθνητοῖσι νοῆσαι.
 εἰ δέ κεν ὄψ' ἀρόσης, τόδε κέν τοι φάρμακον εἴη· 485
 ἦμος κόκκυξ κοκκύζει δρυὸς ἐν πετάλοισι
 τὸ πρῶτον, τέρπει δὲ βροτοὺς ἐπ' ἀπείρονα γαῖαν,
 τῆμος Ζεὺς ὕοι τρίτῳ ἥματι μηδ' ἀπολήγοι,
 μήτ' ἄρ' ὑπερβάλλων βοδὸς ὄπλην μήτ' ἀπολείπων·

o servo, segurando o enxadão, imponha sofrimento aos pássaros (470)
encobrendo as sementes, pois uma boa organização é o melhor
para os humanos perecíveis, e uma má organização é o pior.

Assim as espigas maduras vão se inclinar para o chão,
se depois um bom resultado o próprio Olímpio conceder;
tu tirarás as teias de aranha dos potes, e espero (475)
que te alegrarás ao tomares dos recursos que estão dentro.

Chegarás em boa situação à primavera de céu claro, e sobre os outros não
fixarás teu olhar, mas um outro homem terá de ti necessidade.
Mas se apenas no solstício de inverno arares a terra divina,
agachado farás a colheita pegando pouco com a mão, (480)
atando um feixe ao contrário do outro,³⁹ coberto de poeira
e sem grande alegria.

Vais levá-los embora num cesto, e poucos olharão para ti.
Mas o desígnio de Zeus porta-égide é diferente em tempos diferentes,
e é difícil de conhecer para os homens mortais.
Se arares mais tarde, eis aqui para ti um remédio: (485)
quando o cuco nas folhas do carvalho diz cuco
pela primeira vez, e agrada aos mortais sobre a terra imensurável,
no terceiro dia possa Zeus chover continuamente,
sem contudo cobrir os cascos do boi nem deixá-los de todo à mostra:

39 Como as hastes de trigo não estarão muito crescidas, será conveniente atar os feixes com espigas dos dois lados, para evitar que caia a tira que os prende (West, 1978, ad loc.). Tanto esse método quanto o uso de um cesto (em vez de uma carroça) são sinais de uma má colheita (Mazon, 1914, p. 115-116).

οὕτω κ' ὀψαρότης πρωιηρότη ἰσοφαρίζοι. 490

ἐν θυμῷ δ' εὖ πάντα φυλάσσειο, μηδέ σε λήθοι
μήτ' ἔαρ γινόμενον πολιδὸν μήθ' ὄριος ὄμβρος.

Πάρ δ' ἴθι χαλκείον θῶκον καὶ ἐπαλέα λέσχην
ὄρη χειμερῆ, ὅποτε κρύος ἀνέρας ἔργων
ἰσχάνει· ἔνθα κ' ἄοκνος ἀνὴρ μέγα οἶκον ὀφέλλοι· 495

μή σε κακοῦ χειμῶνος Ἀμηχανίη καταμάρψει
σὺν Πενίη, λεπτή δὲ παχὺν πόδα χειρὶ πιέζης.
πολλὰ δ' ἀεργὸς ἀνὴρ, κενεὴν ἐπὶ ἐλπίδα μίμων,
χρηίζων βιότοιο, κακὰ προσελέξατο θυμῷ.

ἐλπίς δ' οὐκ ἀγαθὴ κεκρημένον ἄνδρα κομίζειν 500
ἦμενον ἐν λέσχῃ, τῷ μὴ βίος ἄρκιος εἴη.

δείκνυε δὲ δμῶεσσι θέρευς ἔτι μέσσου ἐόντος·
“οὐκ αἰεὶ θέρος ἐσσεῖται· ποιεῖσθε καλιὰς”.

Μῆνα δὲ Ληνιαῶνα, κάκ' ἦματα, βουδόρα πάντα,
τοῦτον ἀλεύασθαι, καὶ πηγάδας, αἶ τ' ἐπὶ γαῖαν 505

πνεύσαντος Βορέαιο δυσηλεγέες τελέθουσιν,
ὅς τε διὰ Θρήκης ἵπποτρόφου εὐρέι πόντῳ
ἐμπνεύσας ὄρινε· μέμυκε δὲ γαῖα καὶ ὕλη·
πολλὰς δὲ δρυὸς ὑψικόμους ἐλάτας τε παχειάς

490 πρωιηρότη Kirchhoff, Σ² : προηρότη CD : πρωτηρότη S Tzetzes :
προαρηρότη (-τι) EH

491 λήθοι ο :]θη¹ Π₅₈ : λήθη e ψ₆ψ₁₀ψ₁₂ψ₁₃ : λήθει ψ₇

495 ὀφέλλει Σ²eo : -η Triclinius : corr. Brunck

496-497 om. Π₃₉Σe C (add. C⁵) Tzetzes : nou. Plutarchus Proclus

496 καταμάρψη codd. excepto N^{pc}

500 κομίζειν D^{ac} : -ζει e CEHt

assim o que ara tardiamente pode se igualar ao que o faz cedo. (490)

Observa bem isso tudo no teu espírito, e não te esqueças
nem da chegada da primavera brilhante nem da estação das chuvas.

Passa direto pela forja e pelo abrigo quente⁴⁰
no tempo do inverno, quando o frio mantém os homens longe dos trabalhos:
então um homem ativo pode aumentar muito seus bens, (495)

para que a Incerteza do duro inverno não te alcance
com a Indigência, nem apertes o pé inchado com a mão franzina.⁴¹

O homem ocioso, vivendo para esperança vã,
carente de sustento, medita muitas maldades.⁴²

A esperança não é boa para cuidar de um homem necessitado (500)
sentado no abrigo, sem bastante sustento.

Mostra aos servos, quando o verão ainda está na metade:
“não será verão para sempre; fazei vossas cabanas”.

O mês Lenáion, de maus dias, todos para esfolar gado,
evita-o, e também às geadas, que sobre a terra (505)

são impiedosas quando sopra o Bóreas,
que, pela Trácia nutriz de cavalos, por sobre o largo mar
soprando o agita, e mugem a terra e a floresta;
e sobre muitos carvalhos de altas frondes e grossos abetos

40 Com λέσχην Hesíodo parece se referir a um local coberto onde pessoas se reuniriam em volta do fogo. Poderia ser um abrigo improvisado de mendigos e viajantes, sob a cobertura oferecida, digamos, por um pórtico (ver abaixo verso 501 e Hom. *Od.* 18.328-329).

41 Proclo (*Scholia uetera ad <496-497>*, p. 167-168 Pertusi) fornece a explicação fisiológica de Plutarco para o inchaço dos pés e o emagrecimento do resto do corpo por efeito da fome. Também relata que entre os efésios uma lei proibia o pai de expor os filhos antes de ter os pés inchados pela fome.

42 O sentido de κακά προσελέξατο θυμῷ é incerto. Seguimos a interpretação de Proclo (ad 498-499, p. 170 Pertusi) e do Escoliasta ad 499a (ibidem), tal como Tandy e Neale, 1996, Wender, 1973, e Eyth, 1855-1906 (contra Mazon, 1914, p. 118, n. 2, Wilamowitz, 1928, ad loc., entre outros).

οὔρεος ἐν βήσσης πιλνᾶ χθονὶ πουλυβοτείρη 510
 ἐμπίπτων, καὶ πᾶσα βοᾶ τότε νήριτος ὕλη·
 θῆρες δὲ φρίσσουσ', οὐράς δ' ὑπὸ μέζε' ἔθεντο,
 τῶν καὶ λάχνη δέρμα κατάσκιον· ἀλλά νυ καὶ τῶν
 ψυχρὸς ἐὼν διάησι δασυστέρνων περ ἐόντων.
 καὶ τε διὰ ῥινοῦ βοῶς ἔρχεται, οὐδέ μιν ἴσχει, 515
 καὶ τε δι' αἶγα ἄησι τανύτριχα· πῶεα δ' οὐ τι,
 οὔνεκ' ἐπηεταναὶ τρίχες αὐτῶν, οὐ διάησιν
 ἴς ἀνέμου Βορέω· τροχαλὸν δὲ γέροντα τίθησιν.
 καὶ διὰ παρθενικῆς ἀπαλόχροος οὐ διάησιν,
 ἢ τε δόμων ἔντοσθε φίλη παρὰ μητέρι μίμνει 520
 οὐ πῶ ἔργ' εἰδυῖα πολυχρύσου Ἀφροδίτης·
 εὐ̂ τε λοεσσαμένη τέρενα χροά καὶ λίπ' ἐλαίω
 χρισαμένη μυχίη καταλέξεται ἔνδοθι οἴκου,
 ἤματι χειμερίω, ὅτ' ἀνόστεος ὄν πόδα τένδει
 ἔν τ' ἀπύρω οἴκῳ καὶ ἤθεσι λευγαλέοισιν· 525
 οὐ γάρ οἱ ἠέλιος δείκνυ νομὸν ὀρμηθῆναι,
 ἀλλ' ἐπὶ κυανέων ἀνδρῶν δῆμόν τε πόλιν τε
 στρωφᾶται, βράδιον δὲ Πανελλήνεσσι φαείνει.
 καὶ τότε δὴ κεραοὶ καὶ νήκεροι ὕληκοῖται
 λυγρὸν μυλιῶντες ἀνὰ δρία βησσήεντα 530
 φεύγουσιν, καὶ πᾶσιν ἐνὶ φρεσὶ τοῦτο μέμηλεν,
 οἷ σκέπα μαιόμενοι πυκινοὺς κευθμῶνας ἔχουσιν

523 μ|νυχίη Π₄₈HNφ₄ : νυχίη CDE^{uv}

531 ἐνὶ ο : ἐπὶ φ₅^{sl} : μετὰ Π₅₈

nas ravinas ele cai e traz ao chão, à terra que muitos nutre, (510)
 e então toda a floresta imensa ressoa;
 os animais tremem e põem o rabo entre as pernas:
 sua pele é coberta de pelos, mas agora
 o frio Bóreas sopra através deles, mesmo sendo de peito cabeludo.
 Ele também atravessa o couro do boi – (515)
 este não o consegue parar –,
 sopra através da cabra de longos pelos, mas não através das ovelhas:
 porque é espesso o seu pelo, não as atravessa
 o forte sopro do Bóreas. Este faz o velho correr,
 mas não sopra através da virgem de pele macia,
 que fica dentro de casa junto à mãe querida, (520)
 sem conhecer ainda os trabalhos da multidurada Afrodite;
 lavando bem a pele delicada e com azeite brilhante
 a unguindo, vai dormir bem no interior da casa
 num dia invernal, quando o sem-osso rói seu pé⁴³
 em sua casa sem fogo, deplorável morada, (525)
 pois o sol não lhe mostra um lugar de pasto aonde correr,
 mas sobre o país e a cidade dos homens negros
 vai e vem, e brilha mais lentamente para os gregos.
 E então os animais com chifres e sem chifres que dormem nos bosques,
 rangendo os dentes tristemente, para os matagais das ravinas (530)
 fogem; ocupam-se do mesmo em seu coração todos
 que, desejando um abrigo, têm esconderijo bem fechado

43 O polvo come seu próprio tentáculo quando fica sem alimento (cf. *Scholia uetera* ad 524-526, p. 174-175 Pertusi, onde Proclo observa que Aristóteles – ver *História dos animais* 591a4-6 – nega ser verdade que os polvos se comportem assim). West, 1978, ad loc., cita outros autores antigos que relatam o mesmo fenômeno e comenta que há registros científicos atuais de que realmente os polvos podem ser levados a essa autofagia quando estão sob estresse intenso. Ercolani, 2010, p. 335-337, contudo, interpreta “o sem-osso” como o pólipa (cf. *LSJ* s.v. ἀνόστωκος) ou o caracol (neste caso, deveríamos interpretar ὄν πόδα τένδει como “retraí seu pé”, indicando o caracol que se recolhe em sua concha). Para esse tipo de figura, que podemos chamar *kenning*, ver e.g. abaixo, no verso 571, φερέοικος. Cf. fr. 204 M.-W. 129 (91).

κακ γλάφυ πετρῆεν. τότε δὴ τρίποδι βροτῶ ἴσοι,
οὐ τ' ἐπὶ νῶτα ἔαγε, κάρη δ' εἰς οὐδασ ὀράται·
τῶ ἴκελοι φοιτῶσιν ἀλευόμενοι νίφα λευκήν. 535

Καὶ τότε ἔσασσθαι ἔρυμα χροός, ὥς σε κελεύω,
χλαϊνάν τε μαλακὴν καὶ τερμιόεντα χιτῶνα·
στήμονι δ' ἐν παύρῳ πολλὴν κρόκα μηρύσασθαι·
τὴν περιέσασσθαι, ἵνα τοι τρίχες ἀτρεμέωσιν
μηδ' ὀρθαὶ φρίσσωσιν ἀειρόμεναι κατὰ σῶμα. 540

ἀμφὶ δὲ ποσσὶ πέδιλα βοός ἴφι κταμένοιο
ἄρμενα δῆσασθαι, πύλοις ἔντοσθε πυκάσσας·
πρωτογόνων δ' ἐρίφων, ὅπότε ἂν κρύος ὄριον ἔλθῃ,
δέρματα συρράπτειν νεύρῳ βοός, ὄφρ' ἐπὶ νώτῳ
ὑετοῦ ἀμφιβάλῃ ἀλέην· κεφαλῆφι δ' ὑπερθεν 545

πῖλον ἔχειν ἀσκητόν, ἵν' οὐάτα μὴ καταδεύῃ.
ψυχρὴ γάρ τ' ἠὲ πέλεται Βορέαιο πεσόντος·
ἠῶος δ' ἐπὶ γαίαν ἀπ' οὐρανοῦ ἀστερόεντος
ἀἷρ πυροφόροις τέταται μακάρων ἐπὶ ἔργοις,
ὅς τε ἀρυσσάμενος ποταμῶν ἀπὸ αἰεναόντων, 550

ὑψοῦ ὑπὲρ γαίης ἀρθεὶς ἀνέμοιο θυέλλῃ
ἄλλοτε μὲν θ' ὕει ποτὶ ἔσπερον, ἄλλοτ' ἄησιν
πυκνὰ Θρηκίου Βορέω νέφεα κλονέοντος.
τὸν φθάμενος ἔργον τελέσας οἰκόνδε νέεσθαι,

533 κακ West : καγ Wilamowitz : καὶ *eo* Proclus

549 πυροφόροις ψ₁₀ (cum gl. σιτοφόροις), ci. Hermann : πυροφ. ἴδρος Π₃Σο
Proclus, πυρφόρος *t* : ὄμβροφόρος ci. Seleucus

553 βορέου ο : βορέαιο ψ₁₀ : corr. Hermann

numa gruta rochosa. Então, semelhantes a um mortal de três pés,⁴⁴
 as costas curvadas e a cara voltada para o chão,
 semelhantes a ele vêm e vão, evitando a neve branca. (535)

Então usa uma proteção para a pele, como te ordeno:
 um manto macio e uma túnica até os pés;
 tece abundante trama em espaçada urdidura.
 Cobre-te com isso, para que teus pelos não tremam
 nem fiquem de pé, arrepiados, levantados por sobre o corpo. (540)

Aos pés ata calçados de couro de um boi abatido,
 bem ajustados, revestidos com feltro no interior.
 Peles de cabritos recém-nascidos, toda vez que o tempo frio chegar,
 costura com tendão de boi, para que nas costas
 jogues um abrigo para chuva. Sobre a cabeça (545)

tem um chapéu bem-feito, para que não encharques as orelhas,
 pois a aurora é fria depois que sopra o Bóreas,
 e na aurora, do céu estrelado para a terra
 se espalha uma névoa sobre os trabalhos férteis dos bem-aventurados;
 ela, buscando água nos rios sempre-correntes, (550)

levada acima da terra por uma tempestade de vento,
 às vezes chove à tarde, às vezes sopra
 quando o trácio Bóreas leva densas nuvens em confusão.
 Adiantando-se a ele, ao terminar o trabalho, volta para casa,

44 Ou seja, a um ancião que anda com o auxílio de uma bengala, como no enigma da Esfinge decifrado por Édipo.

μή ποτέ σ' οὐρανόθεν σκοτόεν νέφος ἀμφικαλύψη, 555
 χρῶτα δὲ μυδαλέον θήη κατά θ' εἵματα δεύση·
 ἀλλ' ὑπαλεύασθαι· μεις γὰρ χαλεπώτατος οὗτος
 χειμέριος, χαλεπὸς προβάτοις, χαλεπὸς δ' ἀνθρώποις.

Τῆμος τῷμισυ βούσ', ἐπὶ δ' ἀνέρι τὸ πλέον εἴη 560
 ἄρμαλιῆς· μακραι γὰρ ἐπίρροθοι εὐφρόναι εἰσίν.
 ταῦτα φυλασσόμενος τετελεσμένον εἰς ἐνιαυτόν
 ἰσοῦσθαι νύκτας τε καὶ ἡμέρας, εἰς ὃ κεν αὖτις
 Γῆ πάντων μήτηρ καρπὸν σύμμικτον ἐνεΐκη.

Εὐτ' ἂν δ' ἐξήκοντα μετὰ τροπὰς ἡλείοιο 565
 χειμέρι' ἐκτελέσῃ Ζεὺς ἡμέρας, δὴ ῥα τότε' ἀστήρ
 Ἄρκτουρος προλιπὼν ἱερὸν ῥόον Ὠκεανοῖο
 πρῶτον παμφαίνων ἐπιτέλλεται ἀκροκνέφαιος·
 τὸν δὲ μέτ' ὀρθρογῆ Πανδιονὶς ὄρτο χελιδῶν
 ἐς φάος ἀνθρώποις, ἕαρος νέον ἵσταμένοιο.
 τὴν φθάμενος οἴνας περιταμένεμεν· ὣς γὰρ ἄμεινον. 570

Ἄλλ' ὁπότ' ἂν φερέοικος ἀπὸ χθονὸς ἄμ φυτὰ βαΐνη 575
 Πληιάδας φεύγων, τότε δὴ σκάφος οὐκέτι οἰνέων,
 ἀλλ' ἄρπας τε χαρασσέμεναι καὶ δμῶας ἐγείρειν.
 φεύγειν δὲ σκιερούς θώκους καὶ ἐπ' ἡῶ κοῖτον
 ὄρη ἐν ἀμήτου, ὅτε τ' ἡέλιος χροῖα κάρφει·
 τημοῦτος σπεύδειν καὶ οἴκαδε καρπὸν ἀγινεῖν

559 βοῦσ' Par. 2708 : βουσίν *eo* || ἐπ' ἀνέρι δὲ Triclinius || τὸ πλέον C : τὸ πλείον
 ψ₆ψ₉ : πλέον uel πλείον *e* DEH

561-563 proscr. Plutarchus, non respic. Σ

563 hab. Π₅₉

para que nunca te envolva uma nuvem escura vinda do céu, (555)
deixe tua pele molhada e encharque tuas roupas.

Evita-o, pois esse mês é o mais difícil
do inverno, difícil para os rebanhos e difícil para os humanos.

Então dá para os bois a metade, para o homem a maior parte
da ração, pois as longas noites vêm em socorro.⁴⁵ (560)

Observando tais coisas até que o ano complete o seu ciclo,
equilibra as noites e os dias, até que novamente
a Terra mãe de todos traga fruto variegado.

Quando, depois das voltas do sol,
Zeus completa sessenta dias inverniais,⁴⁶ então o astro (565)
Arcturo, deixando a corrente sagrada do Oceano,
primeiro aparece de madrugada, todo brilhante.

Depois dele, a filha de Pandíon, a andorinha que cedo lamenta, surge
à luz para os homens, estabelecida há pouco a primavera.
Adiantando-se a ela, poda as videiras, pois assim é melhor. (570)

Mas quando o carrega-casa⁴⁷ subir da terra às plantas,
fugindo das Plêiades, então não é mais tempo de cavar vinhas;
mas afia as foices e desperta os servos.

Foge do sentar-se à sombra e do sono de manhã
no tempo da colheita, quando o sol seca a pele. (575)

Então apressa-te e leva o fruto para casa,

45 No inverno dorme-se mais e trabalha-se menos, justificando-se assim a diminuição da quantidade de alimento. Também os homens devem então consumir menos (embora ainda mais da metade de sua ração normal): ver West, 1978, e Ercolani, 2010, ad loc.

46 Isto é, sessenta dias depois do solstício de inverno. Observe-se a repetição de μετὰ τροπὰς ἡλίου aqui e em 663.

47 O caracol.

ὄρθρου ἀνιστάμενος, ἵνα τοι βίος ἄρκιος εἴη.
 ἦὸς γάρ τ' ἔργοιο τρίτην ἀπομείρεται αἶσαν·
 ἦὸς τοι προφέρει μὲν ὁδοῦ, προφέρει δὲ καὶ ἔργου,
 ἦὸς, ἥ τε φανείσα πολέας ἐπέβησε κελεύθου 580
 ἀνθρώπους, πολλοῖσι δ' ἐπὶ ζυγὰ βουσὶ τίθησιν.

Ἦμος δὲ σκόλυμός τ' ἀνθεὶ καὶ ἠχέτα τέττιξ
 δενδρέῳ ἐφεζόμενος λιγυρὴν καταχεύετ' αἰοιδὴν
 πυκνὸν ὑπὸ πτερύγων θέρεος καματώδεος ὄρη,
 τῆμος πióταταί τ' αἶγες καὶ οἶνος ἄριστος, 585

μαχλόταται δὲ γυναῖκες, ἀφαιρότατοι δέ τοι ἄνδρες
 εἰσίν, ἐπεὶ κεφαλὴν καὶ γούνατα Σείριος ἄξει,
 ἀυαλέος δέ τε χρῶς ὑπὸ καύματος· ἀλλὰ τότ' ἦδη
 εἶη πετραίη τε σκιὴ καὶ Βίβλινος οἶνος 590

μᾶζά τ' ἀμολγαίη γάλα τ' αἰγῶν σβεννουμενάων
 καὶ βοδὸς ὕλοφάγοιο κρέας μὴ πω τετοκυῖης
 πρωτογόνων τ' ἐρίφων· ἐπὶ δ' αἶθοπα πινέμεν οἶνον,
 ἐν σκιῇ ἐζόμενον, κεκορημένον ἦτορ ἐδωδῆς,
 ἀντίον ἀκραέος Ζεφύρου τρέψαντα πρόσωπα·
 κρήνης δ' αἰενάου καὶ ἀπορρύτου, ἥ τ' ἀθόλωτος, 595
 τρις ὕδατος προχέειν, τὸ δὲ τέτρατον ἰέμεν οἴνου.

Δμωσὶ δ' ἐποτρύνειν Δημήτερος ἱερὸν ἀκτὴν
 δινέμεν, εὐτ' ἂν πρῶτα φανῆ σθένος Ὠρίωνος,
 χῶρφ ἐν εὐαεὶ καὶ εὐτροχάλῳ ἐν ἀλωῇ·

595 δ' Schoemann : τ' ο

de pé desde a alvorada, para que tenhas bastante sustento.

Pois a aurora faz a terça parte do trabalho;

a aurora de fato faz progredir no caminho e também no trabalho,

a aurora, que aparecendo faz avançarem na estrada muitos (580)

humanos, e coloca o jugo sobre muitos bois.

Quando o cardo floresce e a cigarra sonora,

pousando numa árvore, derrama um canto claro

e constante de sob as asas, na estação do verão cansativo,

é então que as cabras são mais gordas, o vinho melhor, (585)

as mulheres mais lascivas e os homens mais fracos,

pois Sírius queima a cabeça e os joelhos,

e a pele resseca sob o calor. Mas então

é o tempo da sombra de uma rocha, um vinho biblino,

um pão da melhor farinha, leite de cabras esgotadas,⁴⁸ (590)

carne de vaca que pastou nos bosques e ainda não pariu

e de cabritos recém-nascidos. Daí bebe o vinho ardente,

sentado à sombra, o coração satisfeito com a comida,

a face voltada para o frescor do Zéfiro.

De límpida fonte corrente sempre a fluir (595)

serve três partes de água para uma de vinho.

Exorta os servos a debulhar o trigo santo de Deméter

quando primeiro aparecer a força de Órion,

em lugar bem ventilado e numa eira arredondada.

48 O leite do final da lactação.

- μέτρῳ δ' εὖ κομίσασθαι ἐν ἄγγεσιν. αὐτὰρ ἐπὴν δὴ 600
 πάντα βίον κατάθῃαι ἐπάρμενον ἔνδοθι οἴκου,
 θῆτά τ' ἄοικον ποιείσθαι καὶ ἄτεκνον ἔριθον
 δίξῃσθαι κέλομαι· χαλεπὴ δ' ὑπόπορτις ἔριθος·
 καὶ κύνα καρχαρόδοντα κομῆν – μὴ φείδεο σίτου –
 μή ποτέ σ' ἡμερόκοιτος ἀνὴρ ἀπὸ χρήμαθ' ἔλῃται. 605
 χόρτον δ' ἐσκομίσαι καὶ συρφετόν, ὄφρα τοι εἴη
 βουσί καὶ ἡμιόνουσιν ἐπηετανόν. αὐτὰρ ἔπειτα
 δμῶας ἀναψῦξαι φίλα γούνατα καὶ βόε λῦσαι.
 Εὐτ' ἂν δ' Ὀρίων καὶ Σείριος ἐς μέσον ἔλθῃ
 οὐρανόν, Ἄρκτουρον δ' ἐσίδη ῥοδοδάκτυλος Ἥως, 610
 ᾧ Πέρση, τότε πάντας ἀπόδρεπε οἴκαδε βότρυς·
 δεῖξαι δ' ἠελίῳ δέκα τ' ἡμάτα καὶ δέκα νύκτας,
 πέντε δὲ συσκιάσαι, ἕκτῳ δ' εἰς ἄγγε' ἀφύσσαι
 δῶρα Διωνύσου πολυγηθέος. αὐτὰρ ἐπὴν δὴ
 Πληιάδες θ' Ὑάδες τε τό τε σθένος Ὀρίωνος 615
 δύνωσιν, τότε ἔπειτ' ἀρότου μεμνημένος εἶναι
 ὠραίου· πλειῶν δὲ κατὰ χθονὸς ἄρμενος εἴη.
 Εἰ δέ σε ναυτιλίας δυσπεμφέλου ἴμερος αἰρεῖ·
 εὐτ' ἂν Πληιάδες σθένος ὄβριμον Ὀρίωνος

603 δίξῃσθαι ο : corr. Schneider

Medindo o trigo, em cestos leva-o com cuidado. Mas quando (600)
 depositares todo o sustento pronto dentro de casa,
 a arranjar trabalhador sem casa e procurar uma serva sem filhos
 te aconselho, pois é complicada uma empregada com cria.
 Cuida também de um cão de dentes afiados (não economizes na sua comida),
 para que nunca um homem que dorme de dia roube tuas coisas. (605)
 Leva para casa feno e palha,
 o bastante para os bois e as mulas. E então
 que os servos descansem os joelhos e tirem o jugo dos bois.
 Quando Órion e Sírius chegarem ao meio
 do céu e a dedirrósea Aurora vir Arcturo, (610)
 ó Perses, então colhe todos os cachos de uva e leva-os para casa.
 Deixa-os no sol por dez dias e dez noites,
 na sombra por cinco, e no sexto derrama em jarros
 o presente de Dioniso, o cheio de alegria.
 Mas quando as Plêiades, as Híades e a força de Órion (615)
 se põem, então é o tempo de lembrar-se da sementeira,
 e que o ano esteja preparado sob a terra.⁴⁹

ENSINAMENTOS SOBRE NAVEGAÇÃO

E se te tomar o desejo da navegação tempestuosa:
 quando as Plêiades, da força poderosa de Órion

49 A palavra *πλειών* é usada na época helenística com o sentido de “ano” e como tal interpretada por Proclo (ad 614-617, p. 197 Pertusi) e pelos escólios ad 617a e b (p. 198 Pertusi); cf., mais recentemente, Wilamowitz, 1928, p. 111, e Beall, 2001, p. 163-164. Para West, 1978, ad loc., é “sem sentido” o verso que daí resulta. Isso o leva a seguir Mazon, 1914, p. 133, que, lembrando uma glosa de Hesíquio (*πλειόνει· σπείρει*), conjectura o significado de “semente” (da mesma forma, Ercolani, 2010, ad loc.). Considere-se, no entanto, que o que se coloca na terra agora assume seu pleno significado no ciclo do ano: o trabalho do ano depende da boa sementeira, e portanto é o ano que se planta. Não é uma metáfora forçada.

φεύγουσαι πίπτωσιν ἐς ἠεροειδέα πόντον, 620
 δὴ τότε παντοίων ἀνέμων θύουσιν ἀῆται·
 καὶ τότε μηκέτι νῆας ἔχειν ἐνὶ οἴνοπι πόντῳ,
 γῆν δ' ἐργάζεσθαι μεμνημένος, ὥς σε κελεύω.
 νῆα δ' ἐπ' ἠπείρου ἐρύσαι πυκάσαι τε λίθοισιν
 πάντοθεν, ὄφρ' ἴσχωσ' ἀνέμων μένος ὑγρὸν ἀέντων, 625
 χεῖμαρον ἐξερύσας, ἵνα μὴ πύθη Διὸς ὄμβρος.
 ὄπλα δ' ἐπάρμενα πάντα τεῶ ἐγκάτθεο οἴκῳ,
 εὐκόσμως στολίσας νηὸς πτερὰ ποντοπόροιο·
 πηδάλιον δ' εὐεργὲς ὑπὲρ καπνοῦ κρεμάσασθαι·
 αὐτὸς δ' ὠραῖον μίμνειν πλόον, εἰς ὃ κεν ἔλθῃ· 630
 καὶ τότε νῆα θοὴν ἄλαδ' ἐλκέμεν, ἐν δέ τε φόρτον
 ἄρμενον ἐντύνασθαι, ἵν' οἴκαδε κέρδος ἄρῃαι·
 ὥς περ ἐμός τε πατὴρ καὶ σός, μέγα νήπιε Πέρση,
 πλωίζεσκ' ἐν νηυσὶ βίου κεχρημένος ἐσθλοῦ.
 ὅς ποτε καὶ τύιδ' ἦλθε πολὺν διὰ πόντον ἀνύσσας 635
 Κύμην Αἰολίδα προλιπὼν ἐν νηὶ μελαίνῃ,
 οὐκ ἄφενος φεύγων οὐδὲ πλοῦτόν τε καὶ ὄλβον,
 ἀλλὰ κακὴν πενήνῃ, τὴν Ζεὺς ἄνδρεςσι δίδωσιν·
 νάσσατο δ' ἄγχ' Ἐλικῶνος οἰζυρῇ ἐνὶ κόμῃ,
 Ἄσκηρῃ, χεῖμα κακῇ, θέρει ἀργαλέῃ, οὐδέ ποτ' ἐσθλῇ. 640
 Τύνη δ', ὦ Πέρση, ἔργων μεμνημένος εἶναι
 ὠραίων πάντων, περὶ ναυτιλίας δὲ μάλιστα.
 νῆ' ὀλίγην αἰνεῖν, μεγάλη δ' ἐνὶ φορτία θέσθαι·
 μεῖζων μὲν φόρτος, μεῖζον δ' ἐπὶ κέρδει κέρδος

621 θύουσιν ο

fugindo, caem no mar nebuloso, (620)
então os sopros de todos os ventos lançam-se furiosamente.
Então não mantenha barcos no mar cor de vinho,
mas trabalha a terra, lembrando-te do que ordeno.
Puxa o barco para a terra firme e o rodeia com pedras
de todos os lados, contendo assim a fúria úmida (625)
dos ventos que sopram,
e retira o tampão do fundo do barco, para que a chuva de Zeus não o apodreça.
Coloca em tua casa todo o equipamento bem ajustado,
em boa ordem dobrando as asas da nau que atravessa o mar;
o timão bem trabalhado sobre a lareira suspende.
Tu próprio, espera que venha o momento certo para a navegação. (630)
Então arrasta a rápida nau para o mar, e dentro a carga
adequada dispõe, para que leves lucro para casa –
assim meu e teu pai, ó Perses, seu grande tolo,
necessitando de um bom sustento, costumava navegar em barcos.
Um dia aqui chegou, depois de cruzar muito mar, (635)
deixando a eólia Cime numa nau negra,
não para fugir à abundância, à riqueza, à prosperidade,
mas sim à pobreza má, que Zeus dá aos homens.
Veio morar perto do Hélicon, num vilarejo miserável,
Ascra, ruim no inverno, difícil no verão, nunca boa. (640)
E tu, Perses, lembra-te dos trabalhos
todos na hora certa, sobretudo quanto à navegação.
Elogia a nau pequena, mas põe tua carga numa grande:
quanto mais carga, mais lucro sobre lucro,

ἔσσεται, εἴ κ' ἄνεμοί γε κακὰς ἀπέχουσιν ἀήτας. 645

Εὐτ' ἂν ἐπ' ἐμπορίην τρέψας ἀεσίφρονα θυμόν
βούλῃαι χρέα τε προφυγεῖν καὶ λιμὸν ἀτερπέα,
δείξω δὴ τοι μέτρα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης,
οὔτέ τι ναυτιλῆς σεσοφισμένος οὔτέ τι νηῶν·
οὐ γάρ πώ ποτε νηὶ γ' ἐπέπλων εὐρέα πόντον, 650

εἰ μὴ ἐς Εὐβοίαν ἐξ Αὐλίδος, ἧ ποτ' Ἀχαιοὶ
μείναντες χειμῶνα πολὺν σὺν λαὸν ἄγειραν
Ἑλλάδος ἐξ ἱερῆς Τροίην ἐς καλλιγύναικα.
ἔνθα δ' ἐγὼν ἐπ' ἄεθλα δαΐφρονος Ἀμφιδάμαντος
Χαλκίδα {τ'} εἰσεπέρησα· τὰ δὲ προπεφραδμένα πολλὰ 655

ἄθλ' ἔθεσαν παῖδες μεγαλήτορος· ἔνθά μὲ φημι
ὑμῶν νικήσαντα φέρειν τρίποδ' ὠτώεντα.
τὸν μὲν ἐγὼ Μούσης Ἑλικωνιάδεσσ' ἀνέθηκα,
ἔνθά με τὸ πρῶτον λιγυρῆς ἐπέβησαν ἀοιδῆς.
τόσσόν τοι νηῶν γε πεπεῖρημαι πολυγόμων· 660

ἀλλὰ καὶ ὧς ἐρέω Ζηνὸς νόον αἰγιόχοιο·
Μοῦσαι γάρ μ' ἐδίδαξαν ἀθέσφατον ὕμνον ἀείδειν.

Ἦματα πεντήκοντα μετὰ τροπὰς ἠελίοιο,
ἐς τέλος ἐλθόντος θέρεος, καματώδεος ὥρης,

647 βούλῃαι Spohn : βούλῃαι δὲ ο (βούλῃαι δὴ φ₃, βούλῃαι δὲ Triclinius) ||
φυγεῖν ψ₆^{ac}ψ₉ Triclinius

648 ἔργα ψ₉^{ac}

650²-662 ath. Plutarchus, decem uersus (651-660) ath. quidam ap. Σ_C

655 τ' del. Wilamowitz

657 ὕ. v. ἐν Χαλκίδι θεῖον Ὅμηρον Σ^{γρ}

659 λυγρῆς C

se os ventos retiverem os maus sopros. (645)

Quando quiseres fugir à necessidade e à fome triste
voltando o louco espírito para o mercado,
mostrarei a ti as medidas do mar de altos bramidos,
eu que nem sou instruído em navegação ou em navios.

Na verdade eu nunca naveguei sobre o largo mar, (650)

a não ser para Eubeia partindo de Áulis, onde uma vez os Aqueus,
esperando o fim do inverno, reuniram um grande exército
da Hélade sagrada para ir a Troia de belas mulheres.

De lá, para os jogos do valoroso Anfidamante
eu fiz a travessia a Cálcis: muitos prêmios anunciados (655)

os filhos do herói magnânimo colocaram em jogo. E me orgulho de ali,
vencendo com um hino, ter levado uma trípode com asas,⁵⁰
que eu dediquei às Musas do Hélicon,

onde elas primeiro me puseram no caminho do canto claro.
Tal foi de fato minha única experiência com naus bem pregadas, (660)
mas mesmo assim direi o designio de Zeus porta-égide,
pois as Musas me ensinaram a cantar um hino extraordinário.⁵¹

Cinquenta dias depois do solstício,
quando vai para o fim o verão, estação de cansaço,

50 Literalmente, “com orelhas”. Os escólios (ad 657a, p. 206 Pertusi) preservam aqui uma variante bem pouco provável, mas curiosa, que diz que Hesíodo venceu em Cálcis “o divino Homero”. Trata-se de um resquício da tradição do *Certame* e de uma leitura desta passagem que a vincula a tal anedotário.

51 O adjetivo ἀθέσφατος pode significar também “indizível, inefável” (assim e.g. Cassanmagnano, 2009).

ὠραῖος πέλεται θνητοῖς πλόος· οὔτε κε νῆα 665
 καυάξαις οὔτ' ἄνδρας ἀποφθείσειε θάλασσα,
 εἰ δὴ μὴ πρόφρων γε Ποσειδάων ἐνοσίχθων
 ἢ Ζεὺς ἀθανάτων βασιλεὺς ἐθέλησιν ὀλέσσαι·
 ἐν τοῖς γὰρ τέλος ἐστὶν ὁμῶς ἀγαθῶν τε κακῶν τε.
 τῆμος δ' εὐκρινέες τ' αἴραι καὶ πόντος ἀπήμων· 670
 εὐκηλος τότε νῆα θοὴν ἀνέμοισι πιθήσας
 ἐλκόμεν ἐς πόντον φόρτόν τ' ἐς πάντα τίθεσθαι.
 σπεύδειν δ' ὅττι τάχιστα πάλιν οἰκόνδε νέεσθαι,
 μηδὲ μένειν οἶνόν τε νέον καὶ ὄπωρινὸν ὄμβρον
 καὶ χειμῶν' ἐπιόντα Νότοιο τε δεινὰς ἀήτας, 675
 ὅς τ' ὄρινε θάλασσαν ὁμαρτήσας Διὸς ὄμβρω
 πολλῶ ὄπωρινῶ, χαλεπὸν δέ τε πόντον ἔθηκεν.
 Ἄλλος δ' εἰαρινὸς πέλεται πλόος ἀνθρώποισιν·
 ἦμος δὴ τὸ πρῶτον, ὅσον τ' ἐπιβᾶσα κορώνη
 ἵχνος ἐποίησεν, τόσσον πέταλ' ἀνδρὶ φανήη 680
 ἐν κράδῃ ἀκροτάτῃ, τότε δ' ἄμβατός ἐστι θάλασσα·
 εἰαρινὸς δ' οὗτος πέλεται πλόος. οὐ μιν ἔγωγε
 αἴνημι· οὐ γὰρ ἐμῶ θυμῶ κεχαρισμένος ἐστίν·
 ἀρπακτός· χαλεπῶς κε φύγοις κακόν· ἀλλὰ νυ καὶ τά
 ἀνθρωποι ῥέζουσιν αἰδρεΐησι νόοιο· 685
 χρήματα γὰρ ψυχὴ πέλεται δειλοῖσι βροτοῖσιν.
 δεινὸν δ' ἐστὶ θανεῖν μετὰ κύμασιν· ἀλλὰ σ' ἄνωγα
 φράζεσθαι τάδε πάντα μετὰ φρεσίν, ὡς ἀγορεύω.
 Μηδ' ἐν νηυσὶν ἅπαντα βίον κοίλῃσι τίθεσθαι,

680 φανείη ο : corr. Rzach

é para os mortais a hora certa de navegar. Então a nau (665)
não quebrarás nem o mar aniquilará teus homens,
se de propósito Posídon abalador da terra
ou Zeus rei dos imortais não os quiser destruir,
pois com eles está igualmente o fim das coisas boas e das más.
Então as brisas estão regulares e o mar propício; (670)
tu, seguro, confiando nos ventos, a rápida nau
arrasta até o mar e coloca nela toda a tua carga.
Esforça-te para voltar para casa o mais rápido possível:
não esperes o vinho novo e a chuva do fim do verão,
o inverno que vem a seguir e os temíveis sopros do Noto, (675)
que levanta o mar, acompanhando a chuva de Zeus
abundante no fim do verão, e torna o mar difícil.

Existe uma outra navegação para os humanos: a da primavera.
Logo que o tamanho da pegada que a gralha faz andando
parecer aos homens igual ao das folhas (680)
na ponta de um ramo de figueira, então o mar é navegável.
Essa é a navegação da primavera; quanto a mim,
não a recomendo; não me agrada em meu coração.
É um instante para agarrar; dificilmente fugirias ao mal; mas até isso
os humanos realizam, mentes ignaras: (685)
pois a propriedade é o sopro da vida para os infelizes mortais.
E é horrível morrer entre as ondas. Mas te aconselho
a pensar sobre tudo isso em teu coração, conforme te digo.

Não coloques todo o teu sustento em côncavas naus,

ἀλλὰ πλέω λείπειν, τὰ δὲ μείονα φορτίζεσθαι· 690
 δεινὸν γὰρ πόντου μετὰ κύμασι πῆματι κύρσαι,
 δεινὸν δ' εἴ κ' ἐπ' ἄμαξαν ὑπέρβιον ἄχθος αἰείρας
 ἄξονα καυάξαις καὶ φορτία μαυρωθείη.
 μέτρα φυλάσσεσθαι· καιρὸς δ' ἐπὶ πᾶσιν ἄριστος.
 Ὠραῖος δὲ γυναῖκα τεδὸν ποτὶ οἶκον ἄγεσθαι, 695
 μήτε τριηκόντων ἐτέων μάλα πόλλ' ἀπολείπων
 μήτ' ἐπιθεὶς μάλα πολλά· γάμος δέ τοι ὄριος οὔτος.
 ἡ δὲ γυνὴ τέτορ' ἠβώοι, πέμπτω δὲ γαμοῖτο.
 παρθενικὴν δὲ γαμεῖν, ὥς κ' ἤθεα κεδνὰ διδάξεις·
 {τὴν δὲ μάλιστα γαμεῖν, ἥτις σέθεν ἐγγύθι ναίει,} 700
 πάντα μάλ' ἀμφὶς ἰδών, μὴ γείτοσι χάρματα γήμης.
 οὐ μὲν γάρ τι γυναικὸς ἀνὴρ ληίζετ' ἄμεινον
 τῆς ἀγαθῆς, τῆς δ' αὖτε κακῆς οὐ ρίγιον ἄλλο,
 δειπνολόχης, ἢ τ' ἄνδρα καὶ ἴφθιμόν περ ἑόντα
 εὔει ἄτερ δαλοῖο καὶ ὠμῶ γήραϊ δῶκεν. 705
 {εὖ δ' ὅπιν ἀθανάτων μακάρων πεφυλαγμένος εἶναι.}
 Μηδὲ κασιγνήτῳ ἴσον ποιεῖσθαι ἐταῖρον·
 εἰ δέ κε ποιήσης, μή μιν πρότερος κακὸν ἔρξης,
 μηδὲ ψεύδεσθαι γλώσσης χάριν· εἰ δὲ σέ γ' ἄρχη

699 διδάξεις H³

700 om. Π₅Π₄₉ Stobaeus, non respic. Proclus : habent ο ψ₁₃^{mg} Tzetzes

706 susp. Lehrs : exp. Wilamowitz al. : post 723 transp. Steitz

708 ἔρξης Π₅εο : -αι Solmsen

mas deixa a maior parte e carrega a menor, (690)
 pois é terrível encontrar a desgraça entre as ondas do mar,
 e é terrível, se colocas fardo excessivo no carro,
 quebrar o eixo e a carga se estragar.
 Observa a medida: o oportuno é em tudo o melhor.

OUTROS CONSELHOS SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS

No tempo certo desposa uma mulher, (695)
 quando faltarem não muitos anos para alcançares os trinta,
 ou sem ultrapassares muito essa idade: é o casamento no tempo certo.
 A mulher, na puberdade por quatro anos, deve se casar no quinto.
 Desposa uma virgem, para que lhe ensines sábios costumes;
 { de preferência casa-te com uma mulher que mora perto de ti, } (700)
 olhando bem tudo à volta: não desposes um motivo
 de riso para os vizinhos.

Pois um homem não consegue nada melhor que uma mulher
 boa, mas não há coisa mais horrível que uma má,
 à espreita de jantares, que ao homem, mesmo sendo vigoroso,
 assa-o sem chama e entrega à velhice prematura. (705)
 { Observa bem o olhar dos imortais bem-aventurados. }

Não trata um amigo como um irmão,
 mas, se o fizeres, não sejas o primeiro a agir mal com ele,
 nem uses linguagem mentirosa.⁵² E se ele começar,

52 A expressão *ψεύδεσθαι γλώσσης χάριν* não tem paralelo exato na literatura grega. Uma tradução como “nem mintas pelo prazer de falar” (sugerida por Mazon, 1928, Ercolani, 2010, e outros) parece sugerir que outras formas de mentira são toleráveis. West, 1978, ad loc., defende sua interpretação (“offer false tongue-favour”) citando os mesmos passos referidos por Hays (ap. Ercolani, 2010, ad loc.) para defender o outro entendimento do texto. Nossa tradução é conjectural.

ἢ τι ἔπος εἰπὼν ἀποθύμιον ἠὲ καὶ ἔρξας, 710
 δις τόσα τείνουσθαι μεμνημένος· εἰ δέ κεν αὐτίς
 ἠγήτ' ἐς φιλότητα, δίκην δ' ἐθέλησι παρασχεῖν,
 δέξασθαι· δειλός τοι ἀνὴρ φίλον ἄλλοτε ἄλλον
 ποιεῖται· σὲ δὲ μή τι νόος κατελεγχέτω εἶδος.

Μηδὲ πολύξεινον μηδ' ἄξεινον καλέεσθαι, 715
 μηδὲ κακῶν ἔταρον μηδ' ἐσθλῶν νεικεστήρα.
 μηδὲ ποτ' οὐλομένην πενήνη θυμοφθόρον ἀνδρὶ
 τέτλαθ' ὄνειδίζειν, μακάρων δόσιν αἰὲν ἐόντων.
 γλώσσης τοι θησαυρὸς ἐν ἀνθρώποισιν ἄριστος
 φειδωλῆς, πλείστη δὲ χάρις κατὰ μέτρον ἰούσης· 720
 εἰ δὲ κακὸν εἴποις, τάχα κ' αὐτὸς μείζον ἀκούσας.

μηδὲ πολυξείνου δαιτὸς δυσπέμφελος εἶναι·
 ἐκ κοινοῦ πλείστη τε χάρις δαπάνη τ' ὀλιγίστη.
 μηδὲ ποτ' ἐξ ἠοῦς Διὶ λείβειν αἴθοπα οἶνον
 χερσὶν ἀνίπτοισιν μηδ' ἄλλοις ἀθανάτοισιν· 725
 οὐ γὰρ τοί γε κλύουσιν, ἀποπτύουσι δέ τ' ἀράς.
 μηδ' ἄντ' ἠελίου τετραμμένος ὀρθὸς ὀμιχεῖν·
 αὐτὰρ ἐπεὶ κε δύη, μεμνημένος, ἕς τ' ἀνιόντα,
 μήτ' ἐν ὁδῶ μήτ' ἐκτὸς ὁδοῦ προβάδην οὐρήσης

711 τείνουσθαι edd. : τίν(ν)υσθαι *e* CDH : τίνεσθαι *E*

714 νόος *Σe* CD^{ac} : νόον Π₅D^{pc}EH Proclus *t*

724-759 Hesiodo abiud. Wilamowitz al.

729 post 730 transp. Solmsen

falando ou agindo de modo odioso, (710)
lembra-te de dar punição duas vezes maior. Mas se de novo
procurar a tua amizade, e quiser oferecer reparação,
aceita: bem miserável o homem que a cada momento muda de amigos:
que em nada a tua intenção desminta a tua aparência.

Não te chamem homem de muitos hóspedes ou (715)
de nenhum hóspede,
nem companheiro dos maus ou alguém em rixa com os bons.
Nunca a pobreza maldita, corruptora do coração, a um homem
ouses censurar, pois é coisa dada pelos bem-aventurados eternos.
O maior tesouro entre os humanos é uma língua (720)
econômica; o maior favor encontra uma língua que fala na medida.
Se disseres algo mau, rapidamente algo pior ouvirás.
Não sejas rabugento num banquete com muitos convidados:
com despesas repartidas o prazer é maior e o gasto menor.

CONSELHOS SOBRE RELIGIÃO; PRÁTICAS A SEREM EVITADAS

Nunca na aurora faças libações de vinho ardente a Zeus (725)
sem lavar as mãos, nem a outros imortais,
pois assim não te ouvem, e cospem de volta tuas orações.
Evita mijar de pé voltado para o sol,
e lembra-te, desde o ocaso até o amanhecer,
de não urinar no caminho nem fora dele ao caminhares,

μηδ' ἀπογυμνωθεῖς· μακάρων τοι νύκτες ἕασιν· ἐζόμενος δ' ὅ γε θεῖος ἀνὴρ, πεπνυμένα εἰδώς, ἢ ὅ γε πρὸς τοῖχον πελάσας εὐερκέος αὐλῆς. μηδ' αἰδοῖα γονῆ πεπαλαγμένος ἔνδοθι οἴκου ἰστίη ἐμπελαδὸν παραφαινέμεν, ἀλλ' ἀλέασθαι.	730
μηδ' ἀπὸ δυσφήμοιο τάφου ἀπονοστήσαντα σπερμαίνειν γενεήν, ἀλλ' ἀθανάτων ἀπὸ δαιτός. μηδέ ποτ' αἰενάων ποταμῶν καλλίρροον ὕδωρ ποσσι περᾶν πρὶν γ' εὗξῃ ἰδὼν ἐς καλὰ ῥέεθρα, χειρας νιψάμενος πολυηράτῳ ὕδατι λευκῶ· ὃς ποταμὸν διαβῆ κακότητ' ἰδὲ χειρας ἄνιπτος, τῷ δὲ θεοὶ νεμεσῶσι καὶ ἄλγεα δῶκαν ὀπίσσω.	735
μηδ' ἀπὸ πεντόζοιο θεῶν ἐν δαιτὶ θαλεῖη αἶον ἀπὸ χλωροῦ τάμνειν αἴθωνι σιδήρῳ. μηδέ ποτ' οἶνοχόην τιθέμεν κρητῆρος ὑπερθεν πινόντων· ὀλοή γὰρ ἐπ' αὐτῷ μοῖρα τέτυκται.	740
μηδὲ δόμον ποιῶν ἀνεπίξεστον καταλείπειν, μή τοι ἐφεζομένη κρώξῃ λακέρυζα κορώνη. μηδ' ἀπὸ χυτροπόδων ἀνεπιρρέκτων ἀνελόντα ἔσθην μηδὲ λόεσθαι, ἐπεὶ καὶ τοῖς ἔπι ποινή. μηδ' ἐπ' ἀκινήτοισι καθίζειν, οὐ γὰρ ἄμεινον, παῖδα δυωδεκαταῖον, ὅ τ' ἀνέρ' ἀνήγορα ποιεῖ, μηδὲ δυωδεκάμηνον· ἴσον καὶ τοῦτο τέτυκται.	745
	750

736a (= 758) μηδ' ἐπὶ κρηνάων οὐρεῖν, μάλα δ' ἐξαλέασθαι non hab. Π₅Π₃₉ω₂
Proclus Moschopolus Triclinius

740 ath. Aristarchus

741 om. Π₃₉

749 ἔπι Steitz : ἐν ο

nem completamente nu: as noites pertencem aos bem-aventurados. (730)
 Agachado o faz quem é homem religioso, conhecedor do que é sábio,
 ou aproximando-se do muro de um pátio bem cercado.
 E não apareças com os genitais salpicados de esperma
 perto do altar da casa, mas evita-o.
 Nem depois de voltar de um funeral (mau agouro!) (735)
 concebas prole, mas vindo de um banquete dos deuses.⁵³
 Nunca a água que corre bela dos rios sempre-fluentes
 atravesses a pé antes de rezares olhando para a bela corrente,
 tendo lavado as mãos com água límpida, tão amável.
 Quem atravessa um rio sem lavar sua maldade e suas mãos, (740)
 com ele os deuses se indignam e depois lhe dão dores.
 Nem cortes do galho de cinco ramos, no rico banquete dos deuses,
 o seco do verde com o ferro ardente.⁵⁴
 E nunca coloques o jarro de verter vinho sobre a cratera
 dos que estão bebendo, pois destino funesto a isso se liga. (745)
 Fazendo uma casa, não a deixes com saliências,
 para que uma gralha gritadora não pouse no teu teto a grasnar.
 Nem tomes de caldeirões não consagrados
 para comeres ou te lavares, já que nisso também há castigo.
 Nem ponhas sentado sobre invioláveis⁵⁵ (pois não é vantagem) (750)
 um menino de doze dias – deixa um homem sem virilidade –,
 nem um de doze meses: ocorre o mesmo.

53 Os principais manuscritos (C, D, E e H) trazem um texto idêntico ao do verso 758 também entre o 736 e o 737. Neste local, o verso recebe a numeração 736a. Omitem-no, contudo, entre outros, dois importantes testemunhos antigos: um papiro do século II (P. Oxy. 3220) e um fragmento de pergaminho do século IV (P. Vindob. G 19815). Ver aparato crítico.

54 Proibição de cortar as unhas durante um sacrifício. Linguagem análoga à de 524, por exemplo.

55 Túmulos e altares. Ver West, 1978, ad loc.

μηδὲ γυναικείῳ λουτρῷ χροῖα φαιδρύνεσθαι
 ἀνέρα· λευγαλέη γὰρ ἐπὶ χρόνον ἔστ' ἐπὶ καὶ τῷ
 ποιή. μηδ' ἱεροῖσιν ἐπ' αἰθομένοισι κυρήσας 755
 μωμεύειν αἰδέηλα· θεός νύ τε καὶ τὰ νεμεσσᾶ.
 μηδέ ποτ' ἐν προχοῆς ποταμῶν ἄλλαδε προρεόντων
 μηδ' ἐπὶ κρηνάων οὐρεῖν, μάλα δ' ἐξאלέασθαι,
 μηδ' ἐναποψύχειν· τὸ γὰρ οὗ τοι λωίον ἐστιν.
 ὦδ' ἔρδειν· δεινὴν δὲ βροτῶν ὑπαλεύεο φήμην· 760
 φήμη γάρ τε κακὴ πέλεται, κούφη μὲν ἀεῖραι
 ῥεῖα μάλ', ἀργαλέη δὲ φέρειν, χαλεπὴ δ' ἀποθέσθαι.
 φήμη δ' οὗ τις πάμπαν ἀπόλλυται, ἦντινα πολλοὶ
 λαοὶ φημίξουσι· θεός νύ τις ἐστι καὶ αὐτή.
 Ἕματα δ' ἐκ Διόθεν πεφυλαγμένος εὖ κατὰ μοῖραν 765
 πεφραδέμεν δμώεσσι· τριηκάδα μηνὸς ἀρίστην
 ἔργα τ' ἐποπτεύειν ἢδ' ἀρμαλιὴν δατέασθαι,
 εὖτ' ἂν ἀληθείην λαοὶ κρίνοντες ἄγωσιν.
 αἶδε γὰρ ἡμέραι εἰσὶ Διὸς παρὰ μητιόεντος·

756 νύ τε Guyet : νύ τι Π₅Sψ₁₀ : νύ τοι Σeo

757 πρ]οχοῆς Π₅, -αῖς Proclus^λ : -ἦ eo

757-759 damn. Plutarchus : post 736 transp. West

760 δεινὴν eo : δε[ι]ληγ Π₅

765-828 Hesiodo abiud. Nilsson al.

768 post **769** transp. Schoemann, quo ordine fortasse habebat Π₆₀ (teste Luiselli)

Com a água do banho de uma mulher não se lave
um homem: também a isso liga-se, por um tempo, triste
castigo. Nem te deparando com sacrifício a queimar (755)
critiques os ritos: também com isso o deus fica irado.

Nunca nas águas dos rios que correm para o mar
nem em fontes urines: evita-o completamente.

Nem ali evacues: isso não é aconselhável.⁵⁶

Faz assim; e foge ao terrível rumor dos mortais, (760)
pois o rumor é mau, rápido para se criar
com grande facilidade, penoso para suportar, difícil de deixar de lado.
Nenhum rumor se destrói completamente quando muita
gente o divulga: é que também ele é um deus.

OS DIAS

Os dias vindos de Zeus observa bem conforme (765)
o lote de cada um,
e mostra-os aos servos: o dia trinta do mês é o melhor
para supervisionar os trabalhos e distribuir o alimento,
quando o povo julga corretamente ao celebrá-lo.⁵⁷
Estes dias vêm da parte de Zeus sábio:

56 Proclo (*Scholia uetera ad 757-759*, p. 231 Pertusi): “Plutarco cancela essas palavras como vis e indignas da Musa da educação: não urinar nem defecar – pois isso é o que significa ἀπορύχειν – nas águas dos rios e nas fontes; talvez dê Hesíodo essas instruções tendo em vista a idiotice da maioria, pois nem todos possuem inteligência, e até isso alguns poderiam negligenciar”.

57 West, 1988, ad loc.: “Os meses oscilavam entre vinte e nove e trinta dias, já que as comunidades tentavam manter seus calendários de acordo com a lua, mas em ambos os casos o último dia era chamado ‘trinta’. Frequentemente não se sabia com certeza se o ‘trinta’ seria um ou dois dias depois do vinte e oito”.

- πρῶτον ἔνη τετράς τε καὶ ἐβδόμη ἱερὸν ἦμαρ 770
 (τῇ γὰρ Ἀπόλλωνα χρυσάορα γείνατο Λητώ)
 ὀγδοάτη τ' ἐνάτη τε. δύω γε μὲν ἦματα μηνός
 ἔξοχ' ἀεξομένοιο βροτήσια ἔργα πένεσθαι,
 ἐνδεκάτη δὲ δυωδεκάτη τ'. ἄμφω γε μὲν ἐσθλαί,
 ἡμὲν ὅις πείκειν ἡδ' εὐφρονα καρπὸν ἀμᾶσθαι, 775
 ἡ δὲ δυωδεκάτη τῆς ἐνδεκάτης μέγ' ἀμείνων·
 τῇ γὰρ τοι νῆ νήματ' ἀερσιπότητος ἀράχνης
 ἦματος ἐκ πλείου, ὅτε τ' ἴδρις σωρὸν ἀμᾶται·
 τῇ δ' ἴστων στήσαιτο γυνὴ προβάλοιτό τε ἔργον.
 Μηνός δ' ἴσταμένου τρισκαιδεκάτην ἀλέασθαι 780
 σπέρματος ἄρξασθαι· φυτὰ δ' ἐνθρέψασθαι ἀρίστη.
 ἔκτη δ' ἡ μέσση μάλ' ἀσύμφορός ἐστι φυτοῖσιν,
 ἀνδρογόνος δ' ἀγαθή· κούρη δ' οὐ σύμφορός ἐστιν,
 οὔτε γενέσθαι πρῶτ' οὔτ' ἄρ γάμου ἀντιβολῆσαι.
 οὐδὲ μὲν ἡ πρώτη ἔκτη κούρη γε γενέσθαι 785
 ἄρμενος, ἀλλ' ἐρίφους τάμνειν καὶ πῶεα μῆλων
 σηκόν τ' ἀμφιβαλεῖν ποιμνήιον ἥπιον ἦμαρ·
 ἐσθλή δ' ἀνδρογόνος· φιλέοι δέ κε κέρτομα βάζειν
 ψεύδεά θ' αἰμυλίους τε λόγους κρυφίους τ' ὄαρισμούς.

772 τ' ο : δ' Π₅Π₆₀ Etymologicum Tittmanni

776-790 deest E, 776 hab. Π₆₁

780 τρισκαιδεκάτην ο : corr. Sittl

781 σπέρματoς ἄρξασθαι Π₅D : σπέρματα δάσ(σ)ασθαι CHt

782 πέμπτη t || μάλ' ἀσύμφορος ΣC^{ac}DH : μάλα σύμφορος C^{pc} Proclus

785 κούρη γε Rzach : κούρη τε Π₅D : κούρησι CH

788 κέρτομα Π₅DH : κέρδεα Cψ₇

para começar, são dias sagrados o primeiro, o quatro, o sete (770)
 (pois neste Leto deu à luz Apolo de espada de ouro),
 o oito e o nove. Dois dias do mês
 crescente⁵⁸ são superiores para aprontar os trabalhos dos mortais:
 o dia onze e o doze, e ambos são bons
 para tosar ovelhas e colher o fruto benévolo, (775)
 mas o doze é muito melhor que o onze,
 pois nele tece os fios a aranha que voa no alto⁵⁹
 ao meio-dia, quando a que sabe⁶⁰ junta a sua pilha.
 Que nesse dia a mulher coloque de pé o tear e se entregue ao trabalho.
 No dia treze depois do início do mês evita (780)
 começar a sementeira; mas ele é o melhor para transplantar mudas.
 O seis do meio⁶¹ é muito nocivo para as plantas,
 mas bom para nascerem meninos. Já para uma menina não é conveniente,
 nem para nascer nem para contrair núpcias.
 Nem o primeiro seis é adequado para uma menina nascer, (785)
 mas sim para castrar cabritos e carneiros,
 e para fazer o cercado das ovelhas é um dia favorável.
 É bom para um menino nascer: mas poderá amar troças,
 mentiras, palavras sedutoras e companhias secretas.

58 Certas expressões que acompanham a palavra μείς (“mês”) refletem um antigo sentido alternativo do termo (“lua”). Uma tradução nessa linha também seria possível em 780 (ver West, 1978, ad loc.).

59 O composto ἀερσιπότητος é anômalo, com dois elementos verbais. Tradução aproximativa.

60 A formiga (o termo é assim interpretado já pelo Escoliasta ad 778c, p. 242 Pertusi; ver também Ercolani, 2010, ad loc. e p. 32-33). Beall, 2001, p. 166-167, não está convencido (“The text might only mean that he who stacks fodder for his livestock on the twelfth of the month is *idris*”).

61 O dia dezesseis (para essa forma de designar os dias, ver e.g. Cassanmagnano, 2009, p. 969, n. 185).

No dia oito do mês, o javali e o boi de mugido sonoro (790)
castra, e as mulas trabalhadeiras no dia doze.

No grande vinte, em pleno dia, homem sábio
nasce: será em verdade de inteligência bem consistente.
O dez é bom para menino nascer, e para menina o quatro
do meio. Neste, doma ovelhas, bois de chifres recurvos (795)

e andar ondulante,
o cão de dentes afiados e as mulas trabalhadeiras,
colocando sobre eles a mão. Tem em mente
evitar o dia quatro do fim do mês⁶² e do início
para devorar o espírito com dores: é dia inteiramente sagrado.
E no quatro do mês leva para casa uma esposa, (800)
tomando às aves os melhores auspícios para essa empresa.

Evita os dias cinco, pois são difíceis e terríveis:
pois dizem que no cinco as Erínias cuidaram
do Juramento recém-nascido, que a Luta deu à luz
como punição dos perjuros.⁶³

O sete do meio é para joeirar o trigo santo de Deméter (805)
na eira arredondada, olhando com cuidado;
que nele o lenhador corte madeira para o quarto de dormir
e muitas tábuas para os navios, que se adaptem bem a uma nau;
e no dia quatro começa a pregar barcos estreitos.

62 Não é necessariamente o dia vinte e quatro. Pode ser que Hesíodo, contando a partir do final do mês, assim chamasse o vinte e sete (West, 1978, ad loc.).

63 Conforme a *Teogonia* 226-232.

- Εἰνὰς δ' ἡ μέσση ἐπὶ δεῖελα λώιον ἦμαρ· 810
 πρωτίστη δ' εἰνὰς παναπήμων ἀνθρώποισιν·
 ἐσθλή μὲν γάρ θ' ἢ γε φυτευέμεν ἠδὲ γενέσθαι
 ἀνέρι τ' ἠδὲ γυναικί, καὶ οὐ ποτε πάγκακον ἦμαρ.
 παῦροι δ' αὐτε ἴσασι τρισεινάδα μηνὸς ἀρίστην
 ἄρξασθαί τε πίθου καὶ ἐπὶ ζυγὸν ἀνχένη θεῖναι 815
 βουσί καὶ ἡμιόνοισι καὶ ἵπποις ὠκυπόδεσσι,
 νέα <τε> πολυκλήιδα θοὴν εἰς οἴνοπα πόντον
 εἰρύμεναι· παῦροι δέ τ' ἀληθέα κικλήσκουσιν.
 τετράδι δ' οἶγε πίθον – περὶ πάντων ἱερὸν ἦμαρ –
 μέσση· παῦροι δ' αὐτε μετεικάδα μηνὸς ἀρίστην 820
 ἠοῦς γεινομένης· ἐπὶ δεῖελα δ' ἐστὶ χερείων.
 Αἶδε μὲν ἡμέραι εἰσὶν ἐπιχθονίοις μέγ' ὄνειαρ·
 αἱ δ' ἄλλαι μετάδουποι, ἀκήριοι, οὐ τι φέρουσαι,
 ἄλλος δ' ἀλλοίην αἰνεῖ, παῦροι δέ τ' ἴσασιν.
 ἄλλοτε μητριῇ πέλει ἡμέρη, ἄλλοτε μήτηρ. 825
 τάων εὐδαίμων τε καὶ ὄλβιος, ὃς τάδε πάντα
 εἰδὼς ἐργάζεται ἀναίτιος ἀθανάτοισιν,
 ὄρνιθας κρίνων καὶ ὑπερβασίας ἀλεείνων.

814 αὐτε edd. : αὐτ' ο

815 ἀνχένη Hermann : ἀνχένα ο

817 νέα τε Schaefer : νῆ]α Π₃ο Proclus

818 ελκεμ[ενα]ι Π₃

O nove do meio é melhor à tarde, (810)
 mas o primeiro nove é todo ele inofensivo para os humanos.
 Na verdade ele é bom para plantar e para nascer,
 tanto para homem quanto para mulher. Nunca é um dia de todo mau.
 Por outro lado, poucos sabem que o três-nove do mês⁶⁴ é ótimo
 para começar um jarro⁶⁵ e colocar o jugo no pescoço (815)
 dos bois, mulas e cavalos de pés rápidos,
 e para a rápida nau de muitos bancos para o mar cor de vinho
 puxar, e poucos o chamam pelo seu nome verdadeiro.
 Abre o jarro no quatro – entre todos dia sagrado –,
 no do meio. E poucos sabem que o vinte e um do mês é excelente (820)
 depois da aurora: à tarde é pior.

Esses dias são para os que habitam sobre a terra um grande proveito;
 outros dias são de presságios mutáveis, são privados de destino, nada trazem,
 e cada um louva um dia, mas poucos conhecem.
 Às vezes um dia é madrasta, às vezes mãe. (825)
 Feliz quanto aos dias e próspero aquele que, isso tudo
 sabendo, trabalhar sem ofender os deuses,
 tomando às aves auspícios e evitando transgressões.

64 O sentido de τρισεινάδα é incerto. O Escoliasta ad 814a, p. 254 Pertusi, afirma que alguns o interpretam como o dia vinte e sete, outros como o vinte e nove (ver Ercolani, 2010, ad loc.).

65 No sentido de começar a consumir o que ele armazena. Ver 368.

APÊNDICE

Diferenças entre esta edição
e a de M. L. West (Oxford, 1978)

Verso(s)	Esta edição	West
21	χατίζει	χατίζων
42, 47	novo parágrafo em 42	novo parágrafo em 47
66	γυιοκόρους	γυιοβόρους
68	Ἄργειφόντην	ἀργειφόντην (ver também 77 e 84)
93	entre chaves	rebaixado para o aparato crítico
103	αὐτόματοι	αὐτόματα
173a	aceito	entre chaves
173a	sem ponto alto	ponto alto após ἀθανάτων
173b	αὐτὸς	apenas espaço para 4 ou 5 letras
173e	χθονὶ πουλυβοτείρη	em branco
192-193	δίκη δ' ἐν χερσί· καὶ αἰδώς οὐκ ἔσται	δίκη δ' ἐν χερσὶ καὶ αἰδώς ἐσσεῖται
227	ἀνθεῦσιν	ἀνθέουσιν

APÊNDICE

263	pontuação separando o vocativo	sem pontuação (cf. 299, 397, 633, 641)
299	ἐργάζεο	ἐργάζεο (cf. 397)
310	aceito	entre chaves (com ponto no final de 309)
313	πλουτεῦντα	πλουτέοντα
323	ἐξαπατήση	ἐξαπατήσει
330	τεο	τεο
381, 383	novo parágrafo em 383	novo parágrafo em 381
395	ponto no fim	travessão
400	ἀμελῶσιν	ἀμελέωσιν
426	no final da linha, vírgula	ponto
434	{γ'}	apenas no aparato crítico
448	ἐπακούσης	ἐπακούσεις
464	ἀλεξιάρη παιδων εὐκηλήτειρα	ἀλεξιάρης, Ἄιδωνέος κηλήτειρα
476	αἰρέμενον	αἰρέμενον
502	θήρεος	θήρεος
555	ἀμφικαλύψη	ἀμφικαλύψει
556	δεύση	δεύσει
565	ἐκτελέση	ἐκτελέσει

HEΣÍODO – OS TRABALHOS E OS DIAS

592	vírgula no final da linha	sem vírgula
655	{τ'} εἰσεπέρησα	τ' εἰς ἐπέρησα
685	αἰδρεΐησι	αἰδρήσι
700	suspeito	aceito
706	suspeito	aceito (com indentação)
708	ποιήσης	ποιήση
708	ἔρξης	ἔρξεις
721	ἔποις	ἔτης
727	ὀμιχεῖν	ὀμείχειν
729	οὐρήσης	οὐρήσεις
747	κρώξη	κρώξει
757-759	no lugar tradicional	depois de 736
760	δεινήν	δειλήν
824	(no fim) ponto	ponto elevado
825	(no fim) ponto	sem ponto
826	sem ponto após τάων	com ponto

RAÍZES DO PENSAMENTO ECONÔMICO

Com esta coleção, a SEGESTA EDITORA visa divulgar no Brasil obras inéditas de autores que são considerados fundamentais na formação do pensamento econômico e que, pela abordagem universal das questões, muito podem enriquecer o debate sobre os grandes temas econômicos da nossa época.

Convém salientar que as obras da coleção RAÍZES DO PENSAMENTO ECONÔMICO são cuidadosamente editadas na sua integralidade.

Neste mesmo projeto editorial, já publicamos:

- *Da moeda* (1751), de Ferdinando Galiani (Coedição com a Musa Editora)
- *Economistas políticos*. Escritos de Adam Smith, William Petty, Nicholas Barbon, Pierre de Boisguilbert, Benjamin Franklin, Encyclopédie de Diderot e D'Alembert, Turgot e David Ricardo (Coedição com a Musa Editora)
- *Ensaio sobre a natureza do comércio em geral* (1755), de Richard Cantillon
- *Breve tratado das causas que podem fazer os reinos desprovidos de minas ter abundância de ouro e prata* (1613), de Antonio Serra
- *Diálogos sobre o comércio de cereais* (1770), de Ferdinando Galiani
- *Pequeno tratado da primeira invenção das moedas* (1355), de Nicole Oresme
- *Tratado mercantil sobre a moeda* (1683), de Geminiano Montanari
- *Economistas portugueses*, Francisco Manuel de Melo e Duarte Ribeiro de Macedo

- *Novos princípios de economia política* (1819), de Jean-Charles L. Simonde de Sismondi

- **Próximos lançamentos:**

- *Escravidão, pobreza e mendicância*. Escritos de Benjamin Franklin, Pompeo Neri e Francesco Maria Gianni.
- *Tratado da circulação e do crédito*, de Isaac de Pinto.



SEGESTA
EDITORA

Mais informações estão disponíveis no site da editora:

www.segestaeditora.com.br

O e-mail é: segesta@uol.com.br

